Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 256 Terça-feira, 6 de Janeiro de 1987 Preço 40$00

CEME: Cavaco leva a Belém nome de Firmino Miguel

O primeiro-ministro Cavaco Silva deverá apresentar ao Presidente da República, na quinta-feira, o nome do general Firmino Miguel para ocupar o cargo de Chefe do Estado Maior do Exército. Competirá, depois, ao presidente Soares promulgar ou vetar a proposta governamental, mas fontes próximas de Belém consideram ser «pacífica» a aceitção de Firmino Miguel. A proposta, segundo se anuncia, será apresentada durante a habitual reunião semanal do chefe do Governo com o chefe de Estado.

Continua na pág. 24

MACHADO MACEDO

"URGÊNCIAS" SÃO A MAIOR NÓDOA DA MEDICINA PORTUGUESA

Pág. 5

LEI DA RÁDIO

Oposição contra-ataca hoje no Parlamento

Três intervenções — do PS, PRD e PCP — sobre a recente Lei do licenciamento de novas estações emissoras de rádio irão agitar o início da sessão parlamentar de hoje. Os deputados dos três partidos deverão responder às recentes acusações de certos sectores governamentais e à própria hierarquia da Igreja Católica que, recorde-se, pela voz do cardeal patriarca de Lisboa afirmou que na Assembleia da República «nem sempre se cuida do bem comum dos portugueses». Mas outra questão – a limitação dos poderes do Ministro da Agricultura quanto à atribuição de reservas na zona da Reforma Agrária – será também objecto de discussão, que se prevê acesa, tanto mais que a própria comissão parlamentar para o sector propôs já duas queixas contra o ministro Álvaro Barreto, por alegado não cumprimento de acordãos do Supremo Tribunal Administrativo.

Págs. 3 e 4

Rádio Renascença: a sua situação pós os bispos ao pulvorosa

"Sem esperança de recuperação"

JOÃO GASPAR SIMÕES LUTA COM A MORTE

Há muito poucas esperanças de salvar João Gaspar Simões, escritor e crítico literário que marcou toda uma geração de autores de língua portuguesa. Hospitalizado na sexta-feira com uma crise renal agravada por complicações cardíacas, Gaspar Simões, de 84 anos, encontra-se desde então em estado de coma. «O seu estado é o pior possível», segundo uma fonte do Hospital da CUF, onde foi internado, que comentou: «Não há esperança de recuperação».

João Gaspar Simões, romancista, ensaísta e um dos grandes biógrafos de Fernando Pessoa, com quem manteve correspondência, notabilizou-se nas últimas décadas pela sua actividade crítica, mais conhecida pelas páginas do «Diário de Notícias», mas que também subscreveu no «Diário de Lisboa», como titular.

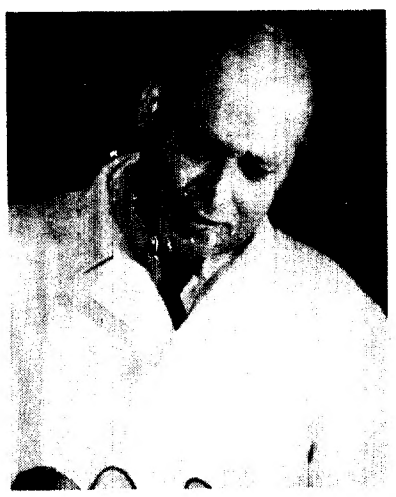
Impressionista por excelência nas suas críticas, foi nessa base que desenvolveu uma teoria da crítica literária que encontrava recepção em muitas camadas de leitores mas que, pelo contrário, suscitava por parte de muitos outros, a par de autores, as mais vivas reticências. Como autor, recorde-se que foi um dos fundadores, em Coimbra, da revista «Presença», e assinou numerosos romances, novelas e ensaios, alguns dos quais sintetizando a sua actividade crítica.

O emprego no séc. XX (III)

DA ECONOMIA PARALELA AO AUTO EMPREGO

Manuel Maria

A economia familiar de subsistência, que foi outrora a base de toda a economia de um país, insere-se hoje em pleno nas denominações perjurativas de economia submersa, subterrânea ou negra. No entanto, a realidade indica que, se actualmente existe uma forma de subsistência para os desempregados, esta é sem dúvida a economia paralela. Já em 1983, se pensava que, em Espanha, 12 a 15% do Produto Interno Bruto (PIB) pertencia à economia subterrânea e que esta ocupava cerca de 10 a 25% da população activa.



Entende-se, principalmente, por economia subterrânea, aquela que escapa ao controlo estatal, e por conseguinte, nem paga impostos, nem se submete a fiscalizações burocráticas de qualquer tipo. No entanto, é muito mais barata: os custos são mínimos, os resultados são melhores, há muita mão-de-obra não remunerada, poupança, obtenção de engenheiros que controlem máquinas complicadas, etc.

Em Espanha, após o desmantelamento de muitas fábricas de têxteis e de calçado, as velhas máquinas não se converteram em sucata, e nas zonas de desmantelamento continuou-se a consumir tantos kilowatts como nos bons velhos tempos. A interpretação destes dados é clara. Por outro lado, na construção, incrementaram-se os empresários sem assalariados, procedendo-se de igual forma em relação ao número de trabalhadores autónomos.

Uma economia mais barata

O empresário têxtil ou do calçado prefere comprar os produtos que cada um dos seus antigos empregados possam fazer com as máquinas que ele mesmo lhes deu como indemnização pelo despedimento. Poupa-se, pelo menos, a contribuição para a segurança social, e o trabalhador autónomo deixa também de pagar o imposto profissional e de descontar para a segurança social; poderá estar menos protegido, mas ao menos tem receitas estáveis.

Assim se cria o universo do biscate, fenómeno que se dá tanto nos países ocidentais como em outros. Na URSS existem os chamados «Shabashniki» (biscateiros), estimados em cerca de 17 a 20 milhões de pessoas, segundo sondagens publicadas no jornal **Itzvestia.** Estes trabalhadores subterrâneos realizam cerca de metade do total de reparações de calçado, 40% das reparações de automóveis, 45% das reformas de habitações e cerca de 30% das instalações técnicas domésticas.

Os «Shabashniki» movimentam cerca de 6000 milhões de rublos. Os porteiros que isolam janelas ou fazem uma instalação eléctrica, os pedreiros que colocam utensílios de caletacção suplementar, o engenheiro que repara carros ou televisores nos seus tempos livres e o economista que utiliza o seu veículo particular como táxi, são situações comuns na União Soviética. Em determinadas zonas rurais, os «Shabashniki» executam 80% de todas as reparações de carácter doméstico, ou, inclusivamente, do fabrico de móveis.

No México, um país completamente diferente da URSS ou de Espanha, a economia subterrânea pode, segundo testemunho de Lourdes Beneria, professora de economia nos EUA, representar até 30% do PIB. Segundo ela, um estudo efectuado na região do México demonstrou claramente que não só a indústria de confecção, como também os sectores avançados de transformação, como a montagem de brinquedos, bobinas electrónicas, condensadores, bem assim como a indústria de plástico, estão já dentro do campo de influência da economia subterrânea.

A desindustrialização é um feito

Dois professores de economia da Universidade de Grenoble, Jacques Calvet e Fortín Iruzza, afirmam que «uma economia industrializada pode desindustrializar-se, o que não significa forçosamente que as indústrias desapareçam, mas sim que estão em processo de degradação».

A OIT (Organização Internacional do Trabalho) estimava, num folheto informativo de 1983, que cerca de 10% da população activa dos países industrializados tinha ocupações paralelas ou secundárias não declaradas. A percentagem de «clandestinos» poderia representar, segundo o mesmo comunicado, entre 3 e 5% em França, 8 a 12% na RFA, 13 a 14% na Suécia, e 10 a 35% em Itália. Nos EUA — afirmou a mesma fonte — o número de «subterrâneos» ultrapassaria os 25 milhões.

Muitas vezes, a realização de trabalho «negro» não se deve a necessidades económicas ou a pressões da economia legal; de facto, segundo a OIT, o «trabalho negro» contempla frequentemente a oportunidade de demonstrar certos talentos e competências técnicas, às vezes na intenção de encontrar um novo emprego mais interessante. No entanto, nas circunstâncias actuais, grande parte desta economia subterrânea é devida às necessidades prementes dos desempregados que, em zonas tradicionalmente industriais, como é o caso da Catalunha, já chegaram a ultrapassar os 22% da população activa.

Como legalizar a economia negra

A realidade última é a de que esta forma de ganhar a vida tende a estabilizar-se e pode, inclusivamente, chegar a adoptar formas legais, mantendo, contudo, características económicas de preferência no mercado. Na verdade, vários políticos expressaram-se nesse sentido.

Alfonso Guerra, vice-presidente do governo espanhol, declarou em 1983 que o governo trataria de facilitar o regresso das empresas subterrâneas à actividade oficial, através de apoios fiscais e financeiros sem taxa de juros e com prazos de amortização alargados.

Andreas Saba, perito do ministério italiano do Mezzogiorno, expôs a experiência do seu país no que concerne à economia paralela. Em linhas gerais, foi referido que a economia oculta, a qual representa 20% da produção do seu país, foi positiva e favoreceu o desenvolvimento tecnológico, a capacidade inventiva e a criatividade a nível da moda. Favorece a democracia industrial — acrescentou — e deu origem a um forte movimento cooperativo nas zonas onde teve maior incidência. Muitas destas empresas — concluiu — voltaram à legalidade pouco tempo depois.

De facto, os trabalhadores 'clandestinos' tendem a legalizar-se gradualmente, procurando as seguranças que a legalidade oferece e convertendo-se no chamado auto-empregado.

Desde Agosto de 1985 a Março de 1986, declararam-se em Espanha mais de 21300 trabalhadores por conta própria, facto possível graças a uma medida tomada pelo Ministério do Trabalho, a qual permite cobrar de uma só vez as indemnizações do subsídio de desemprego correspondentes a dois ou três anos a que os beneficiários teriam direito.

Este subsídio acumulado é concedido sempre que com ele se abone a fundação de uma 'auto-empresa'. Esta é, aliás, a forma mais rápida de criar empregados por conta própria em lugar de trabalhadores subterrâneos; propiciar-se-á trabalho legal a muitos profissionais, os quais encontrarão trabalho sempre que se responsabilizem pelo sustento da segurança social e dos restantes impostos, contratando por um determinado preço, certos lances da construção ou da indústria. O mesmo que fizeram clandestinamente até aí, poderão fazer de ora em diante de forma legal.

Peritos da economia e perspectiva laboral são unânimes ao afirmar que o futuro do 'auto-emprego' será bastante próspero. Tarefas administrativas ou de informática, da construção, do sector têxtil, calçado e outras manufacturas, confecção, fabricação de automóveis excepto a montagem, montagem de televisores e aparelhos eléctricos, etc... realizar-se-ão em casa, ou num pequeno atelier a cargo dos empresários fabricantes.

Esta fórmula de contratação laboral será positiva em muitos aspectos, havendo principalmente grandes progressos em ordem a aperfeiçoar o acabamento dos produtos. Os profissionais contratados terão de se esmerar no seu trabalho para assegurar encargos futuros, e as empresas não terão de contratar mais pessoal do que aquele estritamente necessário para a compra do produto semiacabado. Será principalmente através do auto-emprego que se tentará até ao séc. XXI, solucionar o desemprego actual.

4.ª Feira: IV — TRABALHO SOLIDÁRIO E COOPERATIVO

PUDESSEM... OS JOVENS

Carla Pessoa
15
estudante (7.º ano unificado)

"Gostaria que inventassem uma máquina do tempo"

Ora bem: o que é que gostavas que mudasse já este ano?

— Gostava que os políticos não fossem tão invejosos. Que não quisessem tanto dinheiro e deixassem de aumentar assim tanto os preços das coisas. E seria bom que não fizessem mais bombas.

E porque achas que fabricam bombas?

— Querem adquirir ainda mais dinheiro: é por isso. E há os políticos que gostam de ver gente morta. Está mal, mas tem sido sempre assim.

Gostas de História?

— Sim. Sobretudo Pré-História. Era uma vida interessante, as maneiras de vestir e os instrumentos deles eram giros.

Não me digas que gostavas de viver na Pré-História?!

— Não, isso não. Mas gostaria que inventassem uma máquina do tempo.

Olá! És curiosa?

— Pois sou. Mas olha que não me meto na vida das pessoas. Gosto é de saber o que se passa. É o meu modo de ser.

Outra coisa: que pensas das modas que há por aí?

— Acho que algumas são muito parvas. Os «punks», por exemplo, são uns nojentos. Metem-se com os que não vestem como eles. No outro dia gozaram comigo no Rossio: eh, surfista, onde é que vais?

O quê: tu és surfista?

— Não sei bem. Mas gosto dessa moda. Claro que também há surfistas parvos. É como aqueles que andam com as pranchas de um lado para o outro pelas ruas e depois chegam à praia e enterram-nas na areia. Vão para a água sem as pranchas!

E então para que querem eles uma prancha?

— É para se mostrarem, para as raparigas ficarem impressionadas.

Isso também acontece com as motas, não é?

— É. Aqui há dias uns rapazes que eu conheço convidaram umas raparigas para saírem. O meu pai não deixa — disseram-lhes elas. Mas quando souberam que iam de mota foram logo.

O que é que pensas das drogas?

— São uma estupidez. Alguns fumam para esquecer, só que quando o efeito passa lá se lembram outras vez das coisas. E há também os que fumam droga para se exibirem.

Tens colegas da escola que se droguem?

— Sim.

E tu que fazes: tentas aconselhá-los a saírem disso ou afastas-te?

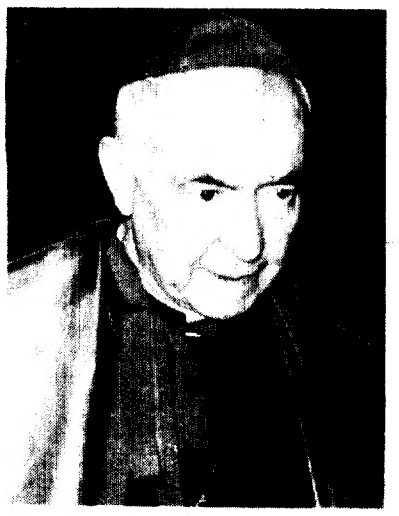
— Falo sempre. Olha que isso está a fazer-te mal. Mas eles não me ligam. Não posso fazer nada.

A Lei da Rádio reacende

O CRUZADISMO DOS SRS. BISPOS

UM livro que merece leitura atenta, obra de corgem e de inteligência, que leva o título de «CARTAS AO PAPA» e a assinatura do venerando bispo resignatário do Porto, D. António Ferreira Gomes, oferecia ocasião de um diálogo fecundo da Igreja e do povo cristão com as forças sociais de mudança. Nas quais, como é evidente, muitos sectores de cristãos portugueses se incluem. Tínhamos o livro chegado às livrarias e às mãos dos leitores, e eis que a Igreja Católica, pela voz dos seus bispos, se desordena num ataque impetuoso, incompreensivelmente tendencioso e colérico, a um Órgão de Soberania, à Democracia, aos partidos políticos. Ataque este que renova, no aspecto apaixonado, mais uma vez na defesa dos supostos «direitos» da Rádio Renascença, um conflito grave e azedo entre forças políticas e a Igreja.

D. António Ribeiro, actual Cardeal-Patriarca



O Cardeal Cerejeira

D. António Ferreira, bispo resignatário do Porto

Antes de outros comentários, sejanos permitido transcrever uma página das «CARTAS AO PAPA». Escreveu D. António Ferreira Gomes:

> «No Simpósio dos Bispos europeus de 1975, quando ao fim foram decididas duas mesas-redondas ou **carrefours,** à escolha de cada um. Vossa Santidade, então Arcebispo de Cracóvia, preferiu aquele que foi anunciado como **carrefour** sobre «Revolução em Portugal e as suas perspectivas do ponto de vista da Igreja». Tivemos nós, os dois bispos portugueses participantes no Simpósio, de fazer a exposição e dar a nossa impressão sobre os acontecimentos, a atitude da Igreja e as previsões de futuro eclesial. Eu apresentei os factos, dei uma valoração positiva do essencial da mudança, referi a evolução desviada e perigosa do processo revolucionário então em curso, mas manifestei uma opinião confiante nas qualidades do nosso povo, nas possibilidades de evitar o pior e numa certa vontade política das maiores forças partidárias, real apesar de todas as críticas contrárias, de sair do desvairo em que se tinha caído; de mais, que todos os partidos sem excepção do comunista tinham querido evitar a questão religiosa e procuravam conseguir a boa vontade ou tolerância da Igreja.»

O comprometimento da mais alta hierarquia da Igreja com o regime do «Estado Novo», após o acto revolucionário de «25 de Abril», fazia prever «o pior», «o pior» que foi evitado pela «vontade política das maiores forças partidárias», pela actuação de «todos os partidos sem excepção do comunista» como, com grande serenidade e grande lucidez, escreve nas suas «CARTAS AO PAPA», o bispo D. António. E recordando acrescenta:

> «O então bispo de Coimbra, sem me contradizer formalmente, deu uma visão sombria e pessimista dos factos e das possibilidades, visão que provinha da sua própria análise mas decerto também duma tal ou qual tendência pessimista proveniente duma insuficiência cardíaca, que dentro de algum tempo o levou à morte súbita. De entre os bispos presentes o maior número, principalmente dos da Europa comunista, manifestava-se abertamente a favor da visão pessimista e algum me dizia: — Não se iluda, são todos os mesmos: o que querem é conquistar os católicos, mas na hora da decisão vão pelo partido contrário à Igreja.
>
> «Na longa troca de impressões, de vária argumentação e valorisação, impressionou-me particularmente a atitude do Cardeal Arcebispo de Cracóvia: muito atento e sereno, sem manifestar preferência por qualquer dos lados, mas parecendo não perder nada do que se dizia. Ao fim falou... da Polónia; mas com uma superioridade, um domínio das emoções, uma confiança no seu Povo e na História, que era tudo o que eu queria para Portugal (menos, evidentemente, a situação geográfica e de facto histórico).
>
> «Na visita de Vossa Santidade à Polónia, tive a honra de representar o Episcopado português. Na audiência de cumprimentos que V. Santidade se dignou dar-nos, aos bispos convidados, no Paço Arquiepiscopal de Cracóvia, quando consegui beijar o Seu anel, V. Santidade saudou prontamente o bispo português do Simpósio de Roma e deu-me toda a impressão de recordar especialmente a mesa-redonda sobre Portugal; Portugal, onde o pior tinha sido evitado.»

A Igreja e o «Estado Novo»

O jornalista Rogério Rodrigues, em edição recente do semanário «O Jornal», citava, **textualmente,** uma frase do companheiro de Salazar, cardeal Manuel Gonçalves Cerejeira: «Honra e glória ao Estado Novo que, no ano jubilar da Nação portuguesa, instituiu uma ordem nova na qual se firma a paz e harmonia da Igreja e do Estado, pelo reconhecimento dos direitos daquela e garantia dos legítimos interesses deste.»

A frase é indicativa de uma política de apoio e de gratidão. Hoje, o Episcopado, onde persiste alguma gratidão ao «Estado Novo», onde não está apagada a consciência de culpabilidade e o sentimento de cumplicidade para «casos» de perseguição dos quais é paradigmático o de D. António Ferreira Gomes, vem dar dos «legítimos interesses» da Igreja uma visão distorcida. O relacionamento com o «Estado Novo», a cumplicidade com a política de repressão, de obscurantismo e de guerra colonial, pesam na consciência de uma parte da hierarquia católica. Os novos bispos — com algumas excepções, apenas — herdaram uma tradição de identificação com os poderosos e com o Poder de que se não libertaram. Os velhos bispos não foram capazes de **digerir** o caso infausto do bispo do Porto. Na dignidade de um magistério conscientemente assumido, nas suas «CARTAS AO PAPA», D. António Ferreira Gomes critica e acusa. E não critica e acusa só o tirano.

Nem só do influxo totalitário nos fala e dos problemas que se colocavam e desafiavam um homem da Igreja e o povo cristão nos anos em que Salazar reinou e que a Igreja era conduzida pelo Cardeal Cerejeira seu íntimo de Coimbra. Recusando-se a escrever «Memórias», D. António recorre à sua memória e a outras memórias. Bem característica é a seguinte página das suas «CARTAS AO PAPA»:

> «Dizem no Patriarcado de Lisboa que o Cardeal Cerejeira queimou em vida a sua correspondência com o Presidente do Conselho. Se assim foi, podemos perguntar-nos se com isso pensou servir o seu correspondente ou a si próprio. A história é que, com certeza, não serviu.
>
> «Mas, pensando bem, nem aos próprios correspondentes nem à justiça para com a sua memória conviria tal destruição. É que a qualquer historiador futuro duma fase tão importante da nossa história, perante tal acto voluntário de fuga ao juízo objectivo da posteridade, julgar-se-á no direito de presumir o pior.
>
> «Talvez tenha pensado que essas cartas, como pessoais e escritas em estilo de amizade (da sua parte, diga-se) eram particulares e portanto do seu puro direito. Na verdade lembro que em algum caso que nos leu, em sessão da Conferência Episcopal, nalgumas dessas cartas, ele se dirigia ao Presidente do Conselho com o simples vocativo «António»; e recebia dele a resposta, encabeçada de forma correspondente — «Manuel».
>
> Acrescento mesmo que uma vez tive a ousadia de dizer perante a Conferência, eu então jovem bispo, que apreciávamos esse tom familiar e amigo, mas que achava que dias e assuntos chegariam em que ele, como Presidente da Conferência, deveria dirigir-se ao 'Excelentíssimo Senhor Presidente do Conselho de Ministros' e esperar dele resposta ao 'Eminentíssimo e Reverendíssimo Cardeal Patriarca, Presidente da Conferência Episcopal Portuguesa'.
>
> «Talvez tenha sido uma primeira irreverência, mas cria então e creio ainda mais hoje que se as boas relações pessoais podem facilitar o tratamento dos negócios entre a Igreja e o Estado, tais negócios não deixam de ser do direito tanto da Igreja como do Estado; e que portanto, qualquer que seja o estilo usado, os documentos respectivos não podem ser subtraídos à história de uma e outra instituições. Até porque, se a história é mestra da vida, não pode ser obra apenas de panegiristas e indocumentados...»

Foi «subtraída à história» uma documentação que nos ajudaria a compreender como decorreram as relações entre a Igreja e o «Estado Novo» e como se constituiu uma mentalidade possessiva e expansionista relativa aos direitos e, também, aos interesses da Igreja. O caso da Lei da Rádio é típico.

A Lei da Rádio e a Democracia

A Assembleia da República votou uma Lei da Rádio. A questão das frequências, em regime provisório, sofreu alterações em consequência do novo dispositivo legal. A Rádio Renascença, beneficiária de uma concessão provisória, reagiu com excesso, e na sua reacção excessiva foi excedida pela nota do Conselho Permanente da Conferência Episcopal e as afirmações de alguns bispos com especial destaque para os de Lisboa e de Braga. O comentário da Lei da Rádio, o protesto contra o regime que vinha pôr termo a uma situação provisória, tomou a forma nervosa e arrogante de contestação de uma lei adoptada pela maioria da Assembleia da República. A linguagem dos Senhores Bispos é violenta e política com forte acento de **direita.** D. António Ribeiro, bispo de Lisboa, lança o brado: «Que os cristãos estejam vigilantes» e culpa a Assembleia da República de ser o lugar onde ao surgirem problemas com a Igreja relacionados «logo se formam maiorias... para que não haja um justo e correcto tratamento dos problemas da Igreja». D. Eurico Dias Nogueira, arcebispo de Braga, verbera a situação social para chegar à conclusão de que se tratou mais uma vez «de calar a voz da Igreja, amordaçando um dos seus mais eficientes órgãos de Comunicação Social, a Rádio Renascença».

O Conselho Permanente da Conferência Episcopal, convocado extraordinariamente, na segunda-feira, 29 de Dezembro, na Casa de Retiros da Buraca, emitiu uma nota em que a lei aprovada, por maioria pela Assembleia da República (todos os partidos com excepção do PSD e do CDS), é frontalmente contestada e apodada de «estatizante», de ter um «cariz totalitário», de não respeitar «a justa autonomia e a correcta liberdade de expressão da Igreja». No discurso dos bispos, com alvoroço irritadiço, novamente as referências ao «jacobinismo», ao «maçonismo», ao «ateísmo». Os bispos partem em clamor de guerra. Das arcas dos ressentimentos de um conservadorismo ultramontano, retiram uma argumentação ressequida, discrepante da regra democrática, restos de guerras de religião. Foi assim em 1820. Foi assim em 1910. E houve quem, na hierarquia da Igreja, tivesse visto sem agrado a queda do Estado Novo em 1974. Nem todos os bispos como D. António Ferreira Gomes deram dos factos «uma valoração positiva do essencial da mudança», nem todos reconheceram «que todos os partidos sem excepção do comunista tinham querido evitar a questão religiosa e procuravam conseguir a boa vontade ou tolerância da Igreja».

A Lei da Rádio veio abrir uma batalha de anacrónica intolerância. Já se pede ao Presidente da República que, contra a maioria da Assembleia da República, contra a maioria que o elegeu, vete a Lei da Rádio. Movem-se influências, fazem-se pressões. Um de os que se colocam ao lado dos Senhores Bispos contra a maioria democrática chama-se Diogo Freitas do Amaral.

Hoje no Parlamento

SESSÃO POLÉMICA COM LEI DA RÁDIO E REFORMA AGRÁRIA NA AGENDA

A sessão parlamentar de hoje vai debater dois temas quentes da actualidade política nacional. Assim para o período de antes da ordem do dia, três intervenções – do PS, PRD e PCP – abordarão matéria relacionada com a recente aprovação da lei dos licenciamentos de novas emissoras de rádio, sendo de prever acesa polémica.

Da agenda do dia e por iniciativa dos comunistas, está marcada a discussão de três projectos de lei – do PS, PRD e PCP – cujo objectivo central é retirar ao Ministro da Agricultura poderes na atribuição de reservas. No entanto, os diplomas divergem quanto à transferência e âmbito dos poderes a limitar. Assim, o projecto dos socialistas transfere para os tribunais o poder de atribuição de reservas na zona da Reforma Agrária; por seu lado, o articulado defendido pelos renovadores mantém este poder no Governo, mas exige que cada entrega seja confirmada pelos tribunais; quanto ao do PCP preconiza que todas as entregas de reservas e de terras para exploração a pequenos agricultores sejam suspensas até à conclusão do inquérito parlamentar sobre a matéria.

Recorde-se que desde há nove meses está a decorrer um inquérito parlamentar às ilegalidades cometidas pelo Ministério da Agricultura na zona da Reforma Agrária. Até ao momento, a respectiva comissão, que está a estudar mais de 300 casos, propôs já ao Parlamento que apresente duas queixas contra o ministro Álvaro Barreto. O não cumprimento de acordos do Supremo Tribunal Administrativo foram os motivos alegados pela comissão em ambos os casos.

Lei da Rádio: redacção definitiva

Entretanto, a assessoria jurídica da Assembleia da República termina hoje a redacção definitiva da lei de licenciamento das frequências de rádio.

Seguidamente, o texto tem de ser aprovado pela subcomissão dos assuntos da Comunicação Social para ser assinado pelo Presidente Fernando Amaral, após o que segue para a Presidência da República para uma decisão de Mário Soares.

«Este processo ainda demora algum tempo, pelo que provavelmente a lei não seguirá para Belém nos próximos dias», disse uma fonte parlamentar.

Portugueses concordam com a criação de um Estado palestiniano

Mais de 70 por cento dos portugueses é favorável à criação de um Estado palestiniano independente, mas também aceita a existência de Israel, revela uma sondagem divulgada ontem pelo Instituto luso-árabe para a cooperação.

A sondagem, conduzida em colaboração com a Associação dos Amigos dos Países Arabes, resulta da inquirição de 8.500 pessoas com idades compreendidas entre os 30 3 os 35 anos, na sua maioria empregados do comércio, bancários e operários da Indústria. As pessoas foram interrogadas na rua, em áreas movimentadas de Lisboa e Porto, por quatro inquiridores contratados pelo Instituto, mas sem estarem ligados a agências especializadas em sondagens.

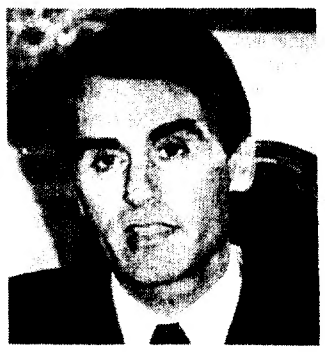
Dos inquiridos, 78 por cento respondeu que os palestinianos têm direito a uma pátria e 7 por cento manifestou a opinião de que esse direito não deve eliminar a existência de Israel. A sondagem indicou, também, que 61 por cento dos interrogados concorda com a ideia de o Governo português conceder estatuto dilplomático à OLP, em Lisboa.

Soares recebe em Belém presidente do CDS...

O presidente da República, Mário Soares, recebeu ontem o líder do CDS, Adriano Moreira, com quem analisou algumas questões que irão ser discutidas hoje na reunião do Conselho de Estado.

À saída da audiência, que demorou cerca de três quartos de hora, Adriano Moreira informou que o chefe do Estado o convidara para ouvir de si uma opinião sobre as questões a analisar na reunião do Conselho de Estado, já que o CDS não tem, neste momento, representação naquele órgão. O dirigente centrista escusou-se a adiantar qualquer informação sobre os assuntos abordados na audiência ou as opiniões que emitiu, afirmando que estas são «estritamente reservadas» ao presidente da República.

...e Cavaco é visitado em S. Bento pela Juventude Centrista



A Juventude Centrista (JS) está satisfeita com o facto de o ministro da Educação recuar «em relação ao regime de precedências e prescrições». Em declarações prestadas no final de uma audiência de hora e meia com o primeiro-ministro, o dirigente da JC Manuel Monteiro disse à nova agância de notícias que na reunião com Cavaco Silva foram abordadas questões relativas à educação, formação profissional, emprego, delinquência juvenil e serviço militar obrigatório.

Monteiro acusou no entanto o Governo de, «na práticа, não ter reduzido o serviço militar obrigatório» e de «estar a frustrar as esperanças dos jovens» em matéria de educação e emprego. O dirigente da JC criticou especialmente a política de Educação relativamente às Universidades privadas, a qual, no seu entendimento, é «semelhante ao esquema dos supermercados». Não explicitou a ideia.

Manuel Monteiro revelou entretanto que o primeiro-ministro «manifestou disponibilidade» para aprofundar o contacto com a JC, porque «é uma organização política de Juventude a apresentar propostas concretas sobre os problemas da juventude».

Transferência de Macau

AFINAL ESTÁ NO MNE O MISTERIOSO DOCUMENTO

O Conselho de Estado reune-se esta tarde, a partir das 17 horas, para analisar a questão das negociações que estão a decorrer entre Portugal e a República Popular da China para a transferência da administração do território de Macau. No sábado, o Presidente da República, o Primeiro Ministro e o ministro dos Negócios Estrangeiros, estiveram reunidos para prepararem a sessão do Conselho de Estado desta tarde.

A presença do general Ramalho Eanes na sessão do Conselho de Estado contribuirá para esclarecer o caso do documento sobre Macau, assinado em 1979 entre os Governos de Portugal e da República Popular da China, cuja existência o Governo afirmou desconhecer, até que o general Ramalho Eanes afirmou que tal documento deveria encontrar-se nos arquivos do Primeiro Ministro ou no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Em carta a Ramalho Eanes, Cavaco Silva afirmava entretanto que, quando tomou posse, em Novembro de 1985, não se encontrava nos arquivos do Gabinete e continuava a não se encontrar o texto do compromisso assinado em 1979 entre os Governos de Lisboa e Pequim.

Na sequência dessa carta, Eanes esclareceu não ter afirmado que o texto do documento se encontrava nos arquivos do Gabinete do Primeiro Ministro, mas que ele «existe, é simples e não contém nada de especial», competindo ao Estado pronunciar-se sobre a matéria que nele se encontra inscrita. Afirmou ainda o ex-Presidente da República que, em sua opinião, era «surrealista« não se conhecer o local onde se encontra o documento, considerando inadmissível que ele não se encontre onde deveria estar, ou seja, em S. Bento ou no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Ainda de acordo com Ramalho Eanes, o documento «é a base negocial de todo o processo de transferência da administração portuguesa do território de Macau para a República Popular da China».

Por sua vez, André Gonçalves Pereira, ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo de Pinto Balsemão, disse que o Primeiro Ministro «tem razão» quando diz que não tem o tratado assinado no seu gabinete porque «o tratado deve estar, está com certeza, num cofre do MNE, e não na Presidência do Conselho de Ministros».

Gonçalves Pereira revelou ainda que o documento lhe fora entregue por Freitas do Amaral e o havia entregue a Futcher Pereira, «como é da praxe com documentos de uma certa importância».

Finalmente, segundo o «DN», o documento encontra-se no Ministério dos Negócios Estrangeiros e será dado hoje a conhecer aos conselheiros de Estado.

Contactados esta manhã os serviços de informação do MNE, nada nos foi confirmado nem desmentido. Um elemento daqueles serviços esclareceu-nos que só o embaixador Brito e Cunha (o chefe) pode dar informações, mas que uma resposta nos seria dada mais tarde.

Como parentesis vale a pena explicar como funciona o serviço de informações do MNE. É assim: o jornalista liga mas é sempre remetido para uma segunda pessoa que informa não poder informar nada. Só o embaixador Brito e Cunha - que nunca está - pode dar informações. Mas prometem que os serviços contactarão o jornalista daí a algum tempo. Entretanto, obviamente, chega o fecho da edição e qualquer resposta, que aliás raramente vem, torna-se absolutamente inútil.

De qualquer modo parece não haver dúvidas de que o documento existe e está de facto no MNE. É todavia estranho que durante dias se tenha vivido esta comédia, de facto surrealista, e MNE fique calado.

Mas surrealista é que, sendo o documento, segundo Ramalho Eanes, «a base negocial de todo o processo de transferência», não seja conhecido pelos negociadores e designadamente pelo Primeiro Ministro e pelo governador de Macau.

"Jornal do Comércio" de novo nas bancas

Uma nova série do «Jornal do Comércio» surgiu esta manhã nas bancas, 10 anos depois de ter cessado a sua publicação periódica. O jornal, semanário, tem agora como director António Rebelo de Sousa e como directores adjuntos Simões Ilharco e Joaquim Pedro Campos.

Em editorial, António Rebelo de Sousa afirma que o «Jornal do Comércio» reaparece como jornal de «informação económica e financeira, que pretende suprir uma importante lacuna no panorama da Imprensa portuguesa».

Adianta que o jornal vai informar sobre «a conjuntura económica, políticas globais de estabilização, políticas sectoriais e (a implementar no futuro), bolsa de títulos e evolução previsível do mercado de câmbios», entre outros assuntos.

Neste primeiro número da nova série é publicada uma entrevista com o ministro do Plano e Administração do Território, Valente de Oliveira, conduzida por Margarida Marante.

Na primeira página, é ainda revelado que a Presidência da República vai receber quatro novas viaturas, uma delas reservada exclusivamente para as deslocações oficiais do PR.

Uma entrevista com Maria Barroso, numa secção denominada «Empresária Doméstica», é também publicada neste número um.

O jornal, fundado em 1853, tem agora 28 páginas e dez elementos na Redacção.

Ontem à tarde, no Vale do Jamor

DEMOLIÇÃO IRREGULAR DE UMA BARRACA EM ZONA DE REFUGIADOS

PROBLEMA social que se vem arrastando todos estes anos e sem vislumbre solução é o das pessoas que vivem em barracas no vale do Jamor, timorenses e gente vinda de África quando foram os anos agitados em Moçambique e Angola.

E de vez em quando ouve-se falar de histórias como esta, ocorrida ontem ao princípio da tarde. Uma demolição, mandatada pela Câmara Municipal de Oeiras. São desumanas as condições de vida das populações que ali se refugiaram, e é política camarária no concelho de Oeiras fazer com que a chaga do bairro social não se alastre.

Ora, como é facto sabido não ser possível, ou não se tentar sequer, que em Portugal deixe de haver aglomerados habitacionais com estas características, a alternativa fica só uma: pressionar os seus habitantes, e o mais das vezes de maneiras que suscitam a revolta natural.

Quando é possível aos «moradores» do vale do Jamor tentarem melhorar um pouco a sua casa, a sombra tutelar da Câmara surge, ameaçadora. São duas razões que se desconhecem mutuamente: uns querem viver melhor, outros não desejam a proliferação da clandestinidade. É assim.

Armando Delgado Varinda viu ontem metade da sua barraca demolida, nomeadamente a cozinha e a casa-de-banho. Não houve aviso nem se deu prazo.

Justificação: era uma ampliação em alvenaria de tijolo, e tudo o que é feito sem licença nem projecto é clandestino. Armando, que se intitula refugiado de Moçambique, diz que não ampliou mas sim que remodelou.

A família de Armando Varinda: «Esta foi uma noite de frio»

Seja qual for a verdade dos factos, o que a brigada de demolições, com a ajuda da GNR e da Polícia Municipal de Oeiras deixaram de pé foi a chapa e o contraplacado, enfim: os materiais aceitáveis.

Por falar em Polícia, um relatório seu ao Gabinete da Presidência da Câmara de Oeiras dá conta de que dois «delinquentes» tiraram fotografias ao acontecimento. É o cúmulo: hoje, tirar fotos de uma demolição é considerado delinquência. Caso a registar.

Aliás, uma das pessoas que fotografou chegou a ser agredida ligeiramente e ameaçada com uma G3 pelos agentes da segurança e da ordem. Exemplar. Os funcionários da brigada, esses taparam a cara e quiseram ir-se embora.

Da Câmara de Oeiras dizem-nos que «temos o máximo de atenção pelos problemas sociais». Armando Varinda, por seu lado, contou-nos que um dos seus quatro filhos teve o ano passado uma pneumonia grave e que agora, depois do derrube das paredes, «a família vai ter de tomar banho ao relento».

«Eles dizem que é a casa-de-banho e a cozinha, mas depois põem lá uma prima ou uma sogra e isto nunca mais vê um fim», diz a Câmara. E Armando contrapõe: «O ano passado deram ao Estado português dez milhões de contos para auxílio aos refugiados. Onde estão eles?»

A parte pior da história: os demolidores de ontem no Vale do Jamor tiveram o requinte de partir mobiliário, utensílios e haveres. Onde está a legalidade quando os seus primeiros responsáveis actuam salvaticamente?

Foram os tijolos, ficaram as chapas: uma demolição sem aviso

Machado Macedo no Méridien

Só impugna eleições quem as espera ganhar

«As urgências são a maior nódoa da medicina portuguesa», disse esta manhã no Méridien, em Lisboa, Machado Macedo, candidato a bastonário da Ordem dos Médicos. Durante o já implantado «pequeno-almoço» que aquele hotel da capital promove com figuras públicas nacionais, o pioneiros das transplantações cardíacas em Portugal realçou a necessidade de reformular «a ideia de urgência», criticando do mesmo passo o facto de se virem a comprar mais «bancos» para completar a respectiva «mobília».

Machado Macedo tem uma «declaração prévia» neste encontro com os jornalistas, adiantando que as suas palavras nada têm a ver com uma eventual campanha com vista à repetição das eleições, no dia 28 do corrente. O cirurgião cardiovascular (que operou pela primeira vez um doente ao coração em 1954, ainda em Inglaterra, e que nos recordou que a primeira intervenção cirúrgica ao coração aberto em Portugal ocorreu em 1962 e por sua iniciativa) frisou que não haverá campanha para ida às urnas nesse dia.

Questionado acerca da impugnação das eleições, o director do Hospital de Santra Cruz e de cardiologia do Santa Maria acrescentou que (obviamente) «ninguém impugna um acto se não vir possibilidades de o vencer». Tanto mais — segundo ele — que a sua repetição acarreta enormes despesas para a Ordem. No entanto, vincou, «não houve fraude nenhuma» nas eleições, mas apenas «má interpretação do regulamento».

O candidato a bastonário da Ordem apelou a que todos os médicos participem nas próximas eleições, de modo a que a abstenção seja mínima, uma vez que se trata de um acto importante. «É necessário melhorar a imagem da classe», acentuou, lembrando ser este um dos três aspectos prioritários do seu programa. O desemprego médico (para o qual apresentou soluções, sobretudo nos hospitais distritais, alguns dos quais com excelente equipamento, mas desaproveitado) e o diálogo com o Governo, são os dois outros pontos da sua a acção.

Reunião da Câmara Municipal de Lisboa

MOÇÃO APROVADA POR MAIORIA CRITICA RIBEIRO TELES

«Acreditaram que algumas afirmações que eu tenha feito tinham intenções de ofender alguém», declarou esta manhã ao «DL» o vereador Ribeiro Teles a propósito de uma proposta aprovada ontem por maioria na Câmara Municipal de Lisboa, na qual a vereação exprime a mais «clara e formal reprovação» pelas acusações que o eleito pela lista «alfacinha» fez ao executivo camarário.

Em causa estão as declarações de Ribeiro Teles ao «Semanário», segundo as quais a maioria da Câmara de Lisboa votou contra a sua proposta de divisão da cidade em quatro zonas de defesa e intervenção diferenciadas por «má fé», «palermice» e «medo», qualificativos que, segundo o jornalista, se dirigiam, respectivamente, aos vereadores do PSD/CDS, PS e APU.

Não querendo fazer qualquer comentário à votação, Ribeiro Teles reiterou a sua oposição à actual política urbanística seguida pela maioria da Câmara, reafirmando a validade da sua proposta, «pois a elaboração de um novo Plano Director Municipal demora pelo menos dois anos e é necessário arranjar uma regulamentação», razão única da proposta que apresentou à Câmara e que viria a ser recusada.

A regulamentação das pichagens foi outro dos pontos em análise, com a apresentação, por parte dos vereadores do PSD, de uma proposta alternativa à do vereador do pelouro da Limpeza, que relembra a legislação nacional existente sobre a matéria e propõe a aplicação de uma multa para quem não a cumprir.

Apesar do assunto já ter sido por duas vezes agenda-do, e dado tratar-se de uma questão particularmente melindrosa, nada foi decidido.

Por fim, a Câmara Municipal de Lisboa decidiu, por unanimidade, preservar os «publicitários artísticos» da calçada da capital. Nos termos da proposta aprovada, o executivo camarário deverá asssegurar o registo actualizado e classificado daqueles publicitários, considerados de valor estético e visual, proibindo a destruição dos actuais e futuros.

Secretaria de Estado não adia demolições na serra da Estrela

A Secretaria de Estado do Ambiente e Recursos Naturais anunciou que «não concede o adiamento de datas legalmente previstas nos editais publicados sobre demolições na serra da Estrela».

Em nota informativa, que surge na sequência de notícias sobre o assuntos, consideradas «menos correctas» pela Secretaria de Estado, refere se que «esta posição resulta de uma decisão de carácter nacional, tomada quando do início de processos semelhantes, a recuperação do património natural degradado e à reposição da legalidade».

Câmara de Tavira tem orçamento de 1 milhão

A Câmara Municipal de Tavira apresenta para 1987 um orçamento superior a um milhão de contos, mais de 28 por cento dos quais para investir na área das comunicações e transportes, informou a autarquia.

No âmbito daquela rubrica estão previstas as construções de um Centro Coordenador de Transportes na cidade, de uma passagem superior sobre a linha de caminho-de-ferro e ainda a elaboração dos estudos e projectos de uma nova ponte sobre o rio Gilão.

Duas obras apontadas como prioritárias são a conclusão do mercado da Luz de Tavira e o projecto do novo mercado da sede do concelho. O plano prevê ainda a construção de um complexo escolar na Atalaia, composto de instalações para o ensino primário, pré-primário e crianças diminuídas.

João Jardim nas Jornadas Autárquicas:

Regionalização não choca com o Poder Local

O presidente do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim, afirmou ontem no Funchal que o processo de regionalização do País «não choca com o poder local e é irreversível».

Jardim, que falava na sessão inaugural das Terceiras Jornadas Autárquicas Madeira Açores, referiu que os «centuriões do centralismo quando querem abrir uma batalha contra a regionalização utilizam as Regiões Autónomas para campanhas pouco correctas e destinadas a desmotivar as populações do Continente».

O dirigente madeirense considerou que o poder local e a regionalização não são incompatíveis, pois «sem um poder local forte não há regionalização possível, já quie esta deixa de estar de acordo com a realidade, perde o contacto com as populações e limita se a substituir o Poder Central mantendo, no entanto, os mesmo vícios».

João Jardim considerou que «o Poder Local sem a regionalização terá mais dificuldades em resistir», ao mesmo tempo que criticou grupos de pressão económica, cultural e da informação que, na sua opinião, tentam «lançar a massificação, agredindo os valores próprios das populações regionais».

O presidente da Câmara do Funchal, João Dantas, afirmou na mesma ocasião que «em democracia os resultados positivos só se conseguem através de um constante debate de ideias».

O autarca referiu que «o diálogo e a troca de impressões sobre as nossas experiências no campo autárquico contribuirão para a resolução dos problemas que entrentam os municípios».

«O Poder Local sublinhou João Dantas é muitas vezes ignorado pelo Poder Central, sempre preocupado com as grandes decisões nacionais, nem sempre tomadas com o maior acerto e de acordo com os interesses comunitários do País real em que nos inserimos».

O programa das jornadas abarca temas relacionados com o Poder Local e os custos de insularidade, com a informatização, autonomia, finanças locais e gestão dos recursos hídricos e com os planos de desenvolvimento e de urbanização.

Participam nos trabalhos como oradores, diversos presidentes de câmaras municipais das duas regiões autónomas, além do secretário Regional do Turismo da Madeira, João Carlos Abreu, e o director-geral da Administração Autárquica.

MEC "reflecte" sobre escolas superiores de Educação

Começou hoje, com a duração de três dias, num hotel de Tróia, um encontro de reflexão com representantes do MEC, das escolas superiores de educação e CIFOPS.

Nesta iniciativa do MEC estarão presentes o ministro da Educação e Cultura, o secretário de Estado do Ensino Superior, Fernando Real e o director-geral do Ensino Superior, Clemente Pedro Nunes, que ontem precisamente presidiu à sessão inaugural da Escola Superior de Educação de Leiria.

O programa inclui, entre outros temas, o debate de formação em serviço e formação contínua; formação de professores à luz da nova Lei de Bases do Sistema Educativo e apresentação de projectos de formação inicial pelas ESE's do Porto, Beja, Faro, Leiria, Santarém e Viseu.

Greve no ISCA do Porto

Os alunos do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (ISCAP) decidiram por larga maioria continuar a greve às aulas por tempo indeterminado - disse à Lusa Ilídio Caetano, vice-presidente da Associação de Estudantes do Instituto.

A decisão, tomada ontem em reunião-geral de alunos por expressiva maioria (apenas 4 votos contra em cerca de 40 presenças) visa protestar contra a falta de professores que continua a registar-se naquele estabelecimento de ensino portuense.

Segundo Ilídio Caetano, quase 80 por cento das turmas do ISCAP não possuem corpo docente completo, havendo mesmo uma turma que só possui um dos nove professores necessários.

Na reunião-geral de alunos foi também decidido que uma delegação da associação de estudantes se deslocará urgentemente a Lisboa para uma entrevista com o ministro da Educação.

Só após este encontro disse ainda o vice-presidente da associação e após nova reunião de alunos, se decidirá o que fazer no futuro.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Santarém, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, — Centro de Distribuição de Santarém, a que se refere o processo n.º 1/1164, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de S. Vicente do Paúl, concelho de Santarém, de uma linha aérea 15 KV, com 903 metros, do posten.º 6 da linha para o PT STR 240 de Outeiro, ao PT STR 144C de Manuel de Assunção Coimbra, Herd.ºs, sito na Quinta da Requeixada.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 5 de Dezembro de 1986

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE CASCAIS

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da publicação do anúncio.

Execução Sumária, n.º 3011-2.º J. 2.ª secção.

Exequentes — PORTUGAL PREVIDENTE, COMPANHIA DE SEGUROS.

Executado — GABINETE CÉSAR COSTA ARQUITECTOS E TÉCNICOS DE TURISMO, LD.ª, com sede na Rua Domingos Sequeira «Casa Branca», São Pedro do Estoril.

Cascais, 12 de Dezembro de 1986

O Juiz de Direito,
Ass. ilegível

O Escrivão de Direito,
Ass. ilegível

«DL» 6/1/87 — 2.ª pub.

Sete jovens de Lagoa ganharam os 63 mil contos do Totoloto

O «anónimo de Armação de Pêra» que foi o único a acertar no primeiro concurso do Totoloto de 1987 é afinal uma sociedade de sete jovens de Alcantarilha, perto de Lagoa, que vão dividir entre si mais de 63 mil contos. Os sete novos milionários têm idades compreendidas entre os 21 e os 28 anos e são comerciantes ou estão ligados à indústria hoteleira.

São eles José Luís, José da Mota, Vítor Santos, Artur Jorge, Carlos José e Henrique Vicente, optando um deles por continuar a manter o anonimato.

A sociedade constituiu-se «de brincadeira» há apenas três semanas, tem jogado «e continuará a jogar da mesma maneira», com um sistema de 24 números desdobrados, com um investimento semanal de 3.850 escudos, disse João Luís, também agente local das Apostas Mútuas.

Nas duas primeiras semanas, o grupo teve alguns terceiros e quartos prémios que «deram para as despesas», acrescentou.

Referindo-se aos projectos para o dinheiro do prémio, João Luís disse que «a malta ainda está um bocado confusa», adiantando que, pelo seu lado, tenciona concretizar o seu sonho de construir uma casa.

Escola reduz horário por falta de luz

A Escola Secundária de Maximinos, em Braga, tem interrompido as aulas ao último tempo da tarde por causa da insuficiência da iluminação pública no acesso àquele estabelecimento de ensino.

A informação foi dada pelo vice-presidente do conselho directivo, Vieira Lopes, que revelou ter sido solicitada já a remodelação do sistema de iluminação.

Vieira Lopes referiu-se também à falta de instalações, uma vez que ainda não foram entregues pelo empreiteiro dois blocos daquela nova escola, num dos quais se encontram as salas de trabalhos oficinais.

Médicos "corridos" da Função Pública

MINISTÉRIO DIZ QUE METADE REPROVOU NO EXAME DE OUTUBRO

O Ministério da Saúde veio ontem dizer que dos mil e quinhentos policlínicos desvinculados dos hospitais (e automaticamente da Função Pública), onde prestavam serviço como internos gerais, metade (750) tinham reprovado, em Outubro, no exame da especialidade. Foi ontem que o MS o veio afirmar. Bastante tarde, em relação à prontidão da decisão. Conhecida, recorde-se, justamente em 31 de Dezembro.

Segundo o Dpartamento de Recursos Humanos do Ministério da Saúde, concorreram ao exame para o ingresso nos internatos complementares (ou de especialidade) 2371 policlínicos. Destes foram aprovados 1621, mas apenas 869 tiveram lugar. Assim, 752 não conseguiram entrar no Internato de Especialidade estando aprovados.

«Nem todos os que concorreram eram internos gerais. Havia 435 candidatos ao Internato de Especialidade que eram ou clínicos gerais ou estavam a fazer o internato noutras especialidades», disse a mesma fonte.

O Ministério da Saúde, admitiu que «venham a registar-se situações de ruptura num ou outro hospital de onde saíram os internos gerais» que estavam colocados, um pouco por todo o País, do Minho ao Algarve.

«Essas rupturas poderão ser parcialfnente preenchidas com os novos internos gerais que vão ser colocados, mas não totalmente, porquer saíram dois cursos e só entrará um: o dos licenciados no final do último ano lectivo», disse a mesma fonte.

O responsável do Departamento de Recursos Humanos do Ministério da Saúde disse ainda que, «quando a ministra afirma que há médicos a mais», o faz «na perspectiva de uma gestão previsional».

«A ministra tem em mente o ano de 1992, ano em que todos os médicos que actualmente frequentam o internato complementar forem especialistas. Nessa altura, mesmo tendo em conta os médicos que forem saindo, por envelhecimento, dos quadros hospitalares, estes ficarão preenchidos» — disse a mesma fonte.

«E que o Estado, por lei, é obrigado a garantir emprego hospitalar aos médicos que ingressaram no Internato de Especialidade» acrescentou.

Mário Jorge, dirigente do Sindicato dos Médicos da Zona Sul, criticou o facto de «os policlínicos terem sido desvinculados do concurso quando este está a meio, isto é, quando falta realizar o concurso para clínicos gerais, não estando, pois, esgotadas as possibilidades de colocação dos internos gerais.»

O número de vagas para o concurso de clínicos gerais já foi divulgado e é de 180, mas não se sabe ainda qual a data do concurso. Os 1500 policlínicos agora desvinculados da Função Pública, mesmo os que reprovaram no exame de especialidade, estão habilitados a concorrer às vagas para clínicos gerais.

«Se o Ministério se lembrar de aguardar um ano, os 1500 policlínicos vão ficar privados de ordenado e regalias sociais por uma decisão meramente administrativa», lamentou.

Acerca dos 750 policlínicos reprovados no exame para o Internato de Especialidade, Mário Jorge afirmou que era norma anteriormente que os candidatos reprovados «continuassem nos hospitais a aguardar pelo concurso seguinte, dadas as grandes carências existentes».

O dirigente sindical considerou ainda como um objectivo do Ministério da Saúde «a implantação de medidas sectoriais parcelares que minem os fundamentos do Serviço Nacional de Saúde, criando mão-de-obra disponível e barata, susceptível de ser recrutada por estruturas privadas, nomeadamente estrangeiras».

Mário Jorge considerou «urgente» o levantamento das áreas da Medicina em que há carências, citando o exemplo da Oftalmologia, da Saúde Ocupacional, da Medicina Escolar e da Estomatologia, onde o número de profissionais «é muito inferior aos níveis exigidos internacionalmente». Disse ainda que «o Ministério não tez estudos que lhe permitam afirmar que há médicos a mais».

Secção do Norte reclama inquérito às eleições

Médicos do Norte vão requerer um rigoroso inquérito à forma irregular como decorreram as eleições para a presidência da ordem e que originaram a sua anulação e repetição — soube a Lusa/NP.

Para aqueles médicos, o facto do presidente do Conselho Nacional Eleitoral ter aceite a impugnação, baseando-se no facto de que «ouve várias irregularidades», é demasiado grave para se ficar só pela repetição do acto eleitoral.

«O inquérito» — segundo a circular que está a recolher assinaturas em diversos estabelecimentos hospitalares — «deve ir até às últimas consequências, apurando quem foram os médicos envolvidos na fraude».

De Norte a Sul

Habitação privilegiada em Águeda

O sector da urbanização e habitação recebe a maior verba do orçamento do Município de Águeda, recentemente aprovado pelo executivo e divulgado no sábado.

A habitação e urbanismo do concelho de Águeda vão receber cerca de 100 mil contos, que serão essencialmente canalizados para a urbanização.

Daquela verba, 20 mil contos são destinados à aquisição de terrenos e edifícios que proporcionem o desenvolvimento da área urbana do concelho. Outros sectores relevantes do orçamento e plano de actividades para 1987 são as comunicações e transportes, com 66 mil contos, a ducação, com 45 mil contos, e o saneamento e salubridade, que recebem 37 mil contos.

Moncorvo tem contas em dia

Deverão começar este ano obras no concelho de Moncorvo, visando a melhoria do abastecimento de água à população local.

Segundo o presidente do município, Aires Ferreira, declarou à Lusa, começarão obras nas barragens do Salgueiral, Arroios e Adução, a partir da barragem de Fonte Longa. «Este tipo de fornecimento de água custará cerca de 280 mil contos» — sublinhou o autarca.

A Câmara de Moncorvo, que tinha no ano passado dívidas à banca no valor de 180 mil contos, pôs as contas em dia, ainda segundo o autarca.

Aires Ferreira lamentou o atraso nas receitas do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional previstas para obras, já executadas e em execução.

Preservação ecológica das serras

A Câmara Municipal de Miranda do Corvo solicitou ao Gabinete de Apoio Técnico da Lousã a elaboração de um projecto de preservação ecológica das serras de Espinho e de Vila Nova, integradas no maciço da Lousã.

O plano visa recuperar a povoação do Cadaval, actualmente deserta, e à adaptação a zona de lazer da povoação de Senhora da Piedade de Tábuas.

A iniciativa da Câmara de Miranda do Corvo pretende também lançar a arborização natural da serra da Lousã, de uma reserva de caça e o repovoamento de vários ribeiros.

Países Ibéricos e a Revolução Francesa

As realidades históricas de Portugal e Espanha no tempo da Revolução Francesa é o tema de um colóquio internacional que decorrerá em Coimbra de 4 a 6 de Março.

Promovido pelos Institutos de História e Teoria das Ideias e de História Económica e Social da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o colóquio enquadra-se nas comemorações do bicentenário da Revolução Francesa de 1789 e pretende «a aproximação entre as diversas historiografias e, em especial, entre os investigadores peninsulares».

Estradas do Norte vão melhorar

As vias de comunicação do Norte do País deverão sofrer uma grande transformação nos próximos cinco anos, segundo referiu o governador civil do Porto.

Carlos Brito falava no Município de Baião, o mais atrasado do distrito do Porto, onde se deslocou para inaugurar as sedes de duas juntas de freguesia a convite da câmara municipal local.

O governador civil do Porto apelou aos autarcas para que não vejam as vias de comunicação como «um fim em si», mas antes como «o motor de um desenvolvimento integrado». Ao referir-se às carências do seu concelho, salientou a necessidade de criação de uma escola preparatória em Santa Marinha do Zêzere.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E SEGURANÇA SOCIAL

NOVO ATENDIMENTO AOS CANDIDATOS A PENSIONISTAS

Os requerentes e candidatos a Pensões têm ao seu dispôr um Novo esquema de Atendimento.

Agora os requerimentos devem ser entregues nos serviços locais do Centro Regional de Segurança Social.

Maior rapidez na atribuição das pensões.

Maior comodidade para os utentes.

A PARTIR DE 1 DE JANEIRO DE 1987

entra em vigor o novo sistema

A SEGURANÇA SOCIAL MAIS PERTO DE SI

Todos os candidatos a pensionistas e requerentes de Pensão **devem** tratar dos assuntos que lhes dizem respeito no

CENTRO REGIONAL DE SEGURANÇA SOCIAL DA ÁREA DA SUA RESIDÊNCIA

SEGURANÇA SOCIAL

Mais Segurança Social

Julgamento do caso FUP/FP-25 recomeçou ontem

IRÓNICO E ELEGANTE, ADVOGADO ABALOU MONSANTO

● *Posta em causa legalidade do processo e ridicularizados representantes do Ministério Público*

«CONDENAR os meus constituintes seria absolver e consagrar com incalculáveis consequências, todo um conjunto de práticas processuais e extraprocessuais que se não podem compaginar com a Justiça Democrática. Seria, em suma. absolver a prisão preventiva sem fundamento, a postergação dos direitos de defesa dos arguidos, a suspeita e o preconceito arvorados em prova, a traição — detestável mesmo entre os malfeitores — transformada na grande prova, a mistificação e montagem documental. Seria, enfim, absolver a policialização de actividade jurisdicional» — afirmou ontem, durante a 237.ª sessão do julgamento de Monsanto, o advogado João Araújo, defensor dos réus Humberto Dinis Machado e Helena Neto, cuja absolvição pediu.

Numa brilhante intervenção, onde a ironia e a elegância, juntamente com fortes argumentos jurídicos, estiveram sempre presentes, aquele jovem advogado pôs a nu numerosas e evidentes contradições do processo. Zurziu, forte e bonito, sobretudo nos representantes do Ministério Público e nos «arrependidos», mas o juiz-presidente também não deve ter dormido descansado.

Durante três horas João Araújo foi impiedoso e demolidor. No final das suas alegações dizia-se que em Monsanto se assistira a uma peça jurídica que dificilmente se esquecerá — e os réus, que seguiram com atenção total as palavras daquele advogado, mostravam-se francamente satisfeitos, Otelo chegou mesmo a esboçar, simbolicamente, o gesto do aplauso.

Um absurdo

Nas suas bem estruturadas alegações, João Araújo falou longamente sobre o terrorismo e sobre o que, em nome do seu combate, se vai fazendo por essa Europa fora. Depois, debruçou-se sobre o aspecto jurídico da causa em apreço.

Neste campo, deu grande relevo à «anómala organização deste processo», nomeadamente à «renúncia pelo Ministério Público a prosseguir nestes autos a acção penal pelo factos indiciariamente criminosos e indiciariamente praticados pelos réus».

Isto é, na argumentação de João Araújo: este julgamento de Monsanto cuida apenas de saber se os réus são ou não fundadores ou membros de uma asociação terrorista. Disso são exclusivamente acusados — e não dos crimes de baleamentos, assaltos ou raptos que, afinal, terão estado na origem dos raciocínios que levaram a acusação a concluir da existência de tal organização.

Esta questão, que pode parecer bizarra ao vulgar cidadão, tem implicações terríveis e não surge por acaso: se os réus, eventualmente, forem absolvidos da acusação de pertencerem ou terem fundado uma associação terrorista — e já estão presos preventivamente há quase três anos — passarão depois a ser acusados, noutros tribunais, pelos tais crimes — assaltos, raptos, baleamentos. E enquanto os processos se vão instruindo e o julgamento fazendo, continuarão na prisão. Preventiva, está bom de ver. Como, de resto, os representantes do Ministério Público o afirmaram em entrevista colectiva dada aos insuspeitos jornais «O Diabo», «O Crime» e «O Século» — facto longamente abordado por João Araújo.

«Adiantando-me um pouco, direi que tal opção é sob o ponto de vista do direito, uma ilegalidade, se não um crime; sob o ponto de vista das considerações humanas, uma crueldade; sob o ponto de vista da lógica, formal e jurídica, um absurdo» — salientou ainda aquele advogado, para sublinhar de seguida:

«Como é sabido, o princípio básico do nosso direito processual penal, no que diz respeito ao julgamento das várias infracções atribuíveis a um réu, os chamados casos de conexão subjectiva, é o do julgamento conjunto por todos eles».

O circo das FP-25

Este princípio, contudo, não foi seguido pela acusação, segundo João Araújo, apenas por «um critério de oportunidade» que, com ironia, demonstrou do seguinte modo:

«Critério de oportunidade porque, através desse expediente ilegal se obteve a eternização da perseguição criminal dos réus. Neste momento, senhor presidente e senhores juízes, os meus constituintes — sujeitos há dois anos e meio a uma tensão nervosa e psicológica inenarrável indizível — num momento decisivo são sujeitos a interrogatórios para, em instrução preparatória, se defenderem de acusações relativas à prática de crimes indiciados há três anos, em processos vindos das comarcas de Leiria, e da Figueira da Foz e daqui e dali e de onde mais vierem, em nome da eternização da sua prisão.

E, se os deuses se não amercearem de nós ou, pelo menos, se alguém não introduzir nisto tudo o algum bom senso que algumas breves e elementares noções de direito processual penal sempre trazem consigo, então, dentro de alguns (muitos) anos, para gáudio da populaça e instrução dos rurais, ainda veremos pelas estradas do País circular o que poderei chamar o circo das FP-25: à frente, carros da Polícia, depois, motos da Polícia, depois, carros da Polícia, à paisana, com arrependidos lá dentro e metralhadoras cá fora, depois, mais carros e mais motos, muitos carros celulares, tudo a apitar, aos solavancos, no meio de uma poeirada ignóbil, transportando de comarca em comarca, de tribunal «competente» em tribunal «competente», de julgamento em julgamento, os réus do processo FP-25/FUP, espectáculo até agora apenas reservado aos felizardos habitantes de Lisboa.

Parece-me, em todo o caso, levar longe de mais as preocupações de descentralização cultural, sabendo, como sabemos, do mau estado das estradas e dos perigos de acidentes.»

João Araújo acabou por classificar a acusação «como um sofrível relatório policial», mas, enquanto acusação, disse, «não passa de um nado-morto ou, se se preferir, uma petição inepta, ferida de morte por vícios insanáveis de conceptualização processual. Para além de fazer apelo à retroactividade da lei penal».

Outra vertente importante na intervenção de João Araújo foi a de tentar demonstrar que, ao contrário do que a acusação pretendeu dar como provado, as FP-25 e o Projecto Global não são a mesma coisa. E também aí não foram poucas as contradições que este advogado apontou à acusação.

Por fim, e neste breve resumo do que foi a sessão de ontem do julgamento do chamado caso FUP-FP-25, há também a registar o pormenorizado tratamento do tema «arrependidos», que João Araújo escalpelizou com uma demolidora ironia.

«Roma, lembro, não pagava aos assassinos dos seus generais. E se esta máxima ainda hoje é lembrada e orgulhosamente conservada no nosso património cultural colectivo ela é-o por ela mesmo, por aquilo que ela significa e não pela eficácia da operação traiçoeira que a ocasionou. Que foi eficaz e bem urdida. E Voltaire comentava com aplauso a lei inglesa que tinha o delator por tão infame quão culpado era o conspirador.»

O julgamento prosseguiu esta manhã com as alegações do advogado João Araújo, defensor de outros três réus.

Uma saudação diferente

Para se ter uma ideia do impacte, e do tom, das alegações de João Araújo, vejamos alguns aspectos da saudação inicial que este advogado entendeu por bem dirigir aos diversos membros do tribunal.

Começou por falar para o juiz-presidente:

«V. Ex.ª quis, e com coragem e frontalidade o assumiu, o protagonismo deste longo e intenso julgamento. Tenho para mim que essa opção não se ficou a dever, em V. Ex.ª, à ambição fátua e imoral de promoção social e profissional — V. Ex.ª ão sairá deste julgamento feito estrela de magazine ilustrado ou escansado titular de sinecuras internacionais. V. Ex.ª sairá deste tribunal com a saúde mais arruinada, sem louvores ou aplausos, na estranha solidão do juiz face à sua consciência. Pelo contrário, V. Ex.ª optou por esse caminho apenas em nome e defesa de uma Verdade, aquela Verdade que V. Ex.ª depositou no despacho de pronúncia.

Com o escrúpulo do homem honesto perante a Verdade e a paixão de quem a julga seriamente possuir, V. Ex.ª conduziu firmemente este julgamento dessa Verdade para essa Verdade, num círculo vicioso de onde, parcial e impaciente, afastou qualquer outra que a pusesse em causa. Tudo V. Ex.ª acolheu e tudo V. Ex.ª rejeitou, consoante o serviço que cada meio de prova pudesse prestar à acusação ou à defesa, não por parcialidade entre a acusação e a defesa mas por absoluta parcialidade pela Verdade da pronúncia.

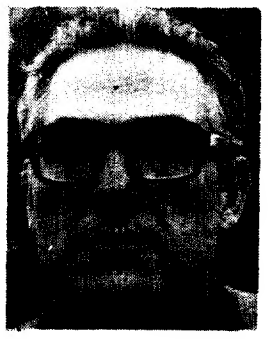
E, se pouco se quadra com a imagem que construi da actuação dos tribunais o juiz parcial, que V. Ex.ª foi, menos gosto, ainda, da lei que pede a homens honestos o absurdo da assunção da Verdade no despacho de pronúncia e a imparcialidade da sua investigação em julgamento. Sobretudo quando, como no caso aconteceu, do despacho de pronúncia decorreram para os réus meus constituintes quase três anos de prisão.

Felizmente, essa lei vai ser mudada e essa também outra virtude da actuação de V. Ex.ª — ter provado, pelo excesso, nunca pela caricatura, que a lei é má e que deve ser mudada.

Depois de, no mesmo estilo, ter saudado os juízes assessores e o Procurador, cumprimentou os seus colegas de defesa lembrando: «Vimos o nosso acesso a este Tribunal condicionado a humilhantes revistas, para mais, por agentes de empresas privadas de segurança, ao arrepio dos usos e das leis, vimo-nos limitados no acesso às diversas dependências do Tribunal, vimo-nos interpelados, injuriados e ameaçados, com a impunidade habitual, por indivíduos que envergonham qualquer força policial, vimo-nos privados do contacto necessário e oportuno com os nossos clientes e vimos limitado o nosso direito à consulta dos autos.

Tudo, naturalmente, à sombra de um sempre invocado Regulamento de Segurança deste Tribunal, cujo conteúdo nos foi sistematicamente escondido, e que aparece ao meu espírito como as antiquíssimas leis romanas que compunham o Ius Flavianum, que só chegaram ao conhecimento do povo quando Cneu Flávio as furtou a Ápio Cláudio e as revelou.

ARTIGO DE FUNDO



Mário Castrim

FALTAM poucos instantes para a meia-noite. Não tarda que o ano velho, como que por milagre, se transforme em novo ano. Este facto repete-se desde tempos imemoriais, de certeza anteriores à dominação romana na Península. Atenção, senhores telespectadores, das casas mais pobres às mais abastadas, podem ir desrolhando as garrafas de champanhe! Logo que entrarmos no Novo Ano, procuraremos entrar em contacto com diversos países de todo o mundo para vivermos, ou melhor, para partilharmos a alegria de entrar em 1987!
Atenção pois! dez... nove... oito... sete... cinco, quer dizer seis, agora é que são cinco... três... dois... um... MEIA NOITE! A partir de agora, senhores espectadores, com este novo ano podem considerar-se um ano mais velhos — e já que não podemos fazer parar o tempo, então festejemo-lo!
Comecemos a nossa digressão por esse mundo fora. Vejamos estas imagens que nos vêm de Paris. Afinal, como repararam, as imagens não vinham de Paris, mas de Bruxelas. Mais uma partida da CEE... já nos encontramos em Londres, perdão, nova troca de linhas, ai este menino hoje só faz travessuras, as imagens são da RAI e vêm da Itália, perdão!, como se viu pelas iniciais ZDF, a emissão veio-nos da Alemanha, ZDF significa **Zweits Deutshes Fernsehen,** *como me estão a dizer aqui ao lado e que significa segundo canal alemão de TV, aliás isso era visível pela forma como falavam o castelhano do popularíssimo guantamera. Agora sim, estamos em condições de ligar a Madrid. Desculpem, as imagens vêm, afinal, da RAI, não, a RAI ainda não entrou em circuito, o grupo que viram bailar esta dança folclórica da Floresta Negra veio da Jugoslávia, bem me parecia que não era o sotaque latino! Vejamos agora esta cena da vida primitiva que nos chega do Sudão. Não, não é do Sudão, mas sim das ilhas Hébridas. Fazem-me sinal de que não é das Hébridas. Supon'ho que deve ser das ilhas Fiji. Também não? Ah, informam-me aqui ao lado que são imagens do nosso país.*
Claro, o nosso país podia lá faltar ao **reveillon!**

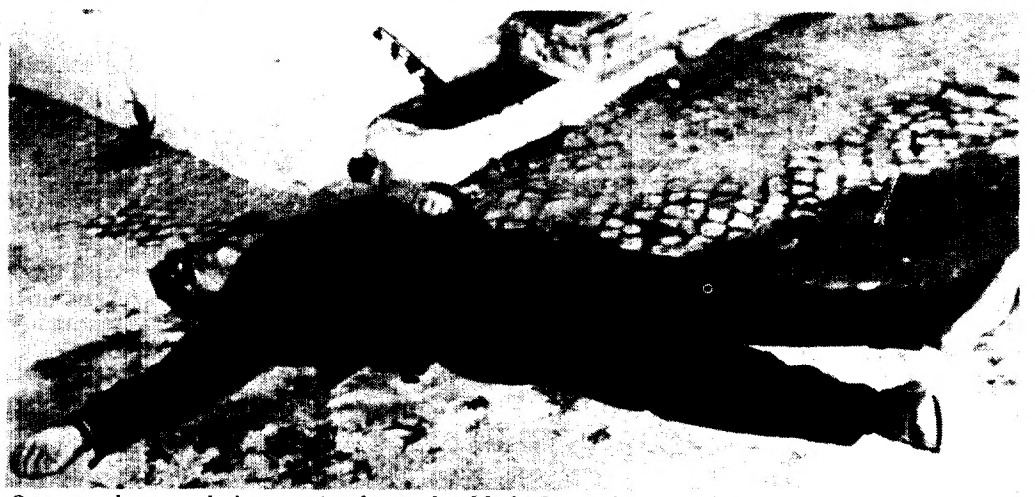
Autor dos disparos não tinha 300 contos para pagar a droga

ESPANHOL ASSASSINADO EM LOULÉ POR QUINZE GRAMAS DE HEROÍNA

O juiz de Instrução Criminal do Tribunal de Faro confirmou a prisão de um indivíduo natural de Cabo Verde acusado de homicídio de um jovem espanhol no decorrer de uma transacção de cerca de 15 gramas de heroína. Segundo a Polícia Judiciária, o crime ocorreu na tarde do passado dia 30 de Dezembro na zona de Almancil, concelho de Loulé, quando a vítima ameaçou o homicida com um revólver por este não lhe pagar 300 contos correspondentes ao valor da droga.

O cidadão cabo-verdiano foi capturado domingo em Mem Martins, no concelho de Sintra, pela Polícia Judiciária, tendo sido transportado para Faro onde ontem foi ouvido pelo juiz de Instrução Criminal. A arma do crime foi encontrada pela PJ numa residência do Bairro da Atalaia, em Faro, considerado pelas forças policiais um dos maiores centros de tráfico de droga de todo o Algarve. No Bairro da Atalaia foi ainda detido um outro indivíduo, também cabo-verdiano, por posse de 15 gramas de heroína e encontrados vários objectos, que se presume terem sido também furtados, nomeadamente máquinas fotográficas, balanças e isqueiros.

Uma fonte da inspecção de Faro da PJ salientou, a propósito deste homicídio, que o tráfico de heroína no Algarve «está a provocar cada vez mais mortes por 'overdose' e por consumidores que compram a droga e não a pagam aos traficantes». A mesma fonte sublinhou, por outro lado, que o Bairro da Atalaia e o Bairro dos Pescadores, em Quarteira, tornaram-se desde há uns anos os «maiores centros de droga do Algarve, onde a maior parte dos estupefacientes consumidos na região são traficados».



O corpo do espanhol assassinado no dia 30 de Dezembro no Algarve

Pistola roubada de um agente da PSP de Lisboa, que foi a arma do crime

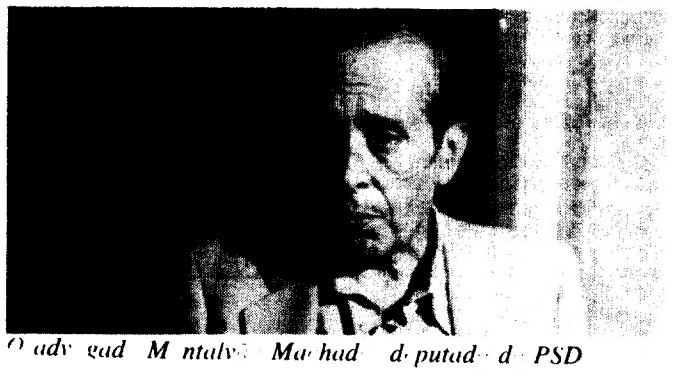
Subinspector Júlio Regadas ainda não foi capturado

Montalvão Machado vai ser ouvido no processo de corrupção na PJ do Porto

O deputado do PSD, dr. Montalvão Machado, irá ser ouvido amanhã no 1.º Juízo de Instrução Criminal do Porto, no processo relacionado com a detenção de dois subinspectores e dois agentes da Polícia Judiciária daquela cidade, responsável, igualmente, pelo mandado que mantém em fuga o subinspector da mesma inspecção, Júlio Regadas.

Montalvão Machado irá ser ouvido na qualidade de proprietário do escritório onde é funcionário um advogado, arguido no mesmo processo, uma vez que era patrono de Maria da Graça Lopes, antiga amante do cônsul da Áustria no Porto, José Guimarães (falecido em 1984), autora de burlas no valor de milhares de contos e acusada de ter subornado os elementos da Polícia Judiciária envolvidos no processo.

Entretanto, um dos subinspectores detidos, Fernando Meireles, acaba de apresentar um pedido de «habeas corpus» baseado, ao que afirma, «no incumprimento de algumas formalidades legais, nomeadamente no que se prende com o facto de não ter sido ouvido pelo magistrado do 1.º JIC, dentro do prazo legal». A decisão caberá agora ao Supremo Tribunal de Justiça.

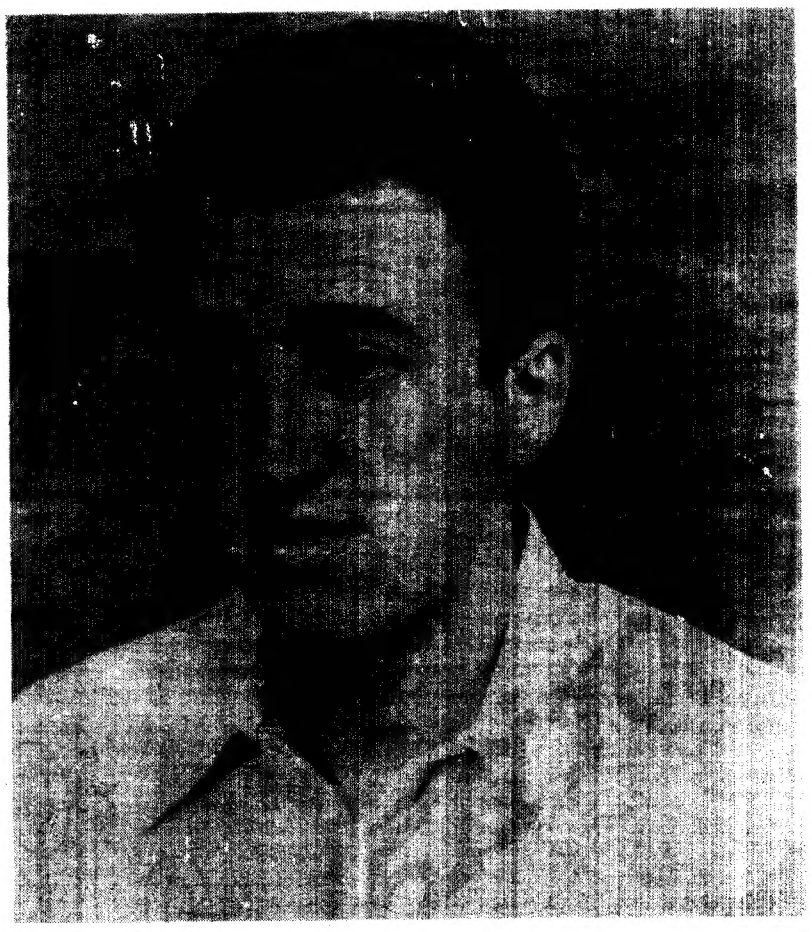


O advogado Montalvão Machado, deputado do PSD

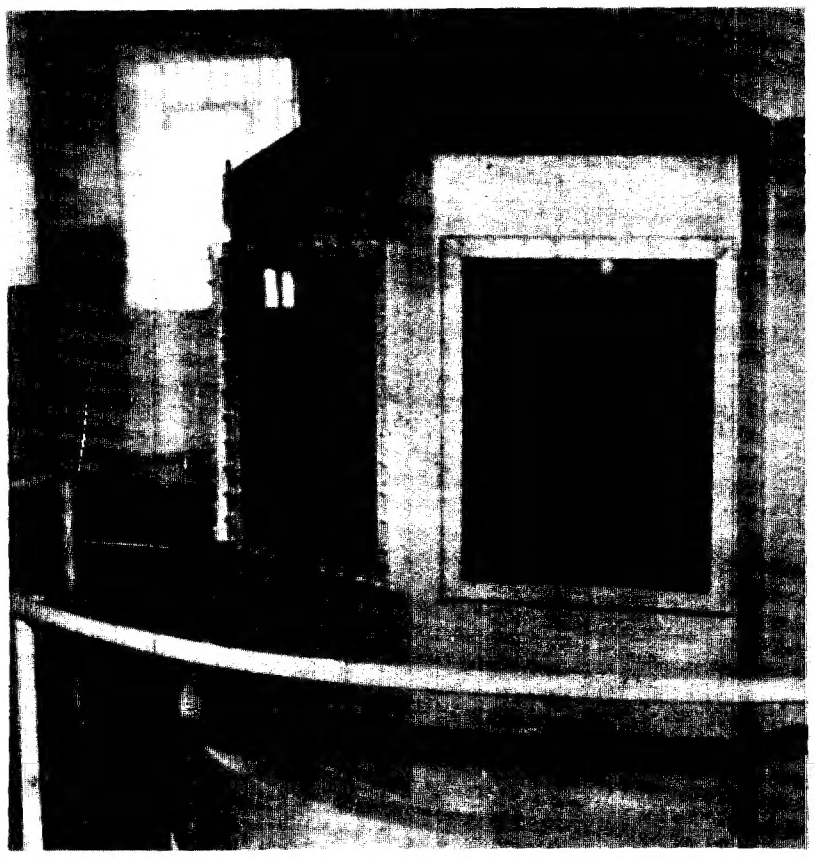
No início dos anos 60, um caso apaixonava a opinião pública, transformado que estava em manchete de quase todos os jornais — a luta que na cela 2455 da prisão de San Quentin o condenado Caryl Chessman travava contra a morte. Condenado, onze anos atrás, por diversos crimes, entre os quais o de rapto, Chessman protesta, nega as acusações, trava uma batalha jurídica sem precedentes e, pelo meio, publica quatro livros que se transformam rapidamente em «best sellers». Com eles vem chamar a atenção do mundo para a desumanidade da pena capital, para a tortura dos condenados que esperam a hora da execução. Não escapa, mas deixa um testamento, rapidamente esquecido, onde lê: «Agora que já parti, tudo o que fiz pela sociedade, foi reduzido a nada por um acto de vingança. A pena capital não é um castigo. Quantas vezes me dei conta, durante estes últimos anos, que seria um acto de mesericórdia pôr fim a esta luta de tortura, a estas fadigas desumanas. Vi os pobres, os abandonados, os desiquilibrados, serem arrastados para a câmara de execução e, de cada vez, senti a sociedade fugir às suas responsabilidades. As suas faltas eram afinal as da civilização e, em vez de as corrigir, a sociedade apenas as apagava».

A 23 de Abril de 1960, o «Diário de Lisboa» titulava na primeira página: «Caryl Chessman tem apenas nove dias para lutar pela vida», reproduzindo um despacho da agência «Reuter» onde se lia: «Caryl Chessman está a passar, na cela 2455, o que podem ser os seus últimos nove dias de vida. Chessman já sobreviveu a oito datas de execução. O seu nono encontro com a morte na câmara de gás da prisão de San Quentin é na segunda-feira, 2 de Maio. Há mais de onze anos que Chessman foi julgado por 17 acusações, entre as quais a de rapto com ofensas corporais, que na Califórnia é castigado com pena de morte. Devido a uma série de manobras jurídicas, muitas das quais financiadas pelos seus quatro livros, tem conseguido conservar a vida durante esse longo período. Agora, parece encontrar-se falido, mas as manobras legais continuam. A semana passada, pela 16ª vez, o seu caso foi submetido ao Supremo Tribunal dos Estados Unidos. Um advogado pediu a revisão das últimas acções postas no Supremo Tribunal da Califórnia».

AS ÚLTIMAS 48 HORAS DE CHESSMAN



Caryl Chessman na altura da prisão



A câmara de gás em San Quentin

SACRAMENTO (Califórnia), 27 de Abril de 1960 — O governador da Califórnia, Edmundo Brown, declarou ontem à Imprensa que «a não ser que se dê qualquer acontecimento inesperado, não posso impedir a execução de Caryl Chessman na próxima segunda-feira». «A Constituição — acrescentou — não me permite que conceda a clemência e lembro-vos que esta foi já duas vezes recusada pelo Supremo Tribunal deste Estado».

S.FRANCISCO, 30 — Caryl Chessman apresentará hoje, a quarenta e oito horas da data prevista para a sua execução na câmara de gás de San Quentin, um pedido de «Habeas Corpus» ao Supremo Tribunal da Califórnia. O pedido, segundo revelou o advogado de Chessman, George T. Davis, baseia-se num ponto, ou pontos, que não foram levantados até agora. «Esperamos poder agir rapidamente. Tenham a certeza de que vamos tão depressa quanto a lei o permite», afirmou.

George T. Davis conferenciará hoje, às 16 horas (TMG), com o seu constituinte, para concluirem ambos a redacção do novo pedido de «Habeas Corpus». «O caso Chessman não está ainda encerrado, sublinhou o advogado, e estou convencido que o meu cliente não morrerá no dia 2 de Maio». Se a comutação da pena for concedida, Chessman será condenado a prisão perpétua.

Davis, ao despedir-se ontem de Chessman, depois de uma longa conferência de duas horas, perguntou-lhe:

«Que lhe parece?».

Chessman:

«Que espero vê-lo em Vacaville, segunda-feira à tarde».

Vacaville é o instituto prisional dos condenados a prisão perpétua.

O Supremo Tribunal da Califórnia indeferiu, a noite passada, o último apelo de Caryl Cessman contra a sentença de morte. Chessman ouviu pela rádio a notícia da rejeição.

O condenado declarou: «Já sabia. Digam-me só qual foi a votação».

A votação foi de 4 contra 3.

SAN QUENTIN, 2 de Maio de 1960 — *(1ª Edição)* —O condenado-escritor, Caryl Chessman, que está hoje pela nona vez em doze anos à beira da execução, só conhecerá o seu destino exacto menos de duas horas antes do momento em que deve entrar para a câmara de gás.

O procurador-geral da Califórnia, Stanley Mosk, anunciou que foram encontrados três dos quatro homens que os advogados de Caryl Chessman afirmam poderem testemunhar a inocência do condenado. As declarações dos três homens serão apresentadas esta tarde ao Supremo Tribunal da Califórnia. Os três homens são: William Wampler, Paul Judd e David Knoles. O quarto homem é Charles Terranova, que os advogados de Chessman afirmam ser o verdadeiro «Bandido da Lanterna Vermelha». Mas não foi possível descobrir o seu paradeiro.

A última esperança de Chessman, muito ténue, é o Supremo Tribunal da Califórnia, que reune em San Francisco, às 8 horas locais (15 TMG e 16 de Lisboa). O Tribunal apreciará um pedido de «Habeas Corpus», apresentado pelos advogados de Chessman, que solicitaram o adiamento da execução afirmando possuirem provas de que o «Bandido da Lanterna Vermelha» é Charles Severine Terranova, um falsário que anda fugido à justiça. Estariam aptos a fazer prova de que Chessman não se encontrava no parque de Los Angeles quando ali foram violentadas duas mulheres e submetidas a actos sexuais antinaturais.

A petição alega que o julgamento de Chessman foi prejudicado por falsos testemunhos e pelo encobrimento de provas importantes.

S. FRANCISCO, 2 — *(2ª Edição)* — O Supremo Tribunal da Califórnia rejeitou o último apelo de Caryl Chessman. A reunião do Tribunal terminou às 17 e 14 (hora de Lisboa), tendo a votação sido de 4-3. A execução continua marcada para as 18 horas de Lisboa.

Chessman já teve oito encontros aprazados com a morte desde 1952. As datas foram estas:

- 28 de Março de 1952 — suspensão da execução em 29 de Fevereiro;
- 27 de Junho de 1952 — suspensão da execução em 23 de Junho;
- 14 de Maio de 1954 — suspensão em 13 de Maio;
- 30 de Julho de 1954 — suspensão em 29 de Julho;
- 14 de Janeiro de 1955 — suspensão em 13 de Janeiro;
- 15 de Julho der 1955 — suspensão em 6 de Julho;
- 23 de Outubro de 1959 — suspensão em 21 de Outubro;
- 19 de Fevereiro de 1960 — suspensão por 60 dias, dez horas antes da execução.

S. FRANCISCO, 2 — *(3ª Edição)* — Caryl Chessman foi executado. O condenado entrou na câmara de gás depois de rejeitados todos os apelos. O Supremo Tribunal do Estado indeferiu o requerimento para a suspensão da execução de Chessman minutos antes deste entrar para a câmara de gás. Em Washington, o presidente do Supremo Tribunal dos Estados Unidos, William Douglas, recusou também adiar a execução de Chessman.

Na sua última carta, Caryl Chessman volta a afirmar a sua inocência: «Em face da morte volto a repeti-lo: não fui o infame bandido da lanterna vermelha. A Califórnia condenou outro homem. A seu tempo o mundo obterá a prova desse erro selvagem». Mais de 20 anos depois, continua por prova a inocência do condenado.-

CREDORES EM MAUS LENÇÓIS NO TERCEIRO MUNDO

DEODORO ROCHA
Serviço IPS/DL

A posição dos credores do Terceiro Mundo enfraqueceu em 1986, devido ao repetido fracasso dos seus esquemas de refinanciamento: enquanto os devedores que se cingiram às suas exigências de ajustamento registaram novos problemas, os que lhe resistiram conseguiram melhorar as suas castigadas economias.

O México, o mais aplicado paciente do Fundo Monetário Internacional (FMI) e da Banca credora, duramente atingido pela baixa do petróleo, viu cair o seu Produto Nacional Bruto uma vez mais (como em 1983). O Peru, que abandonou o esquema do FMI e limitou os seus pagamentos a 10 por cento das suas exportações, viu crescer a sua economia quase oito por cento e uma diminuição apreciável da inflação.

Apesar de uma saída líquida de capital para os países credores de 25 000 milhões de dólares anuais em média, entre 1982 e 1986 a dívida global do Terceiro Mundo continuou a aumentar, cifrando-se este ano em 953 000 milhões de dólares, segundo dados da firma consultora suíça Haenkel-Foster.

Os devedores, sobretudo na América Latina, passaram já a viver e mesmo a pagar apenas com os seus recursos, privados que estão, de facto, de créditos externos antes considerados indispensáveis, não só para crescer, mas para subsistir.

Isto faz pensar que as medidas unilaterais, semelhantes à peruana, se estenderão a mais países em 1987, ao comparar resultados e ver a intransigência credora, cujo exemplo é a virtual morte silenciosa do plano paliativo ruidosamente lançado há um ano por James Baker, secretário do Tesouro norte-americano.

O Plano Baker vegetou um ano sem convencer a Banca — que se limitou a um apoio verbal, sem compromisso concreto, sobre os 20 000 milhões de dólares de crédito fresco durante três anos que o plano exige. Tão-pouco seduziu os devedores, que o consideram insuficiente inclusive para atenuar a crise e, além disso, resistem a perder os escassos activos deixados pela onda de endividamente dos anos 70 como pagamento parcial da dívida.

Há três semanas, um banqueiro britânico disse numa reunião em Madrid que o último pacote de refinanciamento mexicano, o único até agora enquadrado no Plano Baker, foi devido mais à pressão de Baker, cioso por mostrar resultados, do que ao convencimento dos bancos sobre a sua viabilidade.

Na mesma reunião, um subsecretário de Estado norte-americano, Paul Taylor, explicou que a solução mexicana, com condições muito mais flexíveis que os esquemas até agora aplicados, é uma simples referência, e não um modelo extrapolável a outros devedores.

As dívidas em crise elevam-se a 520 000 milhões, se se contar apenas os países que acumulam grandes atrasos de juros ou do principal da dívida ou que tiveram de renegociar — América Latina, Filipinas alguns africanos —, mas o montante abrangido por mais amplos critérios de risco (que limitam ou encarecem o novo crédito) ronda os 720 000 milhões, incluindo toda a África.

Num estudo recente, o banqueiro e ex-ministro argentino Aldo Ferrer expôs uma mudança crucial operada desde 1982: os credores perderam capacidade de pressão financeira sobre os devedores, que paradoxalmente reduziram a sua dependência financeira externa (ainda que muitos deles ainda não estejam convencidos).

Até 1982, os devedores pagavam as suas dívidas e parte das suas importações com novos créditos e investimentos externos. Mas o ajustamento imposto pelo FMI e pelos credores levou os países não só a pagar as importações (seriamente diminuídas) com os seus próprios recursos, como além disso pagam com o restante mais de 80 por cento dos juros e cobrem o crédito comercial.

O director cessante do FMI, Jacques de Larosiere, admitiu esta situação em Outubro, ao referir perante a Assembleia do Fundo que os devedores terão de contar, para consumir e investir, exclusivamente com a mobilização dos recursos próprios que restarem após pagarem os juros.

A tese do Governo peruano de Alan Garcia (e de muitos especialistas e outros Governos devedores) é a de que, se se limita o pagamento de juros, se melhora a capacidade de investimento e consumo (estimulando a economia) e ao mesmo tempo se acumulam reservas que dão margem de manobra em caso de represália por parte dos credores.

Zanga do FMI já não impressiona

A suspensão de novos créditos do FMI ao Peru (por não pagar juros a quem lhe teche o crédito) não piorou a situação, pois o crédito comercial manteve-se e, além disso, o Peru já não recebia créditos de médio prazo do FMI e da Banca Comercial, desde que se recusou a cumprir os planos de ajustamento do Fundo.

Pelo contrário, enquanto o México se cingiu às metas do FMI, e teve um ano desastroso — queda de 4 por cento no PNB, 105 por cento de inflação, 60 por cento de queda do salário real e desmoronamento monetário —, o Peru alcançou 8 por cento de crescimento e reduziu sensivelmente a sua inflação, melhorando a sua procura interna.

O México obteve um pacote de crédito de meio prazo de 14 000 milhões de dólares para 1987 e reajustou vencimentos por 47 000 milhões, mas só em juros e amortizações terão sido tragados este ano mais de 10 000 milhões de dólares, sobre exportações calculadas em 17 000 milhões, enquanto a sua dívida passou de 85 000 para 100 000 milhões de dólares desde 1983, sem que o país tenha recebido crédito líquido desde 1984.

A má comparação para o México deve ser matizada com as diferentes circunstâncias políticas, económicas, sociais e geoestratégicas que entram também em linha de conta na decisão de cada país. Mas de qualquer modo anima outros devedores a endurecer posições, em especial depois do fracasso dos argumentos dos negociadores políticos (Consenso de Cartagena) para comover os Governos e bancos credores.

A limitação de pagamentos, ligando-os ao saldo comercial, como o fez o Peru, ou a uma parte do PNB, como fez o Brasil, já saltou para fora da América Latina, como nos casos do Zaire, Sudão e Nigéria.

Tendência para medidas unilaterais

O quadro parece, assim, orientar-se para medidas unilaterais de cada devedor, amiúde forçadas mais pela situação do que por uma clara consciência do poder negociador que encerram.

Em cinco anos de manuseamento da crise, as previsões e planos do FMI, base das exigências da Banca e dos Governos credores (Clube de Paris) fracassaram repetidamente, desde o cálculo das necessidades de novo crédito até ao quadro de reactivação mundial no qual o esquema deveria funcionar.

A reactivação norte-americana, esperado motor da recuperação internacional, esgotou-se em seis trimestres, beneficiando principalmente o Japão e a Europa industrializada.

As matérias-primas - no final também o petróleo, garantia sobre a qual assentou a desenfreada prestamista dos anos 70 — caíram continuamente, privando os devedores dos meios para fazerem face aos seus pagamentos, enquanto o proteccionismo do mundo industrializado lhes veta, também, a alternativa das exportações industriais e agro-alimentares.

Os credores propõem aos devedores a diversificação das suas exportações, mas o processo de ajustamento e a dívida tiram-lhes os recursos para investir em novas áreas de futuro mundial. Os Estados Unidos, inclusivamente, pedem a desprotecção de áreas de futuro, como a Informática (Brasil), ou os serviços (Banca, comércio, seguros).

Madeira já tem banco privado

Abriu ontem, oficialmente, no Funchal o primeiro balcão do primeiro banco privado a instalar-se na Região Autónoma da Madeira, depois do 25 de Abril. Trata-se de uma delegação do Banco Comercial Português, um banco privado recentemente constituído, e foi inaugurada pelo presidente do Governo Regional, Alberto João Jardim.

Segundo Alberto João Jardim, com a abertura deste balcão no Funchal, fica provado que «estão enterrados os mitos políticos e económicos que tanto mal fizeram ao nosso País».

Por seu turno, o presidente do BCP, Jardim Gonçalves, congratulou-se com a confiança do Governo nesta instituição bancária e manifestou a esperança de que os meios materiais e humanos do Banco Comercial Português possam «contribuir com algo de novo na região

Num total de 1,1 milhões de contos

CEE financia agricultura e pescas

Portugal recebeu, ontem, despacho favorável da CEE para 95 projectos de investimento nos sectores agrícola e das pescas, correspondendo o financiamento comunitário a 1,136 milhões de contos.

Os subsídios atribuídos a Portugal vêm através do FEOGA (Fundo Europeu de Orientação e Garantia Agrícola-sector Orientação) e destinam-se a 33 projectos de índole agrícola, no Centro e Sul do País, e a 62 para modernizar e reestruturar a frota pesqueira.

A principal infuência deste novo pacote de projectos financiados pela Comunidade Europeia incide nas pescas, tal como foi a regra em relação aos outros países beneficiados, nomeadamente a Espanha que levou a maior fatia do bolo ontem distribuído.

A construção de novas embarcações a registar nos portos do Norte do País (11 projectos), do Centro (16) e do Sul (4), com a particularidade de uma delas se destinar à Madeira e nove aos Açores, constitui «um apoio sem precedentes» tal como já destacara o Secretário de Estado das Pascas, Jorge Godinho, ao anunciar a iminente consessão, no mês passado, destes financiamentos pela CEE

Os projectos pesqueiros restantes -31-visam a modernização de embarcações em funcionamento e registadas, também, em portos do Norte, Centro, e Sul do País. A contrapartida inevitável nestas coisas da Comunidade, onde os financiamentos têm na base uma filosofia de modernização e de melhoria da produtividade e não o aumento da capacidade produtiva global, é o abate e retirada de 28 velhas embarcações pesqueiras aos efectivos portugueses.

Segundo um porta-voz da Comissão, os projectos financiados «são os que melhor respondem aos objectivos e critérios fixados no regulamento comunitário e que dão prioridade à modernização da frota existente». O objectivo básico é reduzir a capacidade de pesca dos estados membros da CEE para um nível próximo dos stocks existentes nos mares da Comunidade.

Banco açoriano aumenta capital

Soube-se, entretanto, em Ponta Delgada, que o Banco Comercial dos Açores vai aumentar o seu capital social de 750 mil para milhão e meio de contos. A ponderação dos capitais próprios, ainda bastante exíguos, tem sido uma das razões apontadas para a não autorização da abertura de uma dependência do BCA no Porto, como é desejo manifestado pelo seu presidente, Raul Santos.

O presidente do Banco Comercial dos Açores anunciou, também, que até ao fim do ano a instituição vai pedir autorização para aumentar o seu capital social até três milhões de contos, mínimo considerado indispensável para a sua projectada expansão.

O BCA é tutelado pelo Governo Regional dos Açores e dispõe de 15 dependências nas ilhas, em Lisboa e na cidade de Fall River, nos Estados Unidos.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA)
ÁFRICA DO SUL (rand)	40$00	46$00
ALEMANHA FED. (marco)	74$65	75$85
ÁUSTRIA (xelim)	10$55	10$75
BÉLGICA (franco)	3$380	3$630
BRASIL (cruzado)	3$800	6$300
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	104$70	107$20
(notas de 5 a 1000)	105$20	107$70
DINAMARCA (coroa)	19$70	20$10
ESPANHA (peseta)	1$066	1$186
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	144$40	147$40
(notas de 5 a 1000)	144$90	148$40
FINLÂNDIA (marka)	30$20	30$80
FRANÇA (franco)	22$55	23$25
HOLANDA (florim)	66$10	67$20
IRLANDA (libra)	203$50	207$50
ITÁLIA (lira)	$097	$112
JAPÃO (iene)	$862	$917
NORUEGA (coroa)	19$60	20$10
REINO UNIDO (libra)	213$20	217$70
SUÉCIA (coroa)	21$30	21$80
SUÍÇA (franco)	88$55	90$05
VENEZUELA (bolívar)	5$30	6$30

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

24 HORAS

Shevardnadze em Cabul

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduardo Shevardnadze, e o chefe de relações internacionais do Comité Central do PCUS, Anatoly Dobrinin, tiveram conversações (cujo teor não foi divulgado) com o líder afegão, Najibullah. A visita de Shevardnadze segue-se ao anúncio por Cabul de um amplo programa de reconciliação nacional, com base num cessar-fogo por parte das tropas afegãs por seis meses a partir do próximo dia 15. Deu-se ainda poucas semanas depois de o líder afegão fazer a sua primeira visita oficial a Moscovo, onde se reuniu com o líder soviético Mikhail Gorbachev, que disse na altura que a União Soviética não tenciona manter durante muito tempo as suas tropas no Afeganistão.

Confrontos em Beirute

MILICIAS de esquerda rivais defrontaram-se hoje nas ruas de Beirute, forçando milhares de pessoas a permanecer em suas casas — informou a Polícia. As granadas lançadas pelas duas facções atingiram casas particulares, estabelecimentos comerciais e carros, dando origem a dezenas de incêndios — acrescentou a Polícia. Desconhece-se o motivo para os confrontos entre as duas facções, que são aliadas na guerra civil contra os cristãos, e ignora-se igualmente se há baixas.

Reagan operado

O presidente norte-americano, Ronald Reagan foi ontem operado a uma hipertrofia da próstata que lhe causava ultimamente ligeiro, mas constante, mal-estar — informou um porta-voz da Casa Branca. A operação, denominada ressecção transuretral foi efectuada por um grupo de especialistas da Clínica Mayo, tendo o presidente sido submetido apenas a anestesia local. Durante a operação foram retirados tecidos da próstata para posterior análise laboratorial, na detecção de células cancerígenas, mas as probabilidades de os resultados serem positivos foi estabelecida em 10 por cento.

Shultz em África

O secretário de Estado norte-americano George Shultz partiu hoje para uma visita a seis países de África, em que deverá analisar a situação económica e a segurança no continente. Trata-se da primeira visita oficial de Shultz a países da África negra e incluirá o Senegal, os Camarões, o Quénia, a Nigéria, a Costa do Marfim e a Libéria. Segundo funcionários norte-americanos que pediram o anonimato, Shultz debaterá em cada capital que visitar a situação no Chade e, em Dacar, deverá proferir um discurso acerca do que considera ser a evolução do continente para uma economia mais de mercado.

O problema das Malvinas

A Grã-Bretanha está disposta a dialogar com a Argentina para resolver o problema das ilhas Malvinas, reiterou o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, sir Geoffrey Howe. Em conferência de Imprensa, Howe, em visita à Cidade do México, adiantou que o seu país mantém soldados nas ilhas Malvinas para cumprir o compromisso contraído com os ilhéus. O ministro britânico reiterou uma vez mais que os problemas da América Central devem ser resolvidos pela via política e não pelas armas.

O dirigente líbio, Moammar Kadhafy, admitiu pela primeira vez ter «algumas centenas» de soldados no Chade, em entrevista concedida ao «Libération» e publicada em Paris. Segundo Kadhafy, os soldados líbios entraram no Chade apenas para libertar um grupo de técnicos raptados e reafirmou que o seu país não está a intervir no conflito do país vizinho. Mas o ministro chadiano da Informação, Moumine Hamidi, acusou a Líbia de estar a concentrar tropas e aviação de combate no Norte do Chade e de lançar ataques aéreos contra este país, numa escalada da guerra civil que dura há 20 anos. Nas suas declarações, Kadhafy disse que pretendia «salvar» os técnicos por meios pacíficos, mas que se fosse necessário usaria a força.

Caricaturas do chanceler Helmut Kohl e do lider da oposição Johannes Rau, que são as principais figuras da campanha eleitoral na República Federal Alemã.

A Amnistia Internacional apelou às autoridades da República Popular Democrática do Yémen que investigue casos de tortura, assassínios deliberados e possíveis desaparecimentos de cidadãos do país. A secção portuguesa da A.I. refere em comunicado que aquela organização está a insistir para que as autoridades da R.P. do Yémen tomem «medidas apropriadas para levar a tribunal todos os que forem considerados responsáveis por não respeitar os direitos humanos. Estas acções foram tomadas após violentas lutas ocorridas em 13 de Janeiro de 1986, em Aden, a capital, entre facções rivais do Partido Socialista do Yémen, que governa o país.

Aumento foi pedido por Reagan

ORÇAMENTO ADICIONAL DOS E.U. BENEFICIA PORTUGAL

Portugal figura na lista de países beneficiados pelo aumento do Orçamento norte-americano ontem solicitado por Ronald Reagan ao Congresso. O presidente baseou o seu pedido em dois pressupostos: a ajuda aos países onde estão instaladas bases dos Estados Unidos e o combate ao terrorismo. O pedido foi feito no mesmo dia em que o Senado anunciava que o documento sobre a investigação do escândalo Irangate é embaraçoso para o presidente.

Dirigindo-se ao Congresso, agora com maioria democrata nas duas Câmaras, Ronald Reagan pediu para se acrescentar 1.3 mil milhões de dólares ao Orçamento externo. A fatia mais larga deste Orçamento adicional será para países como Portugal, Turquia, Grécia, Espanha e Filipinas, onde estão situadas bases militares estratégicas.

Em adição aos 1,3 mil milhões de dólares para o ano fiscal iniciado no dia 1 de Outubro de 1986, Reagan apelou ainda ao Congresso para que conceda 19.1 mil milhões de dólares para 1988 ou seja, mil milhões de dólares mais do que no corrente ano.

Apesar do escândalo provocado pelo desvio de lucros obtidos na venda de armas ao Irão para os «contras» da Nicarágua, o projecto de Orçamento inclui ainda uma ajuda de 105 milhões de dólares para os rebeldes anti-sandinistas.

No entanto, neste capítulo, o presidente terá sérias dificuldades em convencer o Congresso. Com efeito, quando o desvio de fundos para os «contras» foi tornado público, tanto os democratas, como vários congressitas republicanos, afirmaram que tão cedo o Congresso não aprovaria outras ajudas aos rebeldes anti-sandinistas.

Fontes de Washington adiantaram, entretanto, que não será só este aspecto a suscitar a oposição do Congresso, sendo provável que o Orçamento proposto por Reagan, que se caracteriza por um aumento das despesas militares, venha a ser profundamente alterado.

Um documento embaraçoso

A proposta de Orçamento será discutida no Congresso no momento em que estão ainda por apurar as responsabilidades da administração Reagan no escândalo da venda de armas ao Irão. As suspeitas sobre o envolvimento do presidente na operação foram ontem reactivadas com as declarações do presidente do Comité de Serviços Secretos do Senado, o republicano David Durenberger.

Ao anunciar que o Comité tinha concluido o seu relatório sobre o Irangate, Durenberger afirmou que globalmente o documento é «embaraçoso» para a admini-

Reagan renova convite a Gorbachev para cimeira

A Casa Branca renovou ontem o convite ao lider soviético Mikhail Gorbachev para se reunir este ano nos Estadso Unidos com o presidente Ronald Reagan. O porta-voz presidencial, Larry Speakes, comentando notícias segundo as quais o Kremlin teria feito avanços para uma nova cimeira, disse que «não há sugestões directas dos soviéticos que indiquem a vontade de assumir o compromisso que prevê a realização de uma cimeira nos Estados Unidos em 1987».

A revista norte-americana «Newsweek» indicava na sua última edição que o o secretário-geral do Partido Comunista soviético propôs a Regan uma reunião, mas num país neutral.

Os dois lideres encontraram-se em Outubro passado em Reiquejavique, na Islândia, no que foi considerado uma mini-cimeira para preparar uma reunião global, mas as conversações redundaram num fracasso.

Inquirido obre a possibilidade de Reagan aceitar encontrar-se com Gorbachev fora dos Estados Unidos, Larry Speakes disse: «Esperamos até termos recebido uma proposta formal dos soviéticos em resposta ao nosso convite para uma cimeira nos EUA, em 1987».

Pacto de Varsóvia

O Pacto de Varsóvia convidou observadores ocidentais para assistirem a nove manobras de grande dimensão, segundo anunciaram fontes militares da NATO.

O convite surge na sequência da Conferência de Estocolmo, que terminou em Setembro, e durante a qual foram aprovadas normas para observação, verificacão e notificação dos exercícios militares no Ocidente e no Leste.

Acidentes nucleares

Um acordo soviético-fin-

O *Metro de Paris e os autocarros interromperam hoje o funcionamento em consequência dos seus trabalhadores terem respondido ao apelo de greve lançado pelos Sindicatos. Entretanto, os ferroviários franceses continuam paralizados. Na foto, grevistas formam uma cadeia humana a fim de bloquearem o tráfego.*

S E.U.A.

stração e para Ronald Reagan.

Durenberger indicou que o relatório-uma súmula e análise de mais de duas semanas de interrogatórios à porta fechada de funcionários da administração, dos serviços secretos e pessoas envolvidas na operação-não será tornado público por decisão do Comité.

Entretanto, a cadeia de televisão norte-americana ABC noticiou que a Casa Branca está à procura de um novo director para a CIA uma vez que William Casey poderá não regressar ao seu posto.

Casey, de 73 anos, foi operado no dia 18 de Dezembro para remoção de um tumor cerebral. Embora esteja consciente e lúcido, não consegue falar, caminhar, nem mover o lado direito do corpo, acrescentou a ABC.

ra nos EUA

landês sobre uma troca rápida de informações em caso de acidentes nucleares vai ser assinado esta semana durante a visita do primeiro-ministro da URSS, Nikolay Ryzhkov, à Finlândia.

O acordo surge na sequência do acidente nuclear de Chernobyl que causou a morte de 31 pessoas e espalhou radiações através da Europa. A Finlândia foi um dos primeiros países a ser gravemente atingido pela fuga radioactiva.

Frelimo e a economia moçambicana

O Comité Central do Partido Frelimo, órgão máximo entre congressos, está hoje reunido para, entre outras questões, analisar as novas orientações para areabilitação económica e financeira moçambicana, a anunciar brevemente. «Uma economia e umas finanças a ameaçarem ruptura», segundo uma fonte próximo do CC da Frelimo.

O Presidente Joaquim Chissano já anunciou, por diversas vezes, que 1987 vai exigir grandes sacrifícios aos moçambicanos.

Sabe-se que vai processar-se a desvalorização do metical, que vão subir os preços, mesmo os dos artigos de primeira necessidade, que parecem, escassos, no mercado, que empresas vão ser reconvertidas e aliviadas do excesso de mão-de-obra, que vai tentar-se a actualização dos salários e que a prioridade no desenvolvimento é o sector agrícola, onde a produção familiar ocupa o lugar mais importante.

Advoga-se para as empresas estatais rigorosos critérios de rentabilidade com a introdução de métodos típicos da economia privada.

Como parte dessas medidas, o Conselho de Ministros já anunciou a subida da taxa de juros nos depósitos a prazo e «a ordem a fim de captar poupanças «que permitam investimentos mais avultados», disse o governador do Banco Central, Eneias Comiche.

Diferendo CEE-EUA

O ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, sir Geoffrey Howe, vai encontrar-se amanhã nas Bermudas com o secretário norte-americano de Estado, George Shultz, para tentar minorar um conflito comercial entre os Estados Unidos e a CEE.

Howe, que concluiu uma visita de três dias ao México, disse que vai debater com Shultz o plano dos EUA para aumentar em 200 por cento as taxas altandegárias sobre vários produtos europeus, a partir do próximo dia 30, a não ser que a CEE concorde em pagar indemnizações pelos mercados de cereais que perdeu quando a Espanha aderiu à Comunidade, em 1986.

Vanunu em greve de fome

O técnico atómico israelita, Mordejai Vanunu, preso em Israel e acusado de alta traição, entrou em greve de fome, informou o irmão.

Asher Vanunu foi ontem autorizado a visitar o irmão, que se encontrava incomunicável, numa cela de castigo, desde que foi trazido à força para Jerusalém para ser julgado por ter revelado segredos atómicos de Israel a um diário de Londres.

Quando foi levado aos juízes, Vanunu conseguiu comunicar aos jornalistas presentes que tinha sido raptado em Roma pelos Serviços Secretos Israelitas (Mossad) e as forças de segurança israelitas receberam ordem de evitar «a todo o custo» qualquer novo contacto entre o réu e a Imprensa.

Vanunu disse aos pais e irmãos que, desde então, fica totalmente isolado numa cela 23 horas por dia e que lhe dão a comida «como a um cão».

«Querem quebrar-me, não necessito a comida que me dão e por isso iniciei uma greve da fome», disse Vanunu aos familiares, segundo o relato hoje publicado pelo diário israelita «Haaretz».

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE PORTO DE MÓS

ANÚNCIO

Pelo Juízo de Direito desta Comarca, na Acção Ordinária n.º 295/83-3.ª Sec. movida pelo autor Blocotelha - Fabrica de Telha e Prefabricados Ld.ª, com sede em Porto de Mós, contra construções Pré-Amado Ld.ª, com última residência conhecida em Rua António Enes n.º 16 A 3.º A 1000 Lisboa, é este réu citado para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de 20 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de trinta dias, contada da data da segunda e última publicação deste anúncio, sob a cominação de vir a ser condenado no pedido que o autor deduz naquele processo e que consiste em 1 704 571$20 (um milhão setecentos e quatro mil quinhentos e setenta e um escudos e vinte centavos).

Porto de Mós, 12 de Dezembro de 1986

O Juiz de Direito

a) João Albino Rainho Ataide das Neves

O Escrivão-Adjunto

a) António Albino F.F. de Almeida

D.L. 6/1/87 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

11.º Juizo
1.ª Secção
Proc.º 296/A/85

O Doutor Manuel Nunes Ferreira, Juiz do 11.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

Faz saber que pela 1.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm termos uns autos de execução de sentença em que é Exequente Maria Manuela Fernandes Mendes Caninhas Vicente, residente na Travessa da Memória, n.º 51-r/c Lisboa e Executada Liga dos Amigos dos Hospitais, com sede na Rua da Palmeira, n.º 1 Lisboa, e neles correm éditos de vinte dias, citando os credores desconhecidos para, no prazo de dez dias findo o dos éditos, ou a contar da segunda e última publicação do presente anúncio, deduzirem os direitos, nos termos dos artigos 864.º e seguintes do Código de Processo Civil.

Lisboa, 17 de Dezembro de 1986

O Juiz de Direito
(Assinatura ilegível)

O Escrivão Adjunto
Odete Rosa Miranda

«DL» — 6/1/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE MATOSINHOS

A N Ú N C I O

São citados os credores desconhecidos, que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da segunda e última publicação deste anúncio

Execução Sumária, n.º 584/84, 5.ª Secção.

Exequentes — PORTUGAL PREVIDENTE — COMPANHIA DE SEGUROS, SARL.

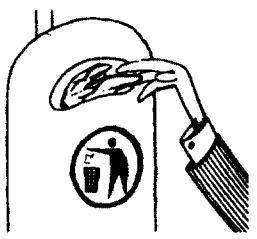
Executado — JOÃO GOMES DUARTE, LD.ª, com sede na Rua de S. Gens, n.º 2918, na Senhora da Hora, desta comarca.

Matosinhos, 5 de Dezembro de 1986

O Juiz de Direito,
Amílcar Brito de Pinho Fernandes

O Escrivão de Direito,
José Carvalho Monteiro

«DL» 6/1/87 — 2.º pub.



uma cidade limpa é uma cidade viva

S. R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Almeirim, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, — Centro de Distribuição de Santarém, a que se refere o processo n.º 1/1169, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Almeirim, de uma linha aérea a 30 KV, com 1324 metros, do poste n.º 31 da linha SE de Almeirim — SE de Glória ao PT ALR 24C de Sofia ML SBS Lobo de Vasconcelos, sito no Casal Branco.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 12 de Dezembro de 1986

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, — Centro de Distribuição de Santarém, a que se refere o processo n.º 1/1163, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Vaqueiros, concelho de Santarém, de uma linha aérea a 15 KV, com 257 metros, do poste n.º 8 da linha para o PT STR 60C da SIMOL ao PT STR 155C de António Raimundo Pitorro.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 5 de Dezembro de 1986

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, — Centro de Distribuição de Santarém, a que se refere o processo n.º 1/1168, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Vila Moreira, concelho de Alcanena, de uma linha aérea de 30 KV, com 212 metros, do poste n.º 8 da linha para o PT ACN 49 de Vila Moreira ao PT ACN 66C de Domingos Branco Carreira & Filhos, Lda., sito em Vale Calado.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 4 de Dezembro de 1986

O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

João Carlos Oudinot Larcher Nunes

†

ANALIDE ÓSCAR FERREIRA
FALECEU

Maria Luísa Vaz Belling Ferreira, Jaime Augusto Ferreira e sua mulher, Alberto Ferreira, sua mulher e filhos, Maria João Belling Bugalho da Silva Castro, seu marido e filha, Rui Fernando Carreira Belling e sua mãe e demais família, participam a todas as pessoas de suas relações e amizade o falecimento do seu querido marido, irmão, tio, cunhado e parente e que o seu funeral se realiza amanhã dia 7, pelas 9.30 h, da sua residência no Largo Cristóvão Aires, 1-3.º Esq., para o cemitério do Alto de S. João.

AGÊNCIA AUGUSTO DE OLIVEIRA
TELS. 65 32 47 — 65 35 55

«NAUS
ACTIVIDADES HOTELEIRAS, LIMITADA»

CERTIFICO para efeitos de publicação que por escritura de vinte e nove de Dezembro de mil novecentos e oitenta e seis, lavrada de folhas 48 a folhas 49 do livro de notas para escritura diversas» VINTE E TRES-B, do Cartório Notarial de Algés, a cargo do Notário Licenciado José Joaquim de Carvalho Botelho, foi constituída entre CARLOS FERNANDO PIMENTA CARREIRA e DURBALINE CABRITA DA COSTA, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe, e nos termos constantes dos artigos seguintes da fotocópia anexa:

ARTIGO PRIMEIRO:

A sociedade adopta a denominação de «NAUS-ACTIVIDADES HOTELEIRAS LIMITADA», tem a sua sede na Rua dos Jerónimos, numero dezoito-D, freguesia de Santa Maria de Belém, concelho de Lisboa, contando-se o seu início a partir de hoje, sendo a sua duração por tempo indeterminado.

ARTIGO SEGUNDO:

Constitui o seu objecto o exercício da indústria hoteleira, consistente na exploração do ramo similar de hotelaria e bar.

ARTIGO TERCEIRO:

O capital social é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS, integralmente realizado em dinheiro, e acha-se representado por duas quotas iguais, pertencendo uma a cada sócio.

ARTIGO QUARTO:

A gerência da sociedade, dispensada de caução, será exercida pelos seus sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com ou sem remuneração, conforme vier a ser deliberado em assembleia geral.

ARTIGO QUINTO:

Para obrigar a sociedade é necessária a assinatura de dois sócios gerentes, bastaando a assinatura de um deles, nos actos de mero expediente.

ARTIGO SEXTO:

As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios, com a antecedência mínima de dez dias, sempre que a lei não exija outras formalidades, ou prazo mais longo.

ESTA CONFORME O ORIGINAL.

Algés, cinco de Janeiro de mil novecentos e oitenta e sete.

O Ajudante,

(Elisabete Jeni da Silva Costa Lages Agostinho Soares

D.L. 6/1/1987

Rallye Paris-Dakar

DOMÍNIO DA PEUGEOT COM MEHTA E VATANEN NOS PRIMEIROS LUGARES

O queniano Mehta, em Peugeot, comanda o Rallye Paris-Dakar com 1.29.01, após a sétima etapa, ontem disputada entre El Golea e Chebaba, numa distância de 146 quilómetros. Na segunda posição encontra-se outro Peugeot, pilotado por Ari Vatanen, que subiu 39 lugares nesta etapa, passando do quadragésimo para o segundo posto da geral, com 1.37.21.

A terceira posição era ocupada no final desta etapa pelo francês Zaniroli, em Land Rover, com 1.47.33.

Em motos comanda o italiano De Petri, em Cajiva, com 4.28.10, seguido do seu compatriota Rinaldi, emSuzuki, com 4.31.39.

A classificação mais recente conhecida das equipas portuguesas apresentava Carlos Barbosa em 61º lugar e Pedro Villas Boas em 66º, entre os 112 concorrentes em prova.

A oitava etapa, de 492 quilómetros disputa-se entre Chebabai e Fogaret.

Centro de Imprensa no Novotel

Pela primeira vez os meios de comunicação portugueses vão poder acompanhar o desenrolar da prova com informações a todo o instante, através de um Centro de Imprensa instalado pelo Novotel, com a colaboração da Olivetti, Telefunken e Tabaqueira.

Este Centro de Imprensa tem ligação permanente com o Novotel Les Halles, em Paris, onde os organizadores do rallye instalaram o Centro de Comunicações e Imprensa. Ali se centralizam todas as informacões vindas de um avião transformado em Gabinete de Imprensa e de outras estruturas montadas para o efeito ao longo do percurso da prova.

Um aspecto do Centro de Imprensa instalado no Novotel — Lisboa, que se encontra ligado permanentemente com o Centro de Comunicações e Imprensa, no Novotel Les Halles, em Paris.

"Dragões" foram a S. Bento

A direcção do FC do Porto foi recebida pelo Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, a quem ofereceu a medalha comemorativa dos 80 anos do clube e agradeceu o apoio estatal às obras de remodelação do Estádio das Antas, recentemente concluídas.

A delegação portista, chefiada pelo presidente Jorge Nuno Pinto da Costa, esteve reunida durante cerca de 45 minutos com o Primeiro-Ministro, que estava acompanhado dos ministros do Plano e Administração Territorial, Valente de Oliveira, e da Educação, João de Deus Pinheiro.

«Concluídas as obras de rebaixamento do relvado do nosso estádio, em que o Estado teve uma participação bem importante, julgamos ser nossa obrigação agradecer o apoio recebido do governo» — disse Pinto da Costa no final do encontro.

O Estado subsidiou as obras em 60 por cento, contribuindo com 90.000 contos para os trabalhos de remodelação do Estádio das Antas.

«Ao mesmo tempo — acrescentou Pinto da Costa —, aproveitamos o encontro para apresentar alguns novos projectos, nomeadamente o referente à construção de uma piscina olímpica, o nosso objectivo prioritário, cujo lançamento da primeira pedra está previsto para breve, provavelmente em Março».

Para a construção da piscina olímpica, o FC do Porto beneficiará também do apoio estatal, tendo o governo aprovado já uma comparticipação de 60 por cento do custo total das obras, orçadas em cerca de 200.000 contos.

Além de Jorge Nuno Pinto da Costa, integravam também a delegação dos «dragões» os vice-presidentes Walter Morais e Ribeiro Magalhães e o vice-presidente do conselho cultural, Álvaro Pinto.

Carlos Capítulo: o último adeus

Mais de um milhar de pessoas incorporou-se no funeral do atleta Carlos Capítulo, do Sporting, vítima de um acidente de automóvel em Espanha.

Adversários de Capítulo na estrada e na pista associaram-se ao funeral do atleta, que tinha uma maneira muito própria de estar na vida e no atletismo. Carlos Lopes, Fernando Mamede, António Leitão, Cidálio Caetano, Rita Borralho, Tavares da Silva, José Abreu, Hélder de Jesus, Péricles Pinto, Fernando Reis, foram alguns dos atletas que participaram no funeral.

Imagem do derradeiro capítulo da vida de Carlos Capítulo

Microscópio

Tiro com arco

Três atiradores espanhois e sete portugueses venceram as provas do primeiro torneio internacional do Algarve de tiro com arco, disputado em Vila Real de Santo António.

Os vencedores das provas foram: **FLECHAS:** Mari Carmen, Espanha, 328 pontos. Equipas: Núcleo Vila Real Santo António, 613 pontos; **ROBINS:** Miguel Telo, Espanha, 326 pontos. Equipas: Moguer, Espanha, 919 pontos; **JUVENIS:** Tiago Galvão, Lisboa Ginásio Clube, 424 pontos. Equipas: Moguer, Espanha, 1086 pontos; **ASPIRANTES/HOMENS:** João Nicolau, Sporting, 259 pontos; **INICIADOS/SENHORAS:** Ana Silva, Ginásio Clube Português, 394 pontos. **HOMENS:** Vítor Hugo, Sporting, 462 pontos. Equipas: Sporting 1316 pontos: **JUVENIS/SENHORAS:** Ana Sousa, G.C. Queluz, 519; **JUNIORES/HOMENS:** João Freitas, Lisboa Ginásio, 504; **SENIORES/SENHORAS:** Paquita Robledo, Espanha, 407. Equipas: Moguer, Espanha, 994. **HOMENS:** Nuno Simões, Sporting, 541. Equipas: G.C.P., 1567 pontos.

Voleibol: torneio iberojúnior

As selecções juniores masculina e feminina portuguesas classificaram-se em 2.º lugar no primeiro torneio «Iberojúnior» de voleibol que domingo à noite terminou em Burgos, Espanha.

Na derradeira jornada, a selecção feminina foi derrotada pela espanhola por 3-2, em partida muito disputada e que se as portuguesas tivessem ganho lhes teria dado o triunfo na competição.

As juniores espanholas triunfaram com os parciais 13-15, 16-14, 15-7, 8-15 e 16-14.

Resultados das classificações finais nas duas categorias:

Femininos: Espanha-Argélia 3-1 (15-11, 14-16, 15-11, 15-5); **Portugal**-Argélia, 3-2 (15-5, 12-15, 11-15, 15-11, 15-4) e Espanha-**Portugal,** 3-2 (13-15, 16-14, 15-7, 8-15, 16-14).

1.º Espanha, (2 vitórias); 2.º **Portugal,** (1 vitória e 1 derrota) e 3.º Argélia, 2 derrotas.

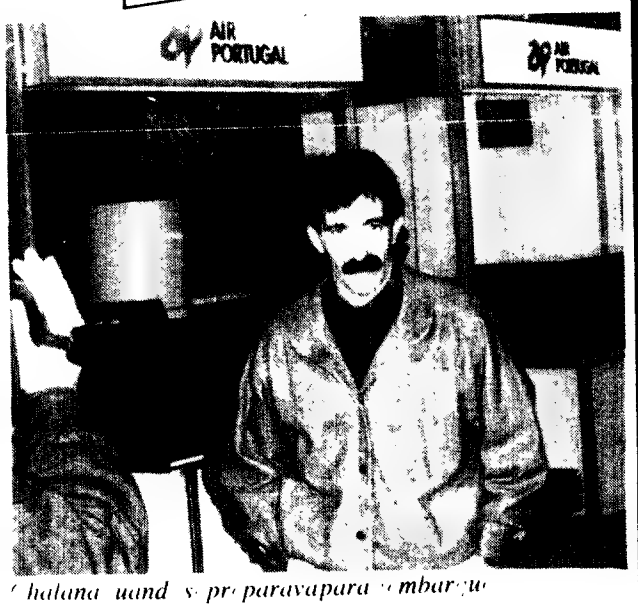
Masculinos: Argélia-**Portugal,** 3-0 (15-7, 15-13, 15-10); **Portugal**-Espanha, 3-2 (15-5, 15-11, 12-15, 10-15, 15-11) e Argélia-Espanha, 3-2 (15-2, 6-15, 13-15, 15-11, 15-12).

1.º Argélia (2 vitórias); 2.º **Portugal** (1 vitória e derrota) e 3.º Espanha (2 derrotas).

Ginástica: mestre francês ensina portugueses

O director técnico nacional da Federação Francesa de Trampolim e Desportos Acrobáticos (Pierre Blois) vai ser prelector num estágio de treinadores, que versará o treino orientado de ginastas.

Os trabalhos, a decorrer entre 9 e 19 de Janeiro, terão lugar em Lisboa — no complexo desportivo da Lapa e nas instalações do Sporting — e em Setúbal.



Chalana quando se preparava para embarcar

Chalana regressou a Bordéus

Depois de ano e meio de incertezas e algum sofrimento, o pequeno genial Fernando Chalana acaba de ser dado como «apto» para o retorno aos estádios e, na manhã de ontem, regressou a Bordéus, onde irá prosseguir o cumprimento do contrato que o liga ao clube local até final da época em curso. Quanto ao futuro, apenas se sabe que o Girondinos de Bordéus poderá fazer prevalecer o direito de opção por mais uma temporada. Agora, resta que até nós cheguem as boas notícias sobre a sua readaptação ao futebol francês e, naturalmente, ao seu relacionamento com dirigentes, técnicos e companheiros.

Vamos rever "Los Angeles"

O programa «Estádio» da Radiotelevisão Portuguesa inicia quinta-feira uma retrospectiva dos jogos olímpicos de Los Angeles que irá prolongar-se até ao fim do mês.

O programa inclui a cobertura de várias modalidades, entrevistas com atletas e dirigentes e recorda alguns dos momentos históricos dos jogos de Los Angeles.

A preparação para os jogos de Seul, em 1988, será também abordada no «Estádio» que é transmitido de segunda a sexta-feira entre as 18.30 e 19.30 no segundo canal da RTP.

CML desafia a "Juve-Leo"

Uma grande jornada de limpeza para a cidade de Lisboa é o desafio lançado pela Câmara Municipal de Lisboa à juventude do Sporting Clube de Portugal, que em carta enviada pelo comandante Pinto Machado, vereador municipal para o saneamento, ao presidente do Sporting (Amado de Freitas) é solicitada a colaboração da «Juve-Leo» no sentido de apagar dos edifícios e monumentos de Lisboa as iniciais de sua autoria.

Futebol: GNR denuncia incidentes

A GNR registou no último fim-de-semana 17 incidentes em campos de futebol, dos quais 10 com agressão ou tentativa de agressão aos árbitros e três invasões de campo, anunciou o Comando-Geral da GNR.

A maioria dos incidentes registou-se em jogos dos campeonatos distritais, com maior incidência no Porto (seis casos), Aveiro (4), Viseu (3), Braga (2), Viana do Castelo e Vila Real (um cada).

As pedras continuam a ser a «arma» preferida pelos «holligans» dos escalões secundários do futebol português, que no último fim-de-semana até terra utilizaram para se manifestarem contra um jogador, pouco antes expulso do desafio entre o Oliveirense e o Oliveira do Hospital.

Na sequência dos incidentes, a GNR identificou alguns indivíduos, que notificou para responderem em processo sumário. Um jogador, detido pela Guarda, depois de agredir a soco um dos fiscais de linha do encontro entre o Decristo e o Cepões, foi julgado e condenado a 45 dias de prisão, remíveis a 300 escudos/dia, 3700 escudos de imposto de justiça e cinco contos de indemnização.

Vaticano vai admitir estrangeiros

O Vaticano prepara-se para se equiparar às grandes potências do futebol e admitir jogadores estrangeiros nas suas equipas.

Na próxima segunda-feira, a cúpula do futebol vaticanista reunir-se-á para deliberar a «abertura de fronteiras» a estrangeiros (dois por equipa), em princípio seminaristas e empregados do Estado pontifício naturais de outros países.

Os dirigentes poderiam, mesmo, autorizar a inscrição de indivíduos que não estejam de algum modo ligados ao Vaticano.

Amanhã, em Portalegre

"SEABRINHAS" FAZEM TESTE GREGO

O jogo particular com a Grécia surge na altura ideal, disse o seleccionador nacional de futebol, Rui Seabra, no início do estágio da equipa portuguesa com vista ao encontro de amanhã em Portalegre com os gregos.

«Fomos anteriormente acusados de não se terem feito mais jogos de preparação, mas então não foi possível devido aos interesses em jogo, principalmente das equipas», salientou ainda o seleccionador nacional.

Referindo-se aos dois jogos-treino programados para a selecção nacional portuguesa antes do confronto com a Itália, a 14 de Fevereiro, primeiro com a Grécia e depois com a Bélgica, Rui Seabra disse serem estes «os dois adversários que nos interessam».

«O mês de Janeiro é a altura propícia para retomar o trabalho da selecção, após estes dois meses de repouso», disse ainda Rui Seabra, considerando agora «o ambiente menos tenso».

«**Não há problemas com lesões nos jogadores convocados,** embora ainda se vá averiguar o que se passa com Veloso, que se queixa de dores na face interna do joelho esquerdo», disse o médico da selecção, Camacho Vieira.

A selecção seguiu esta manhã para Castelo de Vide, onde fica alojada, efectuando um treino de adaptação no Estádio Municipal de Portalegre ás 17.30 horas. O jogo com a Grécia será às 20 horas de amanhã, sendo transmitido pela RTP (canal 2).

Os 17 jogadores são Zé Beto, Eduardo Luís, Quim, (FC Porto); Jesus, Costeado e Adão (Guimarães); Dito, Veloso e Nunes (Benfica); Venâncio, Fernando Mendes, Mário Jorge, Oceano e Manuel Fernandes (Spoting); Jaime (Belenenses); Coelho e José Rafael (Boavista).

●

Dois empates por 1-1 frente à Suécia (Lisboa) e Suíça (Berna) na fase de qualificação para o Europeu-88 deixaram em suspenso o veredicto final sobre as capacidades da nova formação nacional sob o comando do seleccionador Ruy Seabra e do treinador Juca.

Portugal defronta pela quarta vez no seu historial a Grécia, tendo nos três jogos efectuados averbado uma derrota (4-2), um empate (2-2) e uma vitória (2-1), esta última em jogo particular disputado em Atenas, em Janeiro de 1982.

Em termos de golos marcados e sofridos, a selecção nacional está com uma ligeira desvantagem nos três jogos (6-7), sendo o encontro de Portalegre uma boa oportunidade para melhorar o seu palmarés frente aos gregos.

Na convocação do guarda-redes **Jesus** (Vitória de Guimarães), dos defesas **Oceano e Venâncio** (ambos do Sporting), do médio **Quim** (FC Porto) e do dianteiro **José Rafael** (Boavista) residem as novidades na selecção dos «seabrinhas» relativamente à última formação que alinhou diante dos suíços.

Jesus — o único estreante na selecção — deverá, contudo, ficar no banco dos suplentes sendo a titularidade entre os postes entregue a Zé Beto (FC Porto) à semelhança do que aconteceu em Lisboa e Berna nos dois jogos do Europeu.

Quim, Eduardo Luís e Zé Beto: três «dragões» entre os seabrinhas

Ao portista Quim cabe a missão de substituir o seu colega de equipa Frasco, que esteve no lote dos seleccionados, mas que não poderá dar o seu contributo depois de uma lesão contraída no «derby» de domingo frente ao Benfica no Estádio da Luz.

O Sporting com cinco elementos (Venâncio, Mário Jorge, Fernando Mendes, Oceano e Manuel Fernandes) é o clube com maior peso na selecção, seguido do FC Porto, Benfica e Guimarães, todos com três, do Boavista com dois e do Belenenses que tem em Jaime o seu representante solitário.

●

Portugal, que defronta dia 14 de Fevereiro a Itália no Jamor, em embate de apuramento para o «europeu», terá ainda um jogo amigável com a Bélgica antes de medir forças com os transalpinos, considerados um dos favoritos na prova.

Os gregos - que integram o grupo 5 europeu - têm obtido resultados animadores na competição, ao averbarem nos três jogos duas vitórias e uma derrota: ganharam à Hungria por 2-1 ao Chipre por 4-2 e cederam frente à Polónia por 2-1.

Os 17 futebolistas gregos convocados pelo seleccionador Miltos Papaostolou para o jogo com Portugal são os seguintes: Antonis, Kostas, Konstantinos, Stelios, Papadopoulos, Apostolakis, Michos, Xanthopoulos, Anastopoulos, Alavantas, Papaiannou, Savas, Kolomitronsis, Vamvakoulos, Anastasiadis, Samaras e Bonavas.

Oliveira e Alves: a vida continua

A avaliar pelas notícias de que dispomos, tudo se encaminha para que António Oliveira — um dos adjuntos de Ruy Seabra na selecção — venha a ser o eleito para suceder a João Alves no comando da turma boavisteira. Valentim Loureiro terá estabelecido contacto com os dirigentes federativos no sentido de permitirem a «dispensa» daquele técnico, mas adianta que dispõe de mais dois ou três nomes (todos portugueses) em agenda para a solução a tomar durante o dia de hoje. António Oliveira parece interessado em ingressar no clube do Bessa, mas sem que isso implique a sua desvinculação da Federação.

Alves no Marítimo?

Como se sabe, o Marítimo dispensou recentemente os serviços do técnico sueco Stetan Lundin, tendo assumido transitoriamente o comando do futebol a dupla Rui Rodrigues (Juca) e Costa. Simplesmente, a derrota sofrida no passado domingo em Faro determinou a vinda ao Continente do presidente do clube (António Henriques), disposto a levar consigo o futuro timoneiro da equipa principal e, ao que consta, João Alves reúne as condições para a escolha, ainda que alguns dirigentes madeirenses «apostem» em Albertino, que actualmente se encontra a dirigir o Estarreja.

Houtman já chegou

Depois da vinda dos brasileiros João Luís e Marlon, também o holandês «Peter» Houtman regressou a Lisboa, para se integrar nos trabalhos preparativos do seu novo clube (Sporting),

Houtman aí está para mostrar o que McDonald não evidenciou

admitindo-se que possa (tal como aqueles dois brasileiros) actuar no domingo frente ao Rio Ave.

Boavista joga no sábado

Em virtude da realização do V. Guimarães - FC Porto no domingo, o Boavista resolveu, à semelhança do que havia já feito o Varzim — que defrontará o Benfica —, antecipar para as 15 horas de sábado o seu jogo frente ao Farense.

Jaime Pacheco poderá ter que ir «à faca»

Forte lesão no ligamento parece tornar inevitável que Jaime Pacheco se livre de uma operação cirúrgica. Esta tarde teremos o veredicto do dr. Domingos Gomes sobre o assunto.

Quanto a Frasco, igualmente lesionado no encontro do passado domingo, foi suturado com 12 pontos, mas tudo indica que a gravidade não implica operação.

Manuel Oliveira já observou a «moçada»

A selecção da Guiné-Bissau venceu a equipa militar do Estrela Negra de Bissau por 5-3, no seu terceiro jogo-treino, de preparação para a Taça Amílcar Cabral, a disputar em Fevereiro em Conacri.

O treinador português Manuel de Oliveira, que chegou no sábado a Bissau para assumnir o comando da selecção nacional guineense, assistiu ao encontro e manifestou depois a sua esperança numa boa participação na competição.

«O jogo foi muito bem disputado, apesar de se notarem algumas falhas na equipa no capítulo de disciplina táctica, pormenor que com muito trabalho espero seja ultrapassado», afirmou Manuel de Oliveira.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SINTRA 4.º e 5.º JUÍZOS ANÚNCIO

Nos autos de Acção de Divórcio Litioso n.º 470 que corre seus termos pela 1.ª Secção deste 5.º Juízo, em que é autora MARIA DA SOLEDADE FERREIRA CERQUEIRA COELHO e réu ANTONIO MANUEL GOMES COELHO, com a última residência conhecida na Rua Projectada à Praceta de Diu, Lote 8, 1.º Dt.º em Mem Martins, e actualmente em parte incerta, correm éditos de 30 Dias, contados da 2.ª e última publicação do anúncio, citando aquele réu para contestar, querendo, apresentando a sua defesa no prazo de VINTE DIAS, que começa a correr depois de findo o dos éditos, sob pena de não o fazendo, o processo segr os seus termos à sua revelia, consistindo o pedido em ser decretado o divórcio entre os cônjuges.

O duplicado da petição inicial encontra-se neste Tribunal à disposição do citando e poderá ser levantado dentro das horas normais d expediente.

Sintra, 18 de Dezembro de 1986.

O Juiz de Direito,

António Nunes Ramos

A escrivã-adjunta,

Eduarda Palma

«D.L.» 6/1/87 — 1.ª Pub.

EXCLUSIVO

Paul Castellano (de casaco) no momento de uma das suas detenções

O império do crime (2)

Mario Hernandez Estevez

ORIENTE e Ocidente, Leste e Oeste: não existem áreas onde o delito e o crime não se manifestem. O crime, como S.A. (Sociedade Anónima), varre o Mundo e já-lo seu. Da prostituição à droga, da extorsão à violência física, o crime só muda de matizes, seja qual for o país considerado.

OS LENDÁRIOS "CHEFÕES" DA LEI SECA

A Auréola do «Gangster»

Já se disse que no século XX muito poucas figuras haverá tão míticas como o «gangster».

Graças ao cinema, à literatura ou à capacidade imaginativa do Mundo, Dillinger, Al Capone, Bonny e Clide, Anastasia ou Luciano, em mitos se converteram.

Na realidade o «gangster» nasce nos Estados Unidos com os italo-americanos embora posteriormente se torne numa multinacional. O banditismo surge da procura do «ouro norte-americano», da urgência de dele se apropriar. Ao chegarem aos Estados Unidos, sicilianos e napolitanos depressa se apercebem da mina de ouro: importa apenas mudar de ferramenta para o extrair. Em vez da pá e da picareta passam a utilizar a pistola e a metralhadora.

Inimigos Públicos

O'Bannion, Al Capone, Luciano, Moran, Torrio, Colosimo, Costello, Adonis, Anastasia, Masselia eram os chamados «inimigos públicos». Hoje o banditismo carece de «inimigos públicos declarados».

Salvo as lendárias «famílias», descendentes da época de Chicago, ou seja, as Mafias italo-americanas de raiz, os magnates do banditismo multinacional mantêm-se na sombra do anonimato e são porventura mais poderosos.

Não se pôs de parte a pistola quando é caso disso, mas o banditismo internacional usa mais o «marketing», os interesses criados e a corrupção.

Fim da lenda

Já nada há a inventar. O banditismo dos anos 20 foi em parte possível graças à corrupção de políticias, políticos e outros. O que hoje se define como «lavar» o dinheiro, isto é, utilizar os lucros do comércio de narcóticos, da prostituição, do contrabando ou dos assaltos em negócios legais que resistam a qualquer inspecção legal, já o faziam os «capos» ou «chefões» italo-americanos de Chicago ou de Nova Iorque.

A lenda chegou actualmente ao fim. Nada existe de lendário no «gangster» dos nossos dias, camuflado no escritório de uma grande empresa. Talvez até o banditismo actual mate com menos rapidez mas mate mais, já que substituiu o álcool pelo narcótico.

Uma casa roubada em cada quatro

Um relatório do Departamento de Justiça dos Estados Unidos refere que no ano passado foi roubado um lar em cada quatro no país.

Boa parte desses delitos, segundo o documento, precisamente os ocorridos em residências de bom nível material, foram cometidos pelo crime organizado. O facto abona a afirmação de que a Sociedade Anónima não descura acção alguma susceptível de produzir dividendos de vulto. A par do tráfico de narcóticos, e a exemplo do que fizeram os lendários «capos» de Chicago com o álcool, privilegiam-se a prostituição, o roubo e a violência física.

Milhões furtados em quatro rodas

A importância destas divisões no mundo do crime é atestada pela incriminação do «capo» Paul Castellano, dirigente da «família» Gambino e o «padrinho» mais poderoso da Mafia norte-americana, aliás morto a tiro no ano passado em

Os roubos e assaltos são demasiado frequentes nos E.U.A.

Nova Iorque, quando ali estava a ser julgado por envolvimento num caso de homicídio.

Paul Castellano, de 73 anos, suspeito de comércio de droga, tráfico de carne branca, extorsão, contrabando e acções de violência física, estava fortemente indiciado como mentor de um «gang» que furtava e exportava para o Médio Oriente automóveis no valor de milhões de dólares.

Com a morte a tiro de Castellano veio à luz uma característica do «capo» mafioso. A ladroagem norte-americana tinha-o na conta de um homem «brando», partidário não de assassínios como ajuste de contas, mas de negociação. A sua «empresa» e ele mesmo assassinavam, prostituiam, roubavam, etc., mas exclusivamente como acção «normal». Na realidade, a «moral» do «gangster» é muito particular. Não é de facto difícil admitir que os grandes «capos» e magnates do crime levem uma vida que exteriormente pareça impoluta, sujeita inclusive à mais estreita moral.

Na história do «gangsterismo» mais de um caso se verificou dessa moral paralela. O próprio Al Capone, em cujo «curriculum» há centenas de assassínios da sua autoria material ou por ele instigados, além de roubos, extorsões e actos de crueldade ímpar, era ideologicamente um reaccionário. Era capaz de traficar com o sexo, mas estava convencido de que o papel da mulher na sociedade se limitava ao de ser mãe, cuidar dos filhos e do marido sem qualquer outra alternativa intelectual ou social. E ele mesmo, que com o álcool ganhou milhões, detestava os bêbados e era abstémio.

Amanhã: Droga, o negócio do século

P

	Mín.	Máx.	Prec.	Às 18 h.
	-2	-2	0,0	P. nublado
	0	0	0,0	Nevoeiro
	1	0	0,0	Limpo
	3	1	0,0	Limpo
			0,0	
	1	1	0,0	Limpo
	7	7	0,0	Limpo
			0,0	
	9	8	0,0	Limpo
	4	4	0,0	Neblina
	7	7	0,0	Limpo
	4	4	0,0	Limpo
	8	8	0,0	Limpo
	7	6	0,0	Limpo
	17	14	0,0	Chuva
	17	16	0,0	Muito nub.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

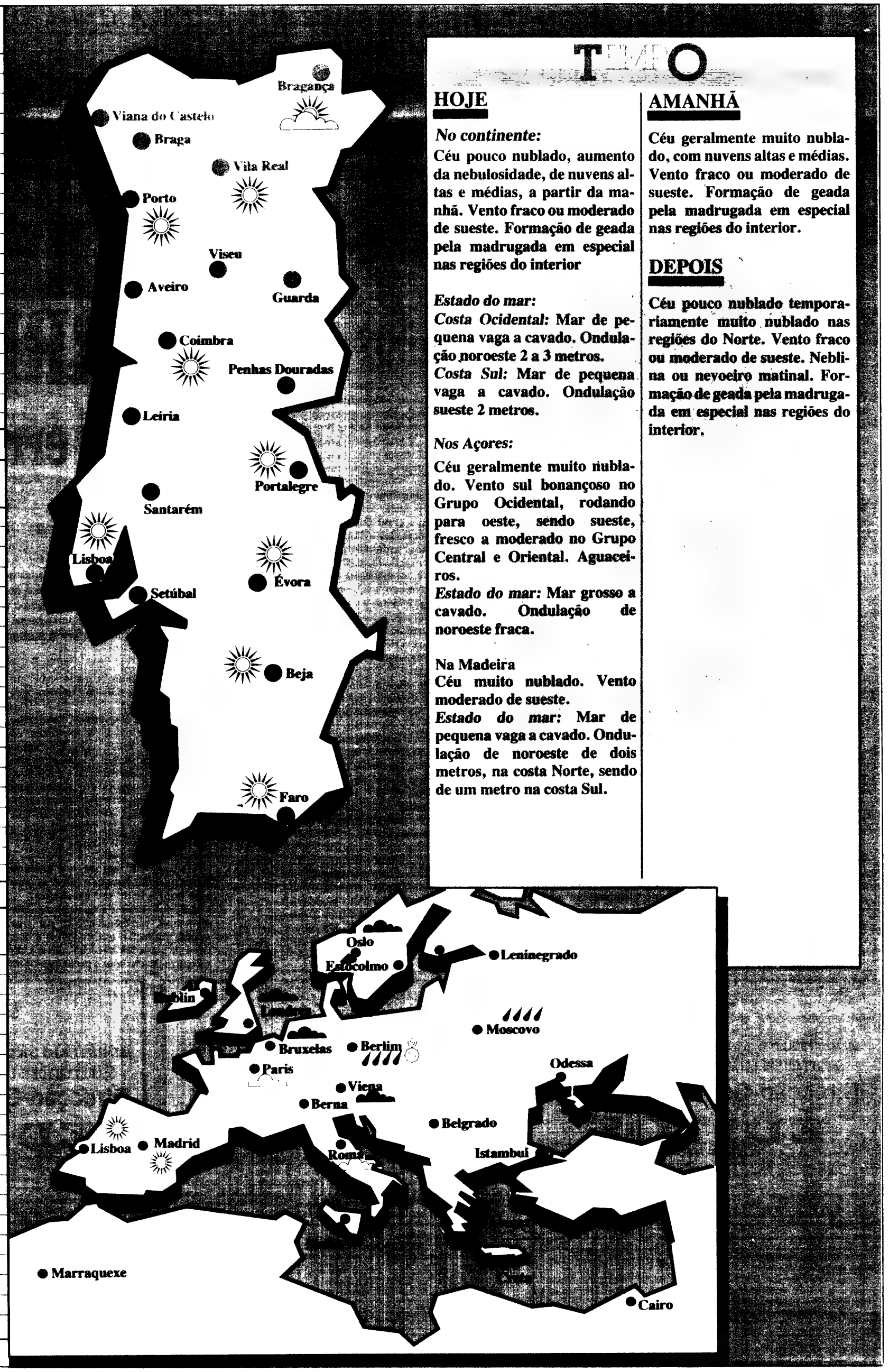
	Mín.	Máx.	Às 18 h.
Madrid	-5	-	Limpo
Londres	5	3	Muito nub.
Paris	4	4	Pouco nub.
Bruxelas	4	4	Muito nub.
Amesterdão	5	4	Aguaceiros
Genebra	4	4	Aguaceiros
Roma	8	7	Pouco nub.
Oslo	-9	- 9	Muito nub.
Copenhaga	-4	-4	Neve
Estocolmo	-13	-13	Neblina
Berlim	1	1	Chuva e neve
Viena	3	2	Muito nub.
Berna	0	0	Chuva e neve
Belgrado	1	0	Pouco nub.
Moscovo	-28	-28	Chuva

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Mín.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	16	24	Nublado
Joanesburgo	15	28	Limpo
Los Angeles	13	15	Nublado
Montreal	-15	-6	Nublado
Nova Deli	8	24	Nublado
Nova Iorque	-2	2	Limpo
R. de Janeiro	19	31	Limpo
S. Francisco	9	10	Nublado
São Paulo	19	28	Nublado
Tóquio	2	5	Nublado

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

No continente:
Céu pouco nublado, aumento da nebulosidade, de nuvens altas e médias, a partir da manhã. Vento fraco ou moderado de sueste. Formação de geada pela madrugada em especial nas regiões do interior

Estado do mar:
Costa Ocidental: **Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação noroeste 2 a 3 metros.**
Costa Sul: **Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação sueste 2 metros.**

Nos Açores:
Céu geralmente muito nublado. Vento sul bonançoso no Grupo Ocidental, rodando para oeste, sendo sueste, fresco a moderado no Grupo Central e Oriental. Aguaceiros.
Estado do mar: **Mar grosso a cavado. Ondulação de noroeste fraca.**

Na Madeira
Céu muito nublado. Vento moderado de sueste.
Estado do mar: **Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação de noroeste de dois metros, na costa Norte, sendo de um metro na costa Sul.**

AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado, com nuvens altas e médias. Vento fraco ou moderado de sueste. Formação de geada pela madrugada em especial nas regiões do interior.

DEPOIS

Céu pouco nublado temporariamente muito nublado nas regiões do Norte. Vento fraco ou moderado de sueste. Neblina ou nevoeiro matinal. Formação de geada pela madrugada em especial nas regiões do interior.

	Min.	Máx.	Prec.	Às 18 h.
Bragança	2	4	0.0	P. nublado
V. Castelo	4	6	0.2	Nevoeiro
Vila Real			0.0	Limpo
Porto	5	7	0.0	Limpo
P.Dourad.				
Coimbra	3	7	0.0	Limpo
C.Carvoeiro ...		7	0.0	Limpo
C. Branco			0.0	
Portalegre	2	6	0.0	Limpo
Lisboa	11	14	0.0	Neblina
Évora		17	0.0	Limpo
Beja	11	14	0.0	Limpo
Faro	16	16	0.0	Limpo
Sagres	17	16	0.0	Limpo
P. Delgada	14	14	0.6	Chuva
Funchal	17	16	0.0	Muito nub.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

N E

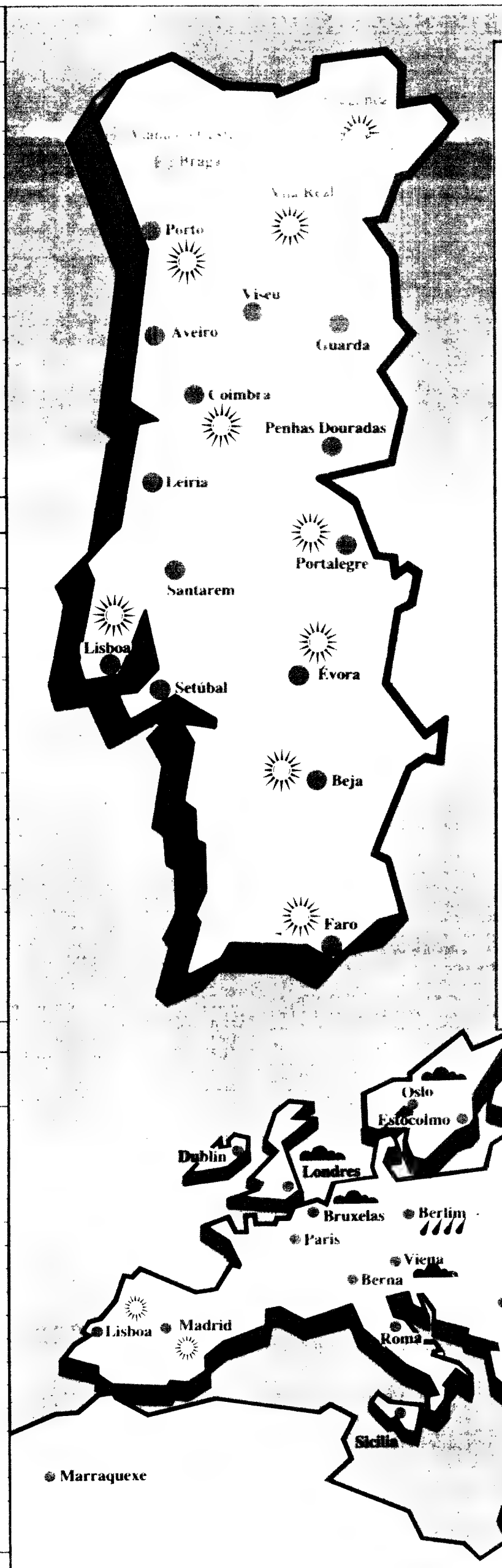
	Min.	Máx.	As 18 h.
Madrid	5	17	Limpo
Londres	5	13	Muito nub.
Paris	14	14	Pouco nub.
Bruxelas	14	14	Muito nub.
Amesterd. ...	15	14	Aguaceiros
Genebra	14	14	Aguaceiros
Roma	18	17	Pouco nub.
Oslo	19	19	Muito nub.
Copenhaga ..	14	14	Neve
Estocolmo ...	13	13	Neblina
Berlim	11	11	Chuva e neve
Viena	13	12	Muito nub.
Varsóvia	10	10	Chuva e neve
Atenas	11	10	Pouco nub.
Moscovo	15	28	Chuva

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

N M

	Min.	Máx.	As 13 h.
Caracas	23	31	Nublado
Joanesburgo ...	13	25	Limpo
Los Angeles ..	14	29	Nublado
Montreal	15	26	Nublado
Nova Deli	25	34	Nublado
Nova Iorque ..	21	27	Limpo
R. de Janeiro .	23	31	Limpo
S.Francisco ...	11	20	Nublado
São Paulo	19	28	Nublado
Tóquio	22	25	Nublado

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



HOJE

No continente:
Céu pouco nublado, aumento da nebulosidade, de nuvens altas e medias, a partir da manhã. Vento fraco ou moderado de sueste. Formação de geada pela madrugada em especial nas regiões do interior

Estado do mar:
Costa Ocidental: Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação noroeste 2 a 3 metros.
Costa Sul: Mar de pequena vaga a cavado. Ondulaçao sueste 2 metros.

Nos Açores:
Céu geralmente muito nublado. Vento sul bonançoso no Grupo Ocidental, rodando para oeste, sendo sueste, fresco a moderado no Grupo Central e Oriental. Aguaceiros.
Estado do mar: Mar grosso a cavado. Ondulação de noroeste fraca.

Na Madeira
Céu muito nublado. Vento moderado de sueste.
Estado do mar: Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação de noroeste de dois metros, na costa Norte, sendo de um metro na costa Sul.

AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado, com nuvens altas e medias. Vento fraco ou moderado de sueste. Formação de geada pela madrugada em especial nas regiões do interior.

DEPOIS

Céu pouco nublado temporariamente muito nublado nas regiões do Norte. Vento fraco ou moderado de sueste. Neblina ou nevoeiro matinal. Formação de geada pela madrugada em especial nas regiões do interior.

Índios da Amazónia

SEGREDOS PERDIDOS

Instado por jornalistas a citar factos, descobertas, livros ou objectos cujo testemunho devia ser guardado para os arqueólogos do ano 3000, Claude Lévi-Strauss aconselhava recentemente a só reunir documentos relativos às últimas sociedades primitivas, desenhos de espécies animais ou vegetais em vias de desaparecer, amostras de água ou de ar ainda não poluídas e ilustrações de locais votados a uma próxima desfiguração pela instalação de complexos civis ou militares. Pouco lhe importava tudo quanto não sentisse ameaçado o seu princípio de sobrevivência ou de reprodução.

Nos dias de hoje, desaparecem as últimas sociedades «sem história», e, com elas, apaga-se o rasto de uma sabedoria de que perdemos o sentido e o segredo. O Outro transforma-se no Mesmo e a barbárie mercantil e tecnológico impõe a sua «paz branca» no mundo inteiro. À força de repetir isto, a etnologia já não é mais do que a forma sábia de uma saudade muito antiga e vagamente reaccionária.

Neste sentido, é curioso que a **Antropologia Estrutural,** independentemente do seu conteúdo científico, abra com um elogio da superstição e feche com uma espécie de **credo** do céptico. Lévi-Strauss, com efeito, há muito tempo que preferiu o exílio à companhia ruidosa dos seus contemporâneos, a quem se limita a reservar, de tempos a tempos, muito saber e sombrias previsões. Actualmente, continua a agir do mesmo modo — em matéria de exílio, a Academia Francesa vale bem a Amazónia — e algumas das palavras de ordem que lhe foram particularmente dirigidas em Maio de 68 («**A estrutura não desce à rua**») apenas se limitavam a reagir contra a sua velha indiferença em relação aos jogos políticos e à disputa das ideologias.

Lévi-Strauss partiu da Europa para encontar um mundo diferente, mas ao voltar, como única bagagem, só trouxe o desencanto. Na sua obra, alguma coisa na verdade se acaba, entre o convite à viagem que lhe é o princípio e as divagações de um etnólogo solitário que lhe são o fim. O termo da viagem é talvez o fim da etnologia, onde Claude Lévi-Strauss vagueou à procura de um mundo que nós perdemos.

Para que a obra deste **sage** se nos tornasse perfeitamente legível, isto é, evidente, seria preciso renunciar a todos os avatares do etnocentrismo, acostumarmo-nos à ideia de que o Ocidente, afinal, não é a origem necessária de todas as formas de cultura. Como o «estruturalismo» foi por uma década o grito de revolta de todos os epistemologistas com falta de «concepção do mundo» e como canhestramente se atribuiu a Lévi Strauss a paternidade desse método — no fundo tão velho como a ciência —, o sábio viu-se guindado à categoria de «maitre à penser» de toda uma geração de estudantes.

Depois, disse-se tudo ou quase tudo sobre a sua obra barroca e sobre o novo humanismo que nela se esboça através de um percurso enciclopédico, que vai da botânica de Goethe á música de Wagner, passando pelos modelos da geologia e da linguística. Sobre o escritor, no entanto, pouco se tem dito, e pretextos não faltam nos seus livros: quando, por exemplo, evoca a gesta de Asdiwal ou o sexo dos astros, ou quando analisa a morte de um mito, Lévi-Strauss possui o dom de impressionar a nossa imaginação e de fazer surgir, onde menos a esperávamos, a poesia em estado bruto.

Poderão encontrar-se hoje histórias tão belas como a daquele mito esquimó onde se vê o rei das focas emprestar o seu estômago ao herói, para que dele se sirva como de um barco? Com quem comparar a figura do demiurgo salish que criou duas filhas adoptivas amamentadas a salmão cru? É difícil não nos perdermos nos meandros de uma erudição racional e sensível onde a chave combinatória de um sistema de parentesco, a origem das maneiras de estar à mesa, a lógica de um pensamento selvagem ou análise das classificações totémicas se dissolvem numa longa «**rêverie**« provocada, como da última página de **Tristes Trópicos**, pela contemplação de um mineral ou pelo piscar de olhos de um gato.

Contudo, no museu imaginário da etnologia e na sensibilidade sem preconceitos do seu olhar, há muito que, em transparência, o perfil de um outro Lévi-Strauss se desenhava: o daquele que, na última parte da **Antropologia Estrutural**, se exprime com a veemência de um misantropo. Este Lévi-Strauss não gosta do século em que vive, aborrece-se no mundo fechado das sociedades industriais, onde o homem vive hipnotizado pelas suas próprias obras e a natureza é alegremente massacrada em nome de uma total inconsciência colectiva, e onde, por cima da selvageria das modernas hordas urbanícolas, entregues à televisão e ao desespero, paira uma cultura celebrada — desde a Universidade até às «exposições» — em recintos especializados.

Improvisação
JORGE LIMA BARRETO:
"É um erro opor a

Rui Eduardo Paes

JORGE Lima Barreto. Um teórico e um prático dos mais discutidos entre as nossas figuras no que respeita à música de arte. Único musicólogo nacional a dedicar-se ao jazz e às músicas improvisadas que se situam na chamada vanguarda, este músico do duo Telectu milita ainda numa estética minimal que é mal aceite pela criação erudita musical portuguesa. Era inevitável perguntar-lhe como é para si a improvisação. E aí está o que nos disse.

«DL» — Como entende você, na sua condição de músico e musicólogo, a improvisação?

Jorge Lima Barreto — Desde que existe música existe o fenómeno da improvisação. É por isso que eu equaciono o termo improvisação enquanto elemento musical e não no sentido filosófico, que o ligaria a qualquer outra práxis. Há improvisações de um escritor,de um pintor, evidentemente, mas sem dúvida que foi a música a arte na qual mais se desenvolveram os processos improvisacionais.

«D.L.» — E isso ter-se-á passado assim porquê? Porquê a música como arte improvisada por excelência?

J.L.B. — Porque a música é uma arte do tempo, caracterizando-se por uma grande abstração, que conduziu a dois tipos de situações musicais: um é a racionalização dos sons a partir da própria escrita, desenvolvendo-se paralelamente à evolução das gramáticas musicais; o outro, consistindo na maior fatia da criação sonora, é o que não se conhece antecipadamente, o que é imprevisto e construído directamente pelo músico. E daí poder dizer-se que grande parte das músicas que se tocam pelo mundo são improvisadas, e só uma pequena franja é realmente escrita.

É verdade que o Ocidente polarizou a escrita como linguagem musical, mas sem dúvida alguma que a improvisação continua a ser um fenómeno dominante. As músicas orais têm uma preponderância indesmentível e não só ao nível dos criadores mas também do auditório.

Mas devo salientar que estas duas linhas não entraram em contradição entre si. E um erro opor a improvisação à escri. Muita da música escrita, como é o caso de um Bach, ou mais contemporaneamente de um Varese ou um Cage, dá

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.° 19.° do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.° 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.°, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Vila Nova da Barquinha, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, — Centro de Distribuição de Santarém, a que se refere o processo n.° 1/998, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Atalaia, concelho de Vila Nova da Barquinha, de uma linha área a 30 KV, com 1857 metros, do poste n.° 5 da linha para o PT VNB n.° 20 Atalaia ao PT VNB n.° 2C da EPAL — Empresa Pública das Águas de Lisboa, e sito no lugar de Atalaia

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 12 de Dezembro de 1986

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.° 19.° do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.° 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.°, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, — Centro de Distribuição de Santarém, a que se refere o processo n.° 1/1156, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Santa Maria, concelho de Torres Novas, de uma linha a 15 KV, com 66 metros, do poste n.° 11 da linha para o PTC TNV n.° 44 de Bomflorido, ao PT TNV n.° 40C, de António Leitão da Silva, sito no Casal Pimenta.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 3 de Dezembro de 1986

O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.° 19.° do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.° 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.°, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Torres Novas em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, — Centro de Distribuição de Santarém, a que se refere o processo n.° 1/1159, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Riachos, concelho de Torres Novas, de uma linha aérea a 30 KV, com 593 metros, do poste n.° 15 da linha para o PT da Fábrica Torrejana de Azeitte, Lda., ao PT TNV 48C de António Trancas Godinho Carvalho, sito no Casal da Lavra.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 28 de Novembro de 1986

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

improvisação à escrita musical"

lugar à improvisação.

A partir daí podemos dizer que ha duas formas de improvisar. Uma e a que se liga às linguagens já estabelecidas. A outra é livre de qualquer institucionalização — como o batuque que dura três dias, sem qualquer postulado prévio na sua gramática.

A música fundamenta-se na Psicologia

«DL» — Pierre Boulez tem tido polemicas posições sobre a improvisação. Suscita-lhe algum comentário?

J.L.B. — Polémicas e contraditórias. O Boulez, relativamente à improvisação, é uma das pessoas menos significativas. Em primeiro lugar foi aquele que fez o ataque mais cerrado à própria noção de improvisação. E chegou inclusivamente a ser contrário à interpretação, dizendo que se o intérprete fosse um grande músico não interpretava, compunha.

Estas posições teve-as ele pelos anos 60. Mais recentemente parece tê-las revisto, ao ligar-se a pessoas para quem a improvisação é um factor importante, como acontece com Zappa.

«DL» — Mas há por aí grandes academismos e conservadorismos no que respeita à improvisação...

J.L.B. — Sim, e um dos erros do academismo ao analisar a improvisação é considerá-la como um aspecto da musica em si. Há críticos de jazz que analisam a música, de um Sonny Rollins, por exemplo, com modelos da música não-improvisada. E se desfolharmos uma «Down Beat» deparamos com transcrições de solos improvisados. So que reproduzir-se um solo com tais caracteristicas numa gramatica escrita ocidental e basurdo. E uma inibição à liberdade improvisadora.

A improvisação não e susceptivel de ser compreendida por convencionalismos de uma linguagem que por principio vai contra a improvisação. E contra porque a notaçao musical visa acima de tudo controlar todos os gestos e todos os parâmetros da musica.

Daqui advem uma questão muito importante: na improvisaçao não ha interpretes, ha executantes. Esta diferenciação foi Stravinsky quem a fez, e teve razão. Ela permite perceber melhor quais são as dissemelhanças entre improvisar e interpretar uma composição escrita. A improvisação, note-se, parte de principios que vão muito para alem dos da musica escrita. Se nos encomendam a nos Telectu a musica para uma performance temos que ter a noção de que cada performance tem a sua qualidade especifica, o que implica que se tenha de adaptar uma musica pela improvisação a essa acção que por sua vez tambem e improvisada. Não ha performance alguma que tenha rigor matematico, mesmo se estabeleceu uma linha geometrica.

Quando fazemos uma musica para video, como documentação de uma dada sequência de imagem, temos de perspectivar a nossa orientação timbrica, ritmica ou mesmo psicologica consoante a finalidade do que estamos a tocar. Alias, a musica fundamenta-se bastante na Psicologia', porque e um acto subjectivo.

Estas situaçoes fazem alterar os planos de execução da musica, fundando assim sistemas de improvisação diferentes. No jazz, que e uma tipologia definidissima, a improvisação tem de se submeter a um numero de regras rigidamente estipuladas atraves da sua propria historia. E essas regras são necessariamente diversas das que norteiam um Glen Gould quando esta a tocar Bach.

Um dos fenomenos mais importantes da musica contemporaânea e precisamente o aperceber-se de que existem muitas maneiras de fazer musica. Quando Debussy foi assistir à exposição de arte oriental no principio do seculo, em Paris, alias com uma grande repercussão, influenciando mesmo um pintor como Picasso, começou a observar novas maneiras de fazer intervalos ou novos conceitos de ritmos. A verdade e que o nosso desenvolvimento ritmico não era então tão grande quanto o que existia na Indonesia e na India, que tinham uma complexidade bem maior. Este enriquecimento e que define a musica contemporânea, implicando a universalizaçao das musicas do Planeta, sobretudo pelo abandono dos criterios restritos da escrita musical ocidental.

Ir contra o totalitarismo conservatorial

«DL» — Essa aglutinação, ou pelo menos encontro, entre varias musico-geografias não tera sido assimilada pela cultura musical escrita?

J.L.B. — Sim. Villa-Lobos estudou musica amerindia. Bartok musica hungara. Toru Takemitsu debruçou-se sobre os sistemas de improvisaçao da musica japonesa e igualmente sobre os seus sistemas de notaçao, totalmente estranhos aos ocidentais. Uma abertura imensa a outros sentidos que a musica dita de arte pode ter, em suma.

Mas claro que a improvisaçao surge como rebeldia em relaçao ao totalitarismo conservatorial, ja que e nos conservatorios que se produzem, tal como se fossem laboratorios, as gramaticas, linguagens e maneiras de tocar, impondo-as como padroes.

«DL» — O que temos, no espaço das musicas improvisadas?

J.L.B. — O jazz primeiro que tudo, tendo de ser considerado como a musica mais importante deste seculo, no âmbito qualitativo da improvisação e ao nivel da modernidade. O jazz desenvolveu a improvisaçao enquanto iconoclastia contra o que a burguesia procurou impor desde o fim do seculo XIX: a tonalidade. O sistema total engrandeceu com o Estado burguês, e dai que o jazz, provindo de um estrato racial marginalizado, tenha definido tais conceitos de musicalidade que pôde fundar toda uma tipologia: a da musica contemporânea improvisada.

«Interessa agora a criação de novos sons»

«DL» — Passagem de testemunho...

J.L.B. — Sim. Esta tipologia engloba todas as tendências que existem na música. Podemos contar vários tipos de música contemporânea improvisada, cada um referindo as influências assumidas. A um chamaríamos tro9nicamente de erudito por ser praticado por intérpretes clássicos. Caso do Michel Portal, que é um grande leitor de Mozart, foi músico de «jazz» e é um excelente improvisador. Toda a linguagem de Portal provém do grasnde conhecimento que tem da interpretação cláss. ca. Os valores eruditos transporta os ele para a improvisação.

Outro é a electrónica, que desenvolve na improvisação as randes sistematizações que faz em estúdio. A música electrónica de estúdio, lembre se, não tem intérprete, é uma improvisação imediatamente codificada. A partir de certa altura, no entanto, passa a haver intérprete que é aquele que sabe ler uma certa notação, e executante, que é o improvisador.

E também a chamada «free music», destacada do «free jazz» e reunindo uma plêiade de músicos que são ex jazzistas mas libertados do preconceito dos «blues». Interessa lhes agora as criação de novos sons num discurso já não jazzístico mas parajazzístico. Usam alguns signos do «jazz», sim, mas para realizar algo que está para além do «jazz».

Outro tipo ainda é a linha dos construtores. Tem havido dois modelos de fabricação de instrumentos, o industrial e o artesanal, mas para que sejam outros a utilizá-los posteriormente. Surgiu, porém a tendência dos construtores que fazem os instrumentos musicais que eles próprios vão tocar. Isto reflectiu se desde os futuristas em termos de invenção sonora, do timbre, do ritmo, do ruído. E o caso de Hans Reichel, que constrói guitarras e toca-as. Ele corta as guitarras e liga as de determinadas maneiras, amputa as das suas partes e conecta as com uma paraternália electrónica. E o casdo também das esculturas sonoras dos Bacet, esculturas que quando accionadas têm uma vibração sonora harmonizada que sentimos como música.

For fora disto tudo temos a música que é criação de um produtor. Um exemplo fundamental é Manfred Eicher, director da editora discográfica ECM. Ele levou os músicos que gravaram sob a sua alçada a definirem muito mais a produção do seu som. E o que eu designo como o Eicher «style», independentemente dos músicos gravarem na ECM ou não.

«DL» — E o «rock»? Discute-se muito a sua consistência estrutural. O que acha?

J.L.B. — Não desenvolveu uma linguagem de improvisação tão complexa assim, mesmo o de vanguarda. Para mim o «rock» vale muito mais pela composição, não somente a que se inscreve na pauta mas compreendendo ainda a organização electrónica dos sons e os seus sistemas de relação.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, — Centro de Distribuição de Santarém, a que se refere o processo n.º 1/1167, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Chouto, concelho de Chamusca, de uma linha aérea a 30 KV, com 302 metros, do poste n.º 47 da linha para o PT CHM 23 de Salvador ao PT CHM 86 de Parreira

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 5 de Dezembro de 1986

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

ESTREIA, HOJE ÀS 21.30

AS GUERRAS DE ALECRIM E MANJERONA

antonio josé da silva "o judeu"

encenação Carlos Avilez

ESPECTÁCULOS NÃO ACONSELHÁVEIS A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2ª FEIRA TEL. 32 22 10

AOS CONDUTORES

"Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

ÍNDIOS DA AMAZÓNIA

Hoje vamos fazer-lhe uma proposta : mesmo que não esteja nos seus hábitos frequentar exposições - por falta de tempo, por escassa informação sobre artes plásticas ou por simples inércia - pode muito bem calhar que passe a dedicar a este tema alguma atenção, se se dispuser a fazer uma visita ao Museu de Etnologia, ali ao Restelo, na Av. da Ilha da Madeira.

É que neste departamento do Instituto de Investigação Científica Tropical estão a acontecer coisas que valem a pena ser vistas. Como é o caso, no presente momento, de uma exposição intitulada «Índios da Amazónia».

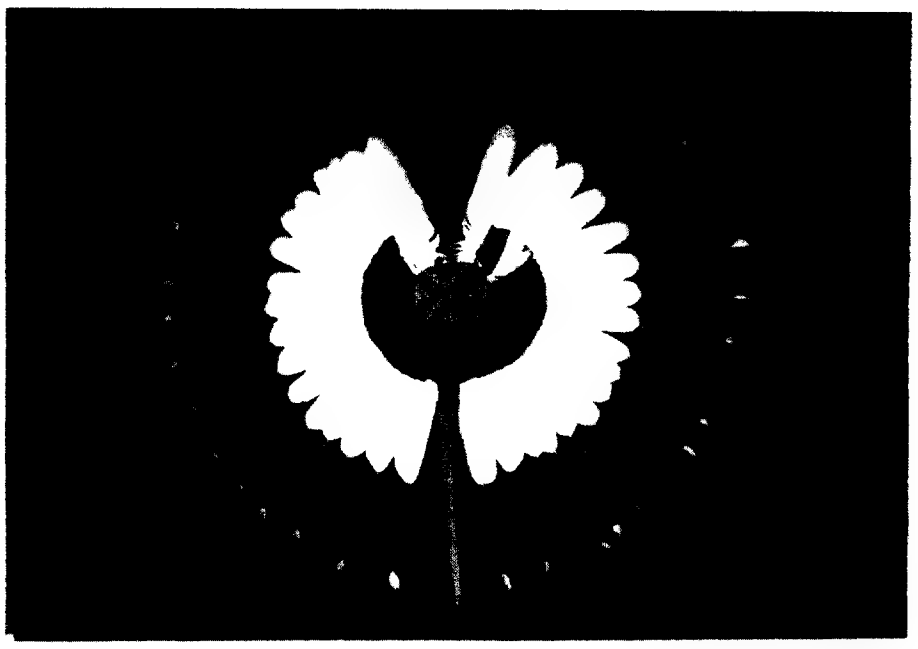
Vamos tentar dar-lhe uma ideia do que se passa no referido museu, depois a opção é inteiramente sua, mas faça mesmo uma «forcinha», dê uma saltada à Av. Ilha da Madeira e vai ver que não se arrependeu :

«Abordando aspectos multifacetados da realidade etnográfica de algumas sociedades ameríndias, como as do Xingú, Alto Amazonas, Uaupés ou do extremo norte amazónico, pretendeu-se desvendar ao público vertentes culturais que, ao mesmo tempo, constituem um dado actual em países como o Brasil, a Venezuela, a Colômbia, o Peru ou o Equador.

O acervo exposto proporciona imagens dum mundo ainda não definitivamente extinto. Quotidiano, Festa e Rito, articulam-se na vida doméstica, na economia e na guerra, enquanto a vida social transparece na exuberância da pintura e dos adornos corporais».

E agora uma informação importante : o Museu de Etnologia abre diariamente das 10 às 12,30 e das 14 às 17 horas, excepto às segundas e feriados. Esta exposição estará patente ao público até ao final deste ano de 87, mas isso não quer dizer que vá adiando, adiando... Não guarde para amanhã o que pode fazer hoje.

No fim vai constatar que não perdeu o seu tempo e, quem sabe ? Talvez passe a frequentar, com uma certa assiduidade, os museus, as exposições... Vamos a isso ?



Diadema de festa masculino Rehareto, dos índios Carajá (Brasil, Fontoura, Rio Araguaia), uma das peças que pode admirar no Museu de Etnologia

TEATROS

• Integrada no ciclo «Encontro com Lorca», estreou-se no passado sábado na sala polivalente da Gulbenkian a peça de Federico Garcia Lorca «Amor de D. Perlimplim com Belisa em seu Jardim», a primeira encenação do pintor, cenógrafo e figurinista Nuno Carinhas. O espaço cénico e figurinos foram concebidos por Vera Castro, sendo o desenho de luzes de Paulo Graça. Anamar, António Pires, Isabel Alarcão, JoséWallenstein, Luís Madureira e Luisa Cruz são os jovens intérpretes.«Amor de D. Perlimplim» - a que Lorca colocou o subtítulo de Aleluia Erótica - é inspirado nas «aleluias», vinhetas que na infância de Lorca se vendiam em grandes folhas de papel barato. Em cena até dia 31.

• O Teatro Ibérico vai estrear, na próxima sexta-feira, a sua primeira produção desta temporada. Trata-se de «A Vida é Sonho», uma das principais obras de

Blanco Gil (Teatro Ibérico), numa foto de ensaio de «A Vida é Sonho»

cargo de Blanco Gil, Jorge Sousa Costa, Luzia Paramos, Francisco Soromenho, Lídia Franco, António Filipe, Miguel Martins, Manuela Cassola, Alfonso Blanco, Artur Mendonça e Osvaldo Canhita.

• O TEAR - Teatro Estúdio de Arte Realista, do Porto - vai estrear no próximo dia 10, «Um Gil Duplo», espectáculo destinado a percorrer escolas e associações, só se prevendo a sua apresentação ao público no próximo mês de Junho. «Um Gil Duplo» é constituído pelos monólogos vicentinos «Monólogo do Vaqueiro» e «Pranto de Maria Parda», assinalando a estreia de um novo encenador, o habitual colaborador plástico do grupo, Moura Pinheiro. A interpretação está a cargo de António Cruz, com a colaboração dos jovens Cândido Xavier e Álvaro Araújo numa figuração especial.

• No TIL/TL - Teatro Infantil de Lisboa - R. Leão de Oliveira, 1 - volta a ser representado, todos os sábados e domingos (às 16 horas) do presente mês, «O Canteiro Vaidoso», da autoria de Soledade Martinho Costa. O espectáculo tem música de Filipe Trigo, sonoplastia de Clívio de Carvalho, luminotecnia de Maria Gabriela e encenação de Ruy de Matos, que também assina o cenário com Kim Cachopo. A interpretação está a cargo de Alexandra Sequeira, Carlos Macedo, Fernando Guerreiro, Henrique Macedo, José Boavida, Maria João Vieira e Kim Cachopo.

• A estreia do espectáculo que a «ContraRegra» - Centro de Actividades Culturais e de Produção de Espectáculos , sediado na Estrada da Luz, 134-6º-Dt. - prepara neste momento,tem estreia prevista para Janeiro em data ainda na anunciar. Victor Norte, Abílio Luís, Alfredo Nunes, F. Pedro Oliveira e António Solmmer - que é também o encenador - constituem o naipe masculino do elenco deste espectáculo, que tem texto de Bertolt Brecht («Os Horácios e os Curiácios») e em epílogo «A Noite» de José Mário Branco, sobre poema de Antero de Quental.

«Amor de D. Perlimplim com Belisa em seu Jardim» na sala polivalente da Gulbenkian. Em cena, António Pires e Anamar

Calderon de La Barca, um nome cimeiro da dramartur - gia do «século de ouro» espanhol. Este espectáculo, apresentado na igreja barroca do antigo Convento de Xabregas, tem encenação e cenografia de Blanco Gil, responsável também pela tradução. Os figurinos são de António Filipe e a interpretação está a

EXPOSIÇÕES

• • a Galeria Quadrum - R. Alberto de Oliveira (Corucheus), inauguração hoje de uma exposição de Pintura de José de Carvalho , patente até 24 do corrente mês. De segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19 horas.

• Na Sala de Turismo de Santarém, entre os dias 8 e 18, uma exposição de Pintura de Vítor Gualdino.

• Nos Paços do Concelho de Mértola, no âmbito da iniciativa «Encontro com o Livro», uma mostra de trabalhos do pintor José Manuel Guerreiro.

• No salão cultural da Câmara Municipal de Aveiro, a 22ª Mostra do Grupo «Aveiro-Arte». Estão representados 19 artistas, nas modalidades de Pintura, Desenho, Cerâmica, Escultura, Gravura e Tapeçaria.

• No Centro Cultural S. Lourenço (Almansil-Algarve) patente desde ontem uma mostra de esculturas em pedra de Minoru Niizuma - Nova Iorque/Tóquio.

• Na Ala Sul do Mosteiro de Alcobaça, expostos trabalhos de seis artistas locais: António Trindade, José Aurélio, Carlos Natividade Correia, José Paulo Ferro, Ilídio Salteiro e Luciano António.

• Na Altamira-Galeria de Arte, R. Filipe Folque, 48-A, inaugura-se no dia 8 uma exposição de Pintura de João Oom. Até 4 de Fevereiro das 10 às 19 nos dias úteis, aos sábados das 10 às 13.

• Na Galeria Municipal de Aveiro, patente uma exposição de Pintura da autoria de Joaquim Magalhães.

• Na Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian, está «Fantasquímica», uma mostra de micro-fotografias de Gil Montalverne.

• No Posto de Turismo de Faro, a partir de terça-feira dia 6, a exposição itinerante «Estações Floridas». Pode ser visitada, diariamente entre as 9 e as 19.

• No Restaurante «Goodie's» - R. Andrade,18 - Pintura e Desenho de Maria João Franco/Nelson Dias, até dia 9 diariamente das 14 às 24.

• Na Galeria Bertrand -R. Anchieta, 23 ao Chiado - Pintura de Nadir Afonso.

MÚSICA

• No Aladin Bar-Restaurante - Travessa da Espera, 22 - esta noite canto e viola por Helena Mello.

• No Bar Bate-Papo - Al. D. Afonso Henriques, 63 - António Carlos Martins, aos sábados acompanhado por Fernando Carvalho.

• No Berro - R. da Esperança, 158 - música variada a partir das 23 com Fernando Castro e Nascimento.

• No Bipi-Bipi - R. Oliveira Martins, 6 - todas as noites (excepto aos domingos) a partir das 22,15, espectáculo com o Rio Transa Samba, constituido por Chiquinho e Borel (percussão) e Nestor Campos (viola).

• Na Chafarica - C. de S. Vicente, 81 - todas as noites música brasileira com Vum Vum. Encerra aos domingos.

• No Copo de Três - R. Marcos Portugal, 1 (à Praça das Flores) - esta noite Rui Madeira ao piano.

• No Happening - à Estrela - hoje actua Mingo, amanhã João Brás de Oliveira.

• N'O Constituinte Pub - R. de S. Bento, 145 - todas as noites (21 às 2) música ao vivo com o pianista José Orlando.

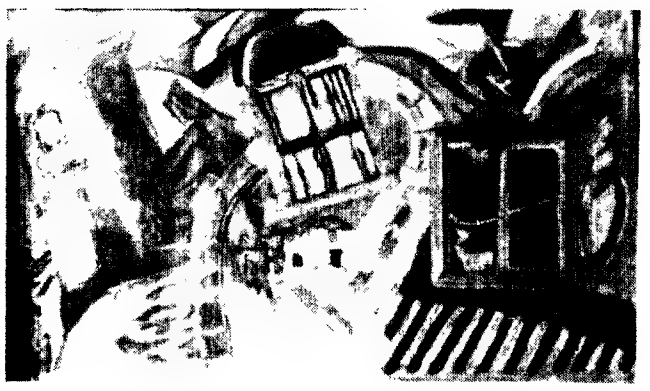
• No «Le Nautique» do Hotel Meridien, todos os dias «Jam Session» com o quarteto Take Four.

• No Piano Bar do Clube de Empresários, todas as noites de segunda a sábado «Swing e Outras Coisas» com José Manuel Soares acompanhado ao piano por Ricardo Paulino..

• No «Quando o Piano Toca» - R. Viriato,8 - música de piano e orgão por José Cabeleira e Marta (voz). Todas as noites excepto aos domingos.

• Na «Canção de Lisboa» - Av. Duque de Loulé, 51-A - todas as noites a partir das 21, fado e música portuguesa com Deolinda Rodrigues, Pedro Vilar e Victor Manuel.

• Na «Casa da Simone» - Av Duque de Loulé, 49 - todas as noites a partir das 21 fado e canção portuguesa com Simone de Oliveira, Lenita Gentil e Raul Camacho



Pintura de Vítor Gualdino, na sala de Turismo de Santarém, até dia 18

CINEMAS

• Na Cinemateca Portuguesa - R. Barata Salgueiro, 39, prossegue hoje o ciclo «Oscares - 60 Anos»» com o filme de Orson Welles «Citizen Kane». Nesta obra extraordinária, com uma encenação quase expressionista, Orson Welles leva ao extremo a combinação de técnicas fílmicas diferentes. De salientar a qualidade formal de todo o filme, desde a fotografia, montagem e música, até às interpretações. Justamente considerado um dos dez melhores filmes de todos os tempos.

• No Forum Picoas, o «Ciclo 3 Grandes Actrizes - Marilyn Monroe, Jane Fonda e Vanessa Redgrave - apresenta hoje a comédia de George Cukor, «Vamonos Amar». Com Marilyn Monroe, Yves Montand e Frankie Vaughan.

CINEMAS

Uma cena do filme «O PASSAGEIRO DA NOITE», realizado por Alan Rudolph, Genevieve Bujold e Keith Carradine e música de Teddy Pendergrass.
Filme de qualidade em exibição no cinema Quarteto

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
A MISSÃO
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
RATO BASÍLIO
(m. 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Alfa 3
TOP GUN — ASES INDOMÁVEIS
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4
A DIFÍCIL ARTE DE AMAR
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa Club
RAN – OS SENHORES DA GUERRA
(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa
Amoreiras 1
QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

Amoreiras 2
E.T. — O EXTRA TERRESTRE
(para todos)
14, 16,30, 19, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 3
RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24.00 h

Amoreiras 4
RATO BASÍLIO
(m. 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 5
HOWARD E O DESTINO DO MUNDO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6
A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70
POR FAVOR MATEM A MINHA MULHER
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Avila
— T. 539930
LABIRINTO
(m. 6 anos)
c/David Bowie
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163
AS AVENTURAS ERÓTICAS DE ZORRO
(Int. m. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
E.T. — O EXTRA TERRESTRE
(para todos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitólio
— T. 372358
FOME DE SEXO
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
EM BUSCA DO TESOURO PERDIDO
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824
POR FAVOR MATEM A MINHA MULHER
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
SCARFACE — A FORÇA DO PODER
(m. 18 anos)
24.00 h

Cinebolso
CONVULSÕES ERÓTICAS
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, e 23.45 h

Cine Camões
T. 324194
O PODER DO JOGO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460
OS AMIGOS DE ALEX
(m.12 anos)
14.00, 16,30, 19 e 21.30 h

Cine Portela
— T. 2524761
ASSALTO AO PARQUE
(m. 12 anos)
16.00 e 21.45 h

A COR PÚRPURA
(m. 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
EMMANUELLE 4
(int. m. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
AOS NOSSOS AMORES
23.45 h
S AMORES
(maiores 16 anos)

Condes
— T. 322523
ALLIENS — O REENCONTRO FINAL
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
KADILOR — A LENDA DO TALISMÃ
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio
— T. 555134
DIGA SIM...
(m. 6 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estudio ACS
— T. 887255
GHOSTBUSTERS «OS CAÇAFANTASMAS»
(m. 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444
— T. 768078
DIÁRIO DE EDITH
(m. 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109
HIGHLANDER — DUELO IMORTAL (m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

A DIFÍCIL ARTE DE AMAR (m. 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

RATO BASÍLIO
(m. 6 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Forum Picoas
— T. 541037
VAMO-NOS AMAR
(n/acons. 13 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini
— T. 734009
RATO BASÍLIO
(m. 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
ALIENS — O RECONTRO FINAL
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Sala 2
ANA E AS SUAS IRMÃS
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Imperio
— T. 555134
LABIRINTO
(m. 6 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
ALLIENS – O REENCONTRO FINAL
(m. 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
AVENTURAS DE JACK BURTON NAS GARRAS DO MANDARIM
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Londres
— T. 801313
AVENTURAS DE JACK BURTON NAS GARRAS DO MANDARIM
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

A MISSÃO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(m. 12 anos)
15, 18 e 21 h

Nimas
— T. 574362
O RATO BASÍLIO
(m. 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
OS DESTRUIDORES IMPLACÁVEIS
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Olympia
T. 325309
LOUCAS DE DESEJO
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé
— 821933
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
(m. 16 anos)
14.00 e 21.30 h

Politeama
T. 326305
EMMANUELLE 4
(int. 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
BETTY BLUE – 27.º 2 DE MANHÃ
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
NEGÓCIO ARRISCADO
(m. 16 anos)
23.45 h

E.T. — O EXTRA TERRESTRE
(m. 6 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
UM FILME DOCE
(m. 16 anos)
23.45 h

Sala 3
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
BRASIL O OUTRO LADO DO SONHO
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 4
O PASSAGEIRO DA NOITE
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
O TUBARÃO
(m. 16 anos)
23.30 h

Roma
T. 889192
A ESPADA DOS VALENTES
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
O POLÍCIA DE HONG-KONG
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
A MISSÃO
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2
E.T. — O EXTRA TERRESTRE
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 h

Sala 3
HOWARD O DESTINO DO MUNDO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.45 h

7.ª Arte
— T. 730715
UM HOMEM E UMA MULHER VINTE ANOS DEPOIS
Realização Claude Lelouch
(m. 12 anos)
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
NOVE SEMANAS E MEIA
(m. 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
O RATO BASÍLIO
(m. 6 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
RATO BASÍLIO
(falado em português)
(m. 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Torim
T. 706666
IMPACTO MORTAL
(m. 12 anos)
14.00, 16.30 e 21.45 h

Voxmania
— T. 898988
VIVER E MORRER EM LOS ANGELES
(m. 6 anos)
15.30, 18.15 e 21.00 h

Xenon
T. 368480
AS AVENTURAS DE JACK BURTON
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodiaco
— T. 570151
Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «Borracho choque...para menina ch. que», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «Quarto com Vista Sobre a Cidade», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Babilónia — «Gente Gira n.º 2», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 6 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores «Finalmente a Primeira Vez», às 15 e 21.30 h (m. 16 anos).

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Duelo Imortal», às 21.30 (m. 12 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Cobra – O Braço Forte da Lei», às 21.30 h (m. 16 anos)

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António – «Cristhiane F.», às 21.30 h (m. 16 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «A Difícil Arte de Amar», às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Africa Minha», às 15.00 e 21.00 h (m. 12 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Conan e os Bárbaros», às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30 h (int. 13 anos)

Sala 2 — «Betty Blue – 37.º e a da Manhã», às 15.30 e 21.45 h (m. 16 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «A Rapariga do Vestido Cor-de-Rosa», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «As Aventuras de Jack Burton nas Garras do Mandarim», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (m. 16 anos)

Sala 2 — «Aliens o Reencontro Final», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «A Difícil Arte de Amar», às 15.30, e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Incrível Almadense — «Silverado», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio — «Ventos do Holocausto», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «A Melhor Defesa», às 15.45 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Amanhecer Violento», às 16.15 e 21.45 h (m. 18 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «O Extraterrestre», às 15 e 21.15 (m. 6 anos)

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Gremlins o Pequeno Monstro», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)

ODIVELAS — Cineodivel — «Darye», às 15.30 e 21.30 (m. 6 anos).

CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «Academia de Polícia III», às 16 e 21 h (m. 12 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — AREEIRO - PRAÇA DE LONDRES: João XXI, Av. João XXI, 16-A (T. 886462); **BOA-HORA: Sepol**, C. da Boa-Hora, 94-A (T. 631958); **CAMPO DE OURIQUE: Elma**, R. D. Maria Pia, 358-A (T. 686176); **CASTELO: Silva**, C. de Santo André, 16 (T. 862074); **CHILE: Aliança**, Av. Almirante Reis, 145-B-C (T. 570487); **ENTRE SETE RIOS E SEGUNDA CIRCULAR: Da Luz**, E. da Luz, 124-A (T. 723179); **FEIRA POPULAR: Santa Maria**, Av. 5 de Outubro, 283-A (T. 763016); **GRAÇA: Monte**, R. Senhora do Monte, 30-A-B (T. 867842); **LUMIAR: Douro**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); **MARQUES DE POMBAL: Branco**, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); **RATO: Cunha**, R. da Escola Politécnica, 18 (T. 325455); **XABREGAS - MADRE DE DEUS: Conceição**, C. D. Gastão, 30-32 (T. 381279); **BRANDOA - AMADORA: Tavares de Matos**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, célula 13-B, bloco 1, lote B; **ODIVELAS: Monserrate**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 9811139); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO — ALCANTARA: Probidade, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); **ALVALADE - ESTADOS UNIDOS: Rio de Janeiro**, Av. do Rio de Janeiro, 4-C (T. 881409); **BAIXA: Simões Pires**, R. da Prata, 115 (T. 362350); **BENFICA: União**, E. de Benfica, 592-594 (T. 700092); **CAMÕES - SANTA CATARINA: Combro**, C. do Combro, 82 (T. 326059); **CAMPO DE OURIQUE: Lobel**, R. de Infantaria 16, 98-B (T. 688807); **MARQUES DA FRONTEIRA: Ronil**, R Rodrigo da Fonseca, 153 (T. 683438); **OLIVAIS SUL: Marta**, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SALDANHA: Dalva**, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); **SAPADORES - PAIVA COUCEIRO: Europa**, Av. General Roçadas, 27-A-B (T. 843880); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

DE DIA E TODA A NOITE — SANTA TERESA, P. Guilherme Gomes Fernandes, 100, a Carlos Alberto; **PADRÃO**, R. de Santo Ildefonso, 342; **SÁ**, R. de Vale Formoso, 181; **BOA-HORA**, R. da Boa-Hora, 80; **GUIMARÃES**, R. de Francos, 37; **QUEJA FERREIRA**, R. Vasques de Mesquita, 32, às Antas.

Coimbra — CENTRAL, R. da Sofia, 19-21 (T. 22089); **SITÁLIA**, L. da Sé Velha, 13-14 (T. 23234); **GASPAR**, R. Carlos Seixas, 113 (T. 11013).

Outra Banda — ALMADA: Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco Costa, lote 1 (T. 27512971). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Louro**, R. Alexandre Herculano, 6 (T. 2763517). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Tovar Chaves**, R. Dr. António Elvas, 104-D (T. 2296119). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2234028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Ferreira e Pilar**, Av. da República, 1 (T. 2073023). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 221635). Até às 22 horas; **MONTIJO: Moderna** R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Cunha Pinheiro**, E. da Canarinha, 32 (T. 29215). Permanente; **Marques**, R. Arronches Junqueiro, 109 (T. 22783). Permanente; **Soromenho**, R. Machado Santos, 24 t. 22691). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGES: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2-B (T. 4101161). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo do Couto, lote 182 (T. 419697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS: Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Alcântara Guerreiro**, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Macau**, R. José Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Marques dos Santos**, R. Ferreira J. A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Amadora, P. 25 de Abril, 3-A (T. 4935518). Permanente; **Campos**, R. Elias Garcia, 185 (T. 4930072). Até às 22 horas; **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (T. 4938551). Até às 22 horas; **QUELUZ: Gil**, Av. Miguel Bombarda (T. 950123). Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **CACÉM: Central**, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato**, R. dos Morés, 1 (T. 9212031). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA: Simões**, R. Heliodoro Salgado, 26 (T. 9230832). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — LOURES: Saraiva, Av. da República, 86 (T. 9830027). Até às 22 horas.

Porto — DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS — PASTELEIRA, R. André de Resende, 92; **SAMPAIO**, R. de Cedofeita, 636, à Carvalhosa; **COSME**, R. de Costa Cabral, 584; **SÃO ROQUE DA LAMEIRA**, R. de São Roque da Lameira, 1111; **CENTRAL**, R. 31 de Janeiro, 203.

DL TEATROS

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 57 54

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Margarida Carpinteiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho e Alexandra Solnado, entre outros.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto Figueiredo, Cruzeiro — Tel. 267 03 20

Terças, quartas e quintas, às 15.15; sextas e sábados, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«GALILEU GALILEI», de Bertolt Brecht. Encenação de Carlos Avilez. Intérpretes: João Vasco, Paulo B., Ana Paula e António Marques, entre outros.

Comuna — Sala 2

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«AS CADEIRAS», de Ionesco. Intérpretes: Ana Themes, Augusto Portela, José Carlos Monteiro e Graça Afonso.

Praça de Touros do Campo Pequeno

Todas as noites às 21.30, 5.ª, 6.ª e sábado às 16.00. Domingos e feridos às 15.00 e 17.30.

CIRCO CHEN

Coliseu

Tel. — 36 19 97

Todos os dias da semana, às 16.00 e 21.30; domingos e feriados, às 14.30, 17.30 e 21.30; dias de Natal e Ano Novo, às 14.30, 17.30 e 21.30

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.00 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«ISTO É MARIA VITÓRIA», de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha e Marina Mota, entre outros.

Centro de Arte Moderna — Sala Polivalente

R. Dr. Nicolau Betencourt — Tel. 73 43 09

3.ª e 4.ª, às 18.30; 5.ª, 6.ª e sábado, s 21. domingo, às 15.00

«AMOR DE D. PERLIMPIM COM BELISA E SEU JARDIM», de Garcia Lorca. Encenação de Nuno Carinhas. Interpretação de Anamar, António Pires, Isabel Alarcão, José Wallenstein, Luís Madureira e Luísa Cruz.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«SAPATEADO», de Richard Harris. Versão portuguesa de César de Oliveira e Barry Scray. Encenação de Varela Silva. Intérpretes: Florbela Queiroz, Octávio de Matos, Manuela Maria, Mara Abrantes, Maria Tavares, Magda Cardoso, Luísa Barbosa, Manuela Carlos, Rosa do Canto e Fernanda Oliveira.

Teatro de O Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De 5.ª a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

«MEMÓRIAS DE UM CORPO», de José Figueiredo Martins. Encenação de Cunha Carvalheiro. Interpretação de José Figueiredo.

Porto — Teatro dos Modestos

R. Gonçalves Cristóvão, 190 — Tel. 20 412

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«O JOGO DO AMOR E DO ACASO», de Marivaux. Pelo Grupo «Os Comediantes». Encenação: João Paulo Costa. Intérpretes: Eduardo Gomes, João Cardoso, João Paulo Costa, Óscar Branco, Rosa Quiroga e Teresa Nunes.

Circo Cardinali

P. de Espanha

Todos os dias, às 21.30; 5.ª e sábado, às 16.00; domingo e 2.ª, às 15.00 e 17.30

Circo português, 14 atracções internacionais.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«OS POLÍCIAS», de Lrozeck. Encenação de Hélder Costa. Intérpretes: António Gomes, João Azevedo, José Carretas, Luís Tomar e Teresa Faria.

Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos, só às 16.00

«A MULHER DO CAMPO», de William Wycherley. Pelo Teatro da Cornucópia. Intérpretes: Rui Mendes, Júlia Correia, Júlia Buisel, José Manuel Mendes, Luís Lucas, Rui Furtado, Raquel Maria, Márcia Brea, Alda Rodrigues, Francisco Costa, Gilberto Gonçalves, Luís Miguel Cintra, entre outros. Música de José Mário Branco.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

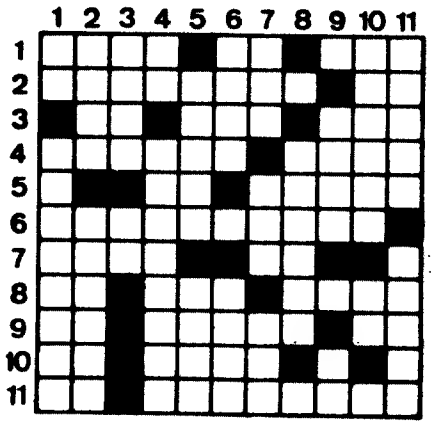
«AQUI HÁ FANTASMAS», original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 925

HORIZONTAIS:

1 Preposição. Artigo definido. Pronome pessoal.
2 Alojeis em tendas. Nota musical (inv).
3 Rio da Rússia. Joeira. Utensílios domésticos.
4 Educam. Espécie de argila.
5 Cobalto (s.q). Trancas.
6 Apoiados.
7 Lavram. Género de palmeiras do Brasil.
8 Aqui. Letra grega. Fim.
9 Grande ribeira da Ásia Russa. Vento tempestuoso violentíssimo do oceano Índico. Clima.
10 Acrescentando uma vogal é aurora. Nome de homem.
11 Abreviatura de Santíssimo. Grande mosca.



VERTICAIS:

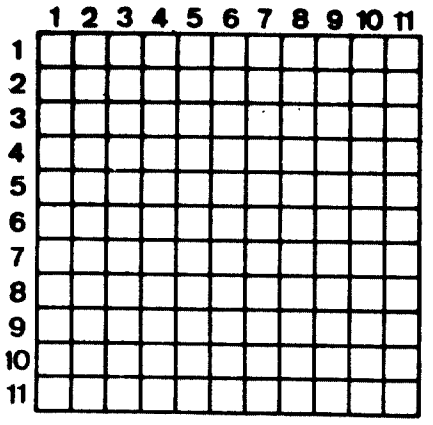
1 Deus dos pastores. Ânimos (fig).
2 Serra de Portugal. Estávamos.
3 Mestre. Aqui.
4 Antes do meio-dia. Combatam.
5 Genuínos. O essencial, o indispensável.
6 Vestuário de homem, espécie de meia tónica. Azáfamas.
7 Fecha as asas para descer mais depressa. Tempo do verbo ir. Filtra (inv).
8 Decrépito.
9 Tempo do verbo ser. Transparente. Senhor.
10 O mesmo que ligaras. Bário (s.q).
11 Cidade de Itália. Rio de Portugal.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 754

HORIZONTAIS:

1 Pronome relativo. Coragem.
2 Prefixo de negação. Cloro (s.q). Apelido.
3 Ave semelhante à pomba. Existe.
4 Despidas. Curso de água natural e abundante.
5 Batráquio anuro. Senhor em inglês.
6 Moderato. Caneca grande.
7 Cana-de-açúcar ou cana-doce. Robustos.
8 Palmeiras da Amazónia. Tanto.
9 A classe sacerdotal. Viração.
10 Mau cheiro. Nome científico do pato.
11 Ecoa. Peixe do género siluro.



VERTICAIS:

1 Naipe das cartas de jogar. Mau hábito.
2 Em o. Plantio de amieiros.
3 Indigente.
4 Nome de planeta. Irmão de Moisés.
5 Tamanco.
6 Convocam.
7 Pronome pessoal. Creme.
8 Enxugaras.
9 Fantasia. Em o.
10 Sufixo que designa estado. A Pérsia. Matemática.
11 Fértil. Sufixo que designa abundância. Isolado.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 924

HORIZONTAIS:

1 A. Corem. Ada.
2 Liaça. Aviem.
3 Ur. Aca. Asse.
4 Cós. Atar. Ti.
5 Isar. Rara
6 Na. Reinos.
7 Amoiram. Aí.
8 Aum.
9 Ata. Arm.
10 MELANCOLIA.
11 Amaras. Asse.

VERTICAIS:

1 ALUCINA. Ama.
2 Irós. Matem.
3 Cá. Sano. Ala.
4 Oca. Raia. Ar.
5 Raça. Ruína.
6 E. Atimr. Cs.
7 Má. Emaço.
8 Varri. La.
9 Ais. Anatais.
10 DESTRÓI. Ras.
11 Ameias. Am.

PROVÉRBIO: A melancolia alucina e destrói.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 753

HORIZONTAIS:

1 Apenas. Id.
2 Ba. Rodei.
3 Içarei. Zar.
4 Crato. As. Qb.
5 Hadith. Óau
6 Orara. Na. Se.
7 Rã. Arcos.
8 Animais. Tem.
9 Seco.
10 Os. Nascemos.
11 Simularia.

VERTICAIS:

1 Ab. Choramos.
2 Pairaram. Si.
3 Cada. Im.
4 Atiram. Nu.
5 Arrotara. Al.
6 Soe. Coisa.
7 Dia. Nós. Cr.
8 IE. Ás. Sei.
9 Diz. Tema.
10 Abasteço.
11 Porqué. Mosa.

Rádio

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rocklândia; **18.00**: Regressos; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário . Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.50: Música instrumental; **17.00**: Integrais; **17.30**: Música programática; **18.40**: Música de autores portugueses; **19.20**: Solos instrumentais, por grandes intérpretes; **20.40**: Canções, do ciclo A Bela Moleira», de Schubert; **21.00**: 6.º Festival Bach da Madeira; **21.48**: Sinfonia, n.º 4, em fá menor, de Tchaikovsky; **22.38**: Música de dança da Renascença, de autor anónimo, Gulielmus, Attaingnant, Dalza, Petrucci e Neusiedler; **23.00 Intercâmbio musical; 00.25**: Música para orquestra de câmara; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média-Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Espaço musical; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Alentejo

14.00: Sopa dourada; **15.00**: As boas tardes da Renascença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.00**: Alentejo em notícia; **19.30**: Diversos; **20.00**: Ligação à rede nacional.

Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.00**: Jornal das regiões; **19.30**: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

12.05: Espaço musical; **12.30**: Bola branca; **13.00**: Onda; **13.30**: Encontro para dois; **14.00**: Meia tarde; **15.00**: A Rádio da cidade; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **23.30**: Diário do desporto; **23.57**: Meditando.

Canal 2

20.00: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP 1

18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
«O Inverno Mágico de Roland», «Feira de Bonecos», «Mike - Um Aniversário» e «O País das Flores».

19.00 - Show Bis
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.05 - Viver a Vida
34º Episódio

20.40 - Uma Noite com Donna Summer
22.00 - Dempsey e Makepeace
8º Episódio: - Uma criança é raptada quando passeava com a mãe num jardim. O acto é reivindicado por Tennant, um marginal que dirige uma poderosa organização criminosa. As condições por ele impostas para libertar o refém deixam Spikings visivelmente embaraçado... e o caso é entregue a Dempsey e a Makepeace...
Realizador: - Tony Wharmby

22.55 - 24 Horas
23.25 - Remate

RTP 2

15.02 - Agora Escolha
16.30 - Notícias
16.35 - Fama
25º Episódio

17.30 - Trinta Minutos Com...
18.00 - Aves Migratórias
Ria Formosa, reserva natural

18.30 - Estádio
19.30 - Artistas Portugueses
«Amadeu de Sousa Cardoso»

20.00 - Notícias
20.05 - 5ª Dimensão
62º Episódio

20.30 - Uma Família às Direitas
37º Episódio

21.00 - Jornal das Nove
21.30 - CinemaDois
«Nova Geração»: - Segunda longa-metragem de George Lucas (1973), um dos cineastas pertencentes ao grupo de Coppola e Spielberg, geração de realizadores que recriou o espectáculo no cinema americano, dando-lhe evidentemente, uma dimensão moderna. Com eles, o cinema voltou a ser uma maravilhosa fábrica de sonhos, a povoar o imaginário de milhões de espectadores em todo o mundo.

23.25 - E de Ler
«Cesário Verde» de João Pinto de Figueiredo

No 2.º canal, às 20.05, mais um episódio de «5.ª Dimensão»

No 1.º canal, às 20.40 veja Uma Noite com Donna Summer

AMANHÃ

RTP 1

10.02 - Às Dez
12.15 - Cambalacho
13.00 - Jornal da Tarde
18.00 - Abertura
18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.50 - Show Bis
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Vamos Jogar no Totobola
20.20 - Viver a Vida
21.05 - Lotação Esgotada
22.50 - 24 Horas
23.20 - Remate

RTP 2

14.02 - Music Box
16.30 - Trinta Minutos Com...
17.00 - Série de Ficção
18.00 - Notícias
18.05 - Estádio
19.00 - Countdown
20.00 - Notícias
20.05 - 5ª Dimensão
20.30 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - West Side Story
23.00 - E de Ler

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 a 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Portaria 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira 40$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

ÚLTIMA HORA

O Conselho de Imprensa defendeu hoje deve ser «previamente ponderada e discutida em órgãos de soberania e com a participação de órgãos e organizações do sector» uma eventual alteração do regime jurídico das empresas públicas de Comunicação Social. Esta posição foi assumida num parecer emitido a propósito do decreto governamental que regulamenta a alienação de partes, quotas ou acções que o Estado ou qualquer entidade pública detenha em empresas de Comunicação Social que, afirma, lhe suscita «dúvidas relativamente à observância do quadro legal vigente».

Há quase um ano sem a RTP-2

Amares em "pé de guerra" não quer pagar a taxa

«Foi uma proposta de um deputado da Assembleia Municipal que colocou o problema ao executivo para que a população não pague a taxa enquanto não houver imagens do segundo canal», declarou esta manhã ao «DL» o vereador Francisco Araújo, da Câmara Municipal de Amares.

A proposta, aprovada por unanimidade em reunião de 27 de Dezembro, e referente à taxa de 1985/86, é a resposta indignada da população que, desde Fevereiro de 1986 se viu privada do segundo canal devido à avaria que afectou o transmissor de Muro e que privou algumas zonas do Minho das imagens da televisão portuguesa.

Por outro lado, a Câmara Municipal de Amares vai diligenciar no sentido de ser instalado um retransmissor num ponto estratégico do concelho se não ficar resolvida, no espaço de 30 dias, a situação provocada pela avaria do transmissor da RTP.

«Que eu me lembre é o primeiro caso que acontece», referiu ao «DL» um funcionário da Radiotelevisão Portuguesa referindo-se à proposta aprovada pela Assembleia Municipal de Amares. No entanto, de acordo com outra fonte da Avenida 5 de Outubro, tal posição «é ilegal porque há um decreto-lei, o 401/79, que obriga ao pagamento da taxa».

Mas, para os 1484 detentores de receptores de televisão de Amares, é difícil conceber o pagamento da taxa quando, por motivos que lhes escapam, as imagens não chegam...ao contrário das contas.

Recuperação depende das condições meteorológicas

Avariado desde Fevereiro do ano passado, quando a carga de gelo fez dobrar a torre instalada no Muro em Janeiro de 1966, o transmissor está agora em fase de recuperação.

Depois da construção de uma nova torre mais robusta, seguiu-se a montagem da antena do primeiro canal que, de acordo com o engenheiro Nunes Marques, chefe do departamento das redes de emissão, deve «estar concluída durante esta semana». As condições metereológicas, principalmente o frio, têm atrasado considerávelmente esta fase da recuperação. «Trabalhando no alto da torre, os homens chegam a gelar e têm que descer para se aquecerem», referiu aquele responsável, sublinhando, no entanto, que a ausência de chuva tem favorecido a recuperação.

Quanto à antena do segundo canal, que provocou o protesto de Amares, «não é possível prever a data da sua instalação». «Em condições normais demoraria cerca de três semanas, mas com o tempo mau é mais moroso», indicou Nunes Marques. E, se as previsões da metereologia se confirmarem e a chuva chegar, então os trabalhos terão um maior tempo de duração.

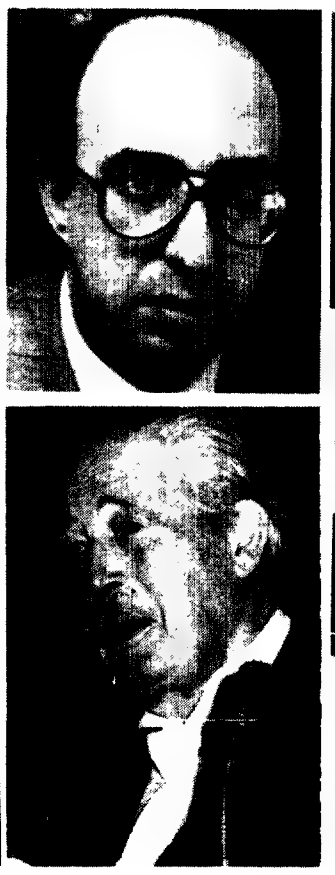
No total, o investimento na construção da nova torre e da instalação das antenas para o primeiro e segundo canais deverá ultrapassar os trinta mil contos, quinze vezes mais do que quando originàriamente instaladas, precisou o chefe do departamento das redes de emissão da RTP.

CSDN analisa amanhã promoções de oficiais-generais

Está, entretanto, hoje reunido o Conselho Superior Militar, sob a presidência do ministro da Defesa, Leonardo Ribeiro de Almeida. O objectivo da reunião é preparar a sessão de amanhã do Conselho Superior de Defesa Nacional, à qual presidirá Mário Soares. Segundo se afirma, na reunião de amanhã será analisada a promoção de oficiais generais, nomeadamente de brigadeiros e generais.

/D/E/C/A/R/A/S/

MARIA BETHANIA inicia a sua digressão internacional com a actuação em Portugal, já em 9 de Fevereiro no Coliseu de Lisboa, onde fará seis apresentações. Maria Bethânia, que actuará em seguida na cidade do Porto, vem a Portugal pela mão do empresário que foi também o responsável pela vinda da cantora Gal Costa, o ano passado: Dulceio Lima. Depois de Bethânia deverão visitar Portugal Caetano Veloso e Guilherme Arantes, em Março, e mais tarde está prevista também a vinda de Sidney Magal.



ANDREI SAKHAROV, prémio nobel da paz e dissidente soviético, vinculou a concecussão de um acordo sobre desarmamento a uma maior abertura da sociedade soviética. O físico criador da primeira bomba de hidrogénio soviética, afirma em entrevista concedida à agência espanhola EFE que estas duas questões estão ligadas e constituem um processo paralelo, já que uma abertura da sociedade soviética, «conduziria a um aumento da confiança internacional, facilitando a assinatura de um acordo sobre desarmamento».

ANTONIO VITORINO DE ALMEIDA inicia a partir do próximo dia 21, na Reitoria da Universidade do Porto, um curso de musicologia, aberto a todos os estudantes da academia portuense. O acordo foi ontem assinado pelo popular maestro, que não pôde assistir à estreia(ontem, também), em Viena, da sua longa metragem, de produção austríaca, «As mesas de mármore», história de amores desencontrados, rodada no Alentejo com dois grandes actores da Austria, André Heller e Erika Pluhar. O popular maestro roda, entretanto, para a RTP, uma série de histórias do «conto do vigário» que promete dar que falar...

ALIPIO DIAS, ex-secretário de Estado do Orçamento e das Finanças, toma hoje posse como vice-governador do Banco de Portugal. O economista de 43 anos licenciou-se em 1965 na Faculdade de Economia da Universidade do Porto. Foi secretário de Estado das Finanças no quarto, sexto e nono governos constitucionais e secretário de Estado do Orçamento nos sétimo e oitavo governos. Alípio Dias foi também director do matutino portuense «O Comércio do Porto» entre 1973 e 1975.

GAL COSTA, Bryan Adams e Júlio Iglesias receberam no ano passado, em Portugal, discos de platina pelas vendas dos seus álbuns superiores a 60 mil exemplares, anunciou a Uneva. Os álbuns premiados foram «Bem Bom» (Gal Costa), «Reckless» (Bryan Adams) e «Libra» (Julio Iglesias). Com discos de ouro (30 mil exemplares), a Uneva premiou «Duets» (Kenny Rodgers), «Verde e Amarelo» (Roberto Carlos), «The First Albun» (Modern Talking), «Cristal» (Simone) e «The Collection» (Frank Sinatra).

HAROLD MACMILLAN, antigo primeiro-ministro conservador que como lord Stokcton se tornou um dos mais respeitados estadistas britânicos, foi ontem enterrado em cerimónia privada na sua aldeia natal. Margaret Thatcher, a actual chefe do de governo britânica, encontrava-se entre os 200 participantes que encheram a igreja de St. Giles em Horsted Keynes, a 50 kilómetros a sul de Londres.

Fúria do mar já causou estragos

Temporal e três pequenos sismos nos Açores

Os Bombeiros Voluntários de Ponta Delgada foram chamados durante a noite e a madrugada de hoje para acorreram a dois casos de inundações provocadas pelas intensas chuvas registadas na ilha de S. Miguel. Este um dos reflexos mais recentes do forte temporal que se tem sentido no arquipélago, desde ontem, com a agravante de, no domingo, terem sido sentidos três sismos de fraca intensidade na costa Norte também de S. Miguel.

Como resultado do temporal, o mar já destruiu parte do cais acostável da ilha do Pico e o farol do porto de Santa Maria. Ondas alterosas e ventos fortes causaram fortes danos na orla marítima das quatro ilhas mais ocidentais, Faial, Pico, Flores e Corvo, com especial reflexo nos seus portos.

Há ainda a registar a perda de alguns bens na Horta, onde contentores parqueados na doca da cidade foram lançados ao mar pela força das ondas. Na ilha das Flores, o navio «Antero de Quental» encontra-se ao largo da costa há mais de três semanas, conseguindo efectuar serviço apenas esporadicamente.

As inundações na ilha de S. Miguel não assumiram particular gravidade, e foram provocadas por uma chuva persistente, por vezes muito intensa, que começou a cair ao fim da tarde de ontem e só terminou ao princípio da manhã de hoje.

Quanto aos três sismos, tiveram intensidades entre os dois e os quatro graus da escala modificada de Mercalli, de12 graus. Os sismos foram considerados como decorrentes da actividade sísmica normal da zona, ou seja, uma «actividade normal de libertação de energias», segundo uma fonte do Observatório Afonso Chaves, de Ponta Delgada.

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO DIÁRIO DE LISBOA. SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1.200 LISBOA. TELEF. 320271/320272. TELEX: 12363

Estará você à altura do que 1987 exige de si? Tem comparado escrupulosamente as suas atitudes e os seus juízos de valor com os de outrem, do ponto de vista da eficácia social e da genuína modernidade? O Sete Ponto Sete ajuda-o a chegar a uma conclusão preventiva acerca de si própro (a) com base num pequeno teste de comportamento. Respondacom olho vivo e pé leve, não revele a ninguém a pontuação que obteve e mantenha-se calmo. A confidencialidade das suas respostas põe-no ao abrigo de quaisquer dissabores.

ESCRÚPULOS 1987

■ *O teste Sete Ponto Sete que revela o leitor a si próprio face às expectativas sociais que o envolvem*

O Primeiro-Ministro volta a dizer, na Assembleia, que, se o obrigarem a descer o preço da gasolina, ele aumentará o preço do leite, a começar por aquele que é servido nos infantários. Você...

A — Promove um abaixo-assinado a convocar uma manifestação contra o Primeiro-Ministro, em defesa do leite barato e dos bebés dos infantários.

B — Não liga ao assunto e folheia o seu jornal para se informar sobre qual é filme de logo à noite na TV.

C — Envia um telegrama de felicitações ao Primeiro-Ministro, apoiando-o na sua luta pelo saneamento da economia e oferecendo-se para promover uma manifestação de apoio ao aumento do preço do leite.

A — 5 pontos. A questão social está inteiramente *démodée* e é inteiramente anti-pós-moderna. Além disso, para que é que os estúpidos dos casais sem meios ainda fazem filhos?

B — 10 pontos. Você está a caminho de uma atitude verdadeiramente moderna, embora ainda não de modo consciente e activo.

C — 15 pontos. Que se lixem os bebedores de leite! Acelerar na estrada é bem mais interessante do que pensar que o Estado pode continuar a servir de ama-seca. E não basta sabê-lo, é preciso convencer os outros disso mesmo.

Um bêbado adormeceu à porta de uma loja importante da Baixa e a Polícia vem buscá-lo à cacetada e chamando-lhe alguns dos nomes que constam do dicionário de calão, tudo isto com muito espectáculo. Você...

A — Insurge-se contra a Polícia, interpelando os agentes e dizendo-lhes que basta levarem o bêbado sem violência, não é preciso maltratá-lo e insultá-lo.

B — Passa de largo tentando não ver, porque não é nada consigo e não há dúvida de que é inconveniente cair de bêbado à porta de uma loja importante.

C — Junta-se aos polícias, aproveita para dar um pontapé no bêbado e insulta as duas senhoras que criticam os agentes por estarem a abusar da sua autoridade.

A — 5 pontos. Criticar os abusos de autoridade da Polícia é contribuir activamente para o enfraquecimento moral da corporação. Se eles não tratam os bêbados a pontapé, como hão-de depois enfrentar a criminalidade organizada?

B — 10 pontos. Você já admite que há alguma razão em maltratar os bêbados e vadios, mas ainda não assume positivamente a sua nova civilidade. Ai da *Cidade,* se todos guardarem para si os seus juízos...

C — 15 pontos. Você passou para o lado construtivo da barricada e perdeu finalmente os seus complexos de assistente social. O seu exemplo pode frutificar e assim se obterão instituições mais sólidas e cumpridoras.

A página de fofocas de um jornal influente mostra-o tomando champanhe com um conhecido recrutador de mercenários e descreve-o a si como pertencendo à esquerda inteligente. Você...

A — Exige que o jornal em questão publique uma rectificação dizendo que o recrutador de mercenários é o seu primo de Pretória, e que a reunião era estritamente familiar

B — Comenta, para os seus amigos, que a Imprensa se tornou, hoje em dia, num grande aborrecimento, embora esteja habituado a engolir aborrecimentos daqueles ao pequeno-almoço

C — Convida o editor do jornal em questão para tomar um copo no Bananas, mostrando publicamente que é um homem sem ressentimentos, e que lhe está reconhecido pela publicidade gratuita

A — 5 pontos. As desculpas de mau pagador também estão inteiramente fora de moda. Leia atentamente os livros de Jean Genet, atentando sobretudo no seu aspecto moral

B — 10 pontos. Não basta engolir os aborrecimentos como este ao pequeno-almoço, é mesmo preciso convidar o editor para um copo do Bananas.

C — 15 pontos. Dar-lhe-íamos 20 se você passasse a convidar para tomar copos em público todos quantos são acusados de atitudes igualmente equívocas. Mas a sua atitude esteve já à altura da falta de escrúpulos que se espera de si para 87.

O seu (a sua) companheiro (companheira) anuncia-lhe que vai entrar numa fase de abstinência sexual, porque não consegue misturar o amor verdadeiro com as baixezas do corpo. Você...

A — Compreende e aplaude a iniciativa, e admite a possibilidade de aderir a ela, até que uma nova fase venha reconciliar amor e sexo.

B — Aceita a iniciativa, gabando-lhe a serenidade e a vontade de transparência, vai buscar a sua agenda e, às escondidas, telefona de imediato a um seu (uma sua) antigo (antiga) amante.

C — Recusa totalmente a iniciativa e ameaça suicidar-se já esta noite se o seu companheiro (a sua companheira) não aceitar fazer amor imediatamente em cima da mesa da cozinha.

A — 0 pontos. Você falhou em, pelo menos, dois séculos a opção anacorética. E não nos venha dizer que o assunto só lhe diz respeito a si, numa idade como a nossa, tão marcada pelo individualismo como filosofia social.

B — 5 pontos. O divórcio entre *eros* e *agapê* é insuportavelmente pós-moderno. No entanto, você mostra alguma abertura à falta de escrúpulos simultaneamente respei-

Continua na pág. 2

ESCRÚPULOS 1987

Continuação da pág. 1

tadora das convenções, o que é uma atitude actual.

C — 10 pontos. Você primeiro, os outros depois, assumidamente. 15 pontos se, além do amor forçado na mesa da cozinha, você for, também, à sua agenda e fizer o exercício B. Para se sentir um bem-amado.

O seu carro bate, ao sair do parking, num Porsche Turbo que está arrumado sem ninguém dentro. Você...

A — Desaparece sem deixar rasto e assegurando-se de que ninguém viu.

B — Pensa primeiro «os ricos que paguem a crise», mas acaba por deixar no pára-brisas do Porsche um cartão com o seu nome e telefone.

C — Deixa no pára-brisas do Porsche um cartão com os seguintes dizeres: «Os papalvos que estão a ver julgam que lhe estou a deixar um cartão com o meu nome e telefone, mas não estou».

A — 5 pontos. É falta de escrúpulos à portuguesa, mas sem o sentido da modernidade. Falta-lhe «l'air du temps»

B — 0 pontos. Sopa intragável e bons sentimentos com o ressentimento contra os proprietários de Porsche Turbo. Você precisa de ir à revisão geral.

C — 10 pontos. Conseguiu transformar um mero acidente num acto de perversidade sem resquícios de má consciência. Disto sim, fazem-se os anos verdadeiramente fastos!

O colega que lhe arranjou emprego cai em desgraça na empresa. Você...

A — Convida-o para almoçar e oferece-lhe a sua simpatia e apoio material, se ele precisar.

B — Faz correr que já não é sem tempo que ele tenha o que merece e deixa de o cumprimentar ao chegar ao serviço.

C — Faz correr que já não é sem tempo que ele tenha o que merece e convida-o para almoçar para insultar, com ele, aqueles que o perseguem.

A — 0 pontos. Atitude inteiramente «retro», sem beleza estética e fiel a valores de outro mundo. Por quem se toma você? Por algum santo de altar, não?

B — 5 pontos. Você leu o manual de sobrevivência, mas foi incapaz de lhe acrescentar alguma coisa da sua lavra.

C — 10 pontos. Você cnsegue integrar sem problemas uma atitude e a sua contrária. Está à altura do que 87 espera de si.

O seu sobrinho, de 13 anos, confidencia-lhe que está a manter uma relação estável com uma senhora casada de 35 anos, antiga Miss Portugal. Você...

A — Avisa o pai da criança.

B — Avisa a Polícia mas fica com o telefone da senhora.

C — Conta a história ao «Jornal do Sexo» a troco de 2500$00.

A — 0 pontos. Retrógrado e apatetado, é o que você é.

B — 5 pontos. Melhor, mas ainda terrivelmente marcado pela ideia de que a vida privada deve passar por normas gerais.

C — 0 pontos. Você julgou acertar na *mouche*, mas vendeu-se por preços de 1973. Absolutamente anti-87.

Quanto vale você

SOMOU os seus resultados? Então eis o que você vale perante o 1987 em que já está embarcado:

De 15 a 35 pontos — Não está à altura do ano... nem do século. Os seus valores adoeceram de passadismo. Você vive numa utopia profundamente destrutiva, é potencialmente marginal, confunde *boa-causa* e *desgaste dos valores fundamentais da sociedade*.

De 40 a 65 pontos — Mostra indícios de adaptabilidade e por vezes aceita as coisas como as coisas são. Já não é um caso perdido. Esteja atento ao soprar dos ventos e faça exercício provocando situações em que tenha de fazer escolhas segundo a nova moral. Não basta esperar pelas oportunidades, é preciso trabalhar por elas.

De 65 a 75 pontos — Você não será um bom «primeiro», mas será um bom «segundo» em 87. Não queira mais do que o que merece: os segundos, como diz o ditado, são os primeiros.

80 pontos — Finalmente, alguém genuinamente à altura do que se espera dele. Você não precisa de elogios, porque sabe bem o que vale. 1987 é todo seu. Pena que se sinta tão sozinho, não é?

Sinais dos Tempos

O imposto que pinga

Pararam na bomba de gasolina. O senhor Esteves entregou a chave e pediu mil escudos. De costas viradas para o cliente o «homem da bomba» enchia o depósito, enquanto o senhor Esteves se inclinava sobre o volante para verificar se não o estariam o enganar. «Todo o cuidado é pouco», disse para o senhor Silva que se encontrava no banco de trás, confirmando estar tudo em ordem. Foi quando de novo voltaram à estrada que o senhor Esteves perguntou porque não descia o preço da gasolina.

O senhor Silva lembrava-se de há poucos meses ter acompanhado os debates do Orçamento de Estado para este ano e que isso dera muita polémica. Não por causa da gasolina, mas pelas taxas de imposto do fuelóleo. O ministro das Finanças até ficara arreliado porque a Assembleia da República decidira mexer no Orçamento proposto por ele. «Mas mexer para baixar o preço da gasolina?», interrompeu o senhor Esteves nervoso, ansiedade frustada quando soube tratar-se não de preços, mas de impostos a cobrar e não da gasolina, mas unicamente do fuelóleo.

Os impostos da gasolina

«Impostos? Eu pago é gasolina, não é impostos». O senhor Silva lembrou-lhe que, por cada litro de gasolina super, o Esteves pagava entre 65 e 71 escudos e na normal, entre 64 e 70 escudos. «E no gasóleo?» No gasóleo, a parte do Estado através do imposto sobre produtos petrolíferos fica entre 29 e 37 escudos, tendo sido aprovado pela Oposição que o do fuelóleo fosse entre cinco tostões e três escudos para 1 por cento de teor de enxofre e até dois escudos para 3,5 por cento. «Como é?», perguntou o Esteves, «afinal pago 65 ou 71 escudos?».

Os vários impostos, segundo a lei do Orçamento aprovada, o imposto sobre produtos petrolíferos é variável, dependendo do custo dos diversos produtos, custo este que corresponde à soma do valor aduaneiro da importação à saída das refinarias nacionais, do valor de compensação pela obrigatoriedadede assegurar reservas de produto em território nacional, do valor correspondente ao custo financeiro-cambial e à taxa de utilização do porto de Sines associado ao aprovisionamento de matérias primas e produtos e ainda das margens de comercialização. Ora, este não é o valor por que se paga a gasolina.

Sobre este valor denominado «custo», recairá ainda o **imposto interno de consumo**, o **IVA** e os **direitos de importação**. Mas ainda não é este valor que se paga quando se compra gasolina. Depois de somado tudo ainda se junta o **imposto sobre produtos petrolíferos** que oscilará entre os valores mínimos e máximos dependentes da aplicação da taxa sobre o custo.

Oscilações do imposto

Já não falando das variações dos outros impostos, se se verificarem oscilações no custo dos diversos produtos, então os valores do imposto sofrerão actualizações. Se essas oscilações ultrapassarem os limites fixados, as taxas de imposto reagirão do seguinte modo: se subir o custo, o imposto sobe; se o custo descer, o imposto desce. Mas se a descida for muito acentuada, ultrapassando em, pelo menos 15 por cento os limites fixados durante quatro meses, então o Governo «procederá aos ajustamentos necessários nos preços de venda ao público para que as taxas do Imposto regressem aos limites fixados».

Isto é: se o custo subir, o preço sobe imediatamente dada a fixação do imposto ou acompanhando a evolução do custo. Se o custo baixar, o consumidor terá que ansiosamente esperar quatro meses que a baixa exceda em 15 por cento os limites para ver o preço descer.

Resta perguntar o que acontece se não exceder os 15 por cento e mesmo excedendo a que título se pagou uma sobretaxa durante quatro meses?

Efeitos secundários

Estando o custo dos carburantes e combustíveis introduzidos em grande parte dos consumos intermédios de uma vasta gama de actividades, sendo prática corrente a transferência dos impostos intermédios para o preço final do produto ou serviço consumido, conviria contabilizar a influência do imposto sobre produtos petrolíferos na totalidade dos preços de bens e serviços.

E mais: não haverá casos em que incorporado o preço dos combustíveis como custo de produção ou de serviço, preço aquele onde estão incluídos todos os impostos referidos, dizíamos, não se estará, ao comprar certos bens ou serviços, a pagar imposto sobre o valor de outros impostos já pagos, acrescendo artificialmente os preços?

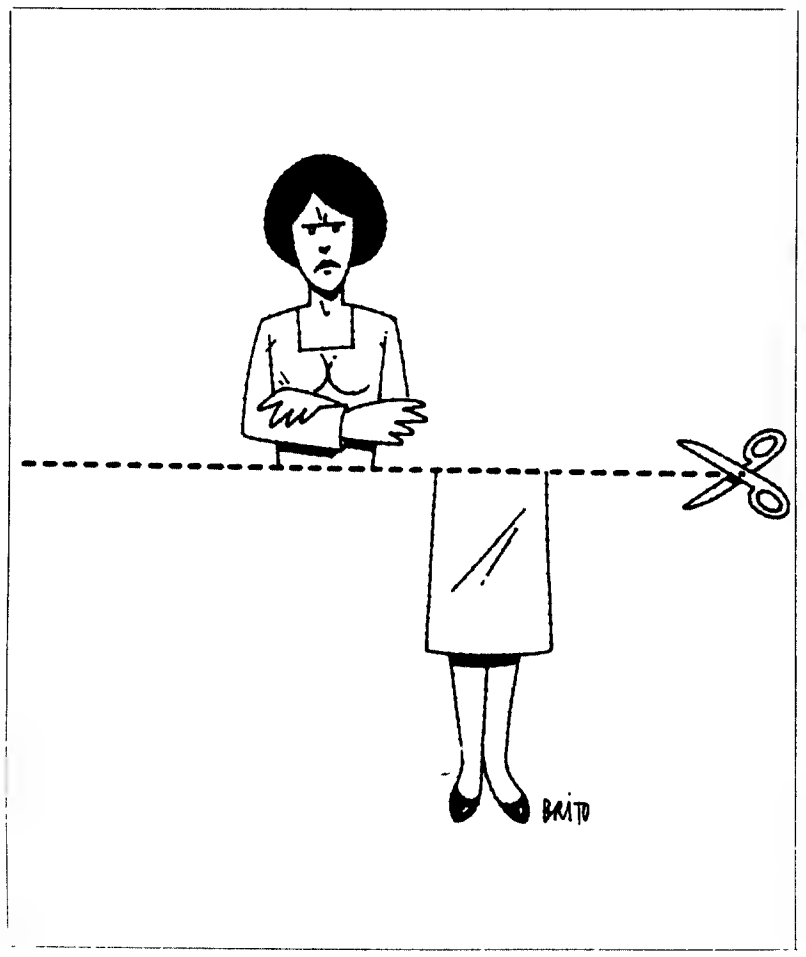
Sacos azuis

Artificial, parece também ter sido o valor das despesas na compra do petróleo apresentado no Orçamento. Segundo a Oposição, os números apresentados teriam pressuposto um barril de petróleo a custar 18 dólares, dólar cotado a 160 escudos. Apesar da última reunião da OPEP ter influenciado a subida do preço do barril para aquele valor, o certo é que não se espera que ele se mantenha nesse nível. E quanto ao dólar, segundo se escreve, as dificuldades por que passa a economia norte-americana e o défice orçamental de 170 mil dólares continuarão a obrigar o dólar a depreciar-se ainda mais, facto que nem o abafamento do caso «Irangate» com a queda do presidente Reagan fará subir um pouco a cotação daquela moeda.

Subavaliadas parecem também estar os montantes previstos para o consumo de combustíveis apresentados como inferiores ao ano passado. Tudo somado, o Governo poderia dispôr no decurso deste ano de umas dezenas de milhões de contos sem contrapartida nas despesas, melhor dizendo, livremente utilizáveis sabe Deus onde, principalmente no ano difícil que agora se começa a travessar.

Já nos finais do ano passado, o Governo se viu sob o fogo cerrado da AR quando aquele orgão de soberania exigiu do Executivo relutante as contas do ex-Fundo de Abastecimento, sobre as quais divergiam as opiniões num total de 20 milhões de contos de exercícios dentes.

João Almeida



Monstros IV

Chaké Matossian

O homem espantado, o cego e o filósofo

NA relação com o ver, tal como Descartes a analisa, o monstro nunca é o objecto visto, mas sim o espectador, que, em vez de conceber coisas extraordinárias (o que lhe permitiria relativizar o objecto presente), se deixa fascinar pelo que vê, ficando sob o império da paixão em vez de se distanciar pela reflexão.

Dois tipos de espectadores reagem de maneira desumana (na medida em que não pensam): o *espantado*, petrificado, imobilizado como uma estátua (que portanto não pode ver senão uma face do objecto) e o *curioso*.

Este, como o espantado e ao contrário do filósofo e do pintor, que *escolhem* não mostrar senão uma fase do objecto e que deram a volta, aplicando as leis da perspectiva, «põe a sua atenção na primeira imagem dos objectos que se apresentam, sem deles adquirir outro conhecimento» (1). Apenas a novidade atrai o curioso, que passa futilmente de um objecto para outro, sem poder distinguir os objectos dignos de interesse das coisas sem nenhuma importância.

Assim, o curioso define-se como um eterno doente, visto que consegue admirar os menores objectos que se apresentam sem interrupção aos seus olhos, a seus olhos que não o são porque a curiosidade é o inverso da visão, é mesmo a sua negação, surgindo como uma espécie de cegueira: «E é isso que faz durar a doença daqueles que são cegamente curiosos, quer dizer, que procuram as raridades apenas para as admirar e não para as conhecer» (2).

Se *ver* sem *conceber* significa *não ver*, é preciso sublinhar desde já que o curioso, na sua cegueira, se situa no pólo oposto ao personagem do cego que, na *Dióptrica*, permite a Descartes explicar o processo da visão. O curioso contenta-se com a primeira imagem, como o espantado com a primeira face de um objecto, e é neste sentido que ele manifesta a sua incompreensão da visão.

Com efeito, Descartes devolve o homem que vê a sua humanidade através da associação da imagem ao signo. A alma, para sentir, não precisa de «contemplar algumas imagens enviadas pelos objectos até ao cérebro»; ou, se quisermos manter o termo *imagem*, é necessário apreender-lhe a «natureza», quer dizer, incluídas na categoria dos signos: «temos de considerar que há várias outras coisas, para além das imagens, que podem excitar o nosso pensamento; por exemplo, os signos e as palavras, que em nada se parecem com as coisas que significam» (3).

Como o signo, as imagens justas diferenciam-se do seu objecto: «basta que haja semelhança em pouca coisa, e, muitas vezes mesmo, que a sua perfeição dependa do que não se lhes parece tanto quanto poderia».

Representação de um leão marinho coberto de escamas

Importa que nos refiramos às regras da perspectiva para compreendermos como a deformação (representar um círculo por uma oval, um quadrado por um losango) é subjacente à perfeição de imagem: «de modo que amiúde, para serem mais perfeitas em qualidade de imagem, e representarem melhor um objecto, devem não se parecer com ele».

Não é o problema da semelhança das imagens que interessa, e sim o de «saber como podem elas dar à alma meios para sentir todas as diversas qualidades dos objectos aos quais se referem», à maneira como, no cego, os movimentos efectuados com a ajuda de uma bengala sobre os objectos têm efeito sobre os nervos da mão «e depois sobre os lugares do cérebro de onde vêm esses nervos». O cego da *Dióptrica, como o verdadeiro filósofo, demonstra a sua humanidade pelo uso que faz dos signos, que se trate de visão ou da palavra.*

O ser pensante faz uso do signo e apenas esse uso prova a existência do seu pensamento. Sem o signo, o homem não seria senão uma máquina, autómato ou animal. Poderíamos confundir as máquinas que imitam os animais com esses animais, mas as que imitam os homens não poderiam enganar-nos porque «não poderiam usar de palavra, nem de outros signos, como fazemos para declarar a outrem os nossos pensamentos» (4).

O espantado e o curioso, fixados numa face ou numa primeira imagem do objecto, participam do mundo passional da animalidade.

Compreende-se o nojo de Descartes ao tornar-se, ele próprio, objecto de curiosidade aquando da sua última viagem a França, viagem inútil em que nada do que lhe foi prometido lhe foi dado, e em que o seu próprio ser se transformou em objecto de curiosidade, forçando-o a integrar-se no mundo através de uma relação animal:

«O que mais me enojou foi que nenhum deles quis conhecer de mim outra coisa do que o rosto, de modo que me parece que me queriam em França somente como um elefante ou como uma pantera, por causa da raridade, e de modo algum para ser útil a alguma coisa» (5). Os curiosos não vêem senão o rosto e nunca o pensamento, por isso rebaixam a filosofia ao nível dos bichos.

Notas

1) Descartes, Les passions de l'Ame, **art. 78**

2) Ibid.

3) Descartes, La Dioptrique, **Paris, Garnier, 1963.**

4) Descartes, kDiscurso do Método, **5.ª parte, ver também** Lettre au Marquis de Newcastle, **23 de Novembro de 1646**

5) Lettre à Chanut, 31 de Março de 1649.

REPETIÇÕES

Em poder da Jihad Islâmica desde Maio de 1985

Jean Paul Kauffmann é um jornalista francês de 44 anos de idade, que foi raptado em Beirute, pela Jidah Islâmica, em 22 de Maio de 85. Desde então permanece no cativeiro, em local desconhecido, e o seu único contacto com o mundo exterior tem sido a cassette gravada com a sua imagem e a sua voz, que os seus raptores enviaram já por três vezes à mulher, Joelle. A Jidah Islâmica pretende a libertação de 17 presos no Koweit, país que mantém estreitas relações com a França.

Joelle tem-se desmultiplicado em iniciativas para salvar a vida do seu marido. Já foi recebida por Mitterrand e Chirac, por representantes da Síria e do Irão, pela Cruz Vermelha e pelo Parlamento Europeu. Desencadeou, em França, um impressionante movimento de solidariedade com Jean Paul Kauffmann – crianças das escolas têm feito desenhos em apoio do seu marido, escritores têm escrito textos curtos que são passados na rádio, Theodorakis deu um concerto que dedicou a Kauffmann e Michel Seurat, um sociólogo francês raptado na mesma altura e que já foi executado no passado dia 5 de Março.

Incansável e de uma dignidade que emociona, Joelle esteve em fins de Outubro em Sófia, onde, no X Congresso da Organização Internacional de Jornalistas, relatou a situação de Jean Paul Kauffmann.

Numa das sessões plenárias subiu à tribuna e, perante o silêncio arrepiante de todos nós, falou. Controlando a emoção que lhe embargava a voz pediu a ajuda e a solidariedade de todos os camaradas de profissão de seu marido que estavam ali à sua frente, vindos de 107 países. Desiludida com o comportamento dos mais altos dirigentes de França (**«Fui sempre recebida pelo governo com boas palavras, mas quanto a actos, nada...»** – desabafou). Joelle lembrou a quem escutava que a esperança residia agora, apenas, «nos colegas jornalistas». Na opinião pública. E sublinhou as lancinantes palavras de Jean Paul Kauffmann na última cassette que lhe chegara às mãos: **«O silêncio é a morte. O esquecimento, o fim».**

Apelo impressionante

No final da sessão plenária, no átrio, foi passada a terceira cassette com o rosto e a voz de Kauffmann. O mínimo que se pode dizer é que se trata de um documento arrepiante e de uma dignidade sem limites. E talvez por isso a televisão francesa não o tenha passado, apsar das numerosas tentativas feitas nesse sentido. O povo francês poderia mostrar-se demasiado sensível...

Pálido, magro, cansado, mas lúcido, Jean Paul Kauffmann regista com amargura que o seu pedido de ajuda não tinha sido escutado pelos dirigentes do seu país.

Falando sempre no plural (ao que parece Kauffmann não sabe ainda que o seu colega sociólogo francês foi já executado), lembra, com angústia, que aqueles que os podem salvar nada fazem, e apenas falam de princípios, dos superiores interesses que estão em jogo. E conclui com algum sarcasmo: «Claro, nós não somos interesses superiores: é preciso dizer que a política que a França conduz na região (Médio Oriente) não favorece em nada uma solução para o nosso problema».

Jean Paul Kauffmann sublinha depois que os franceses devem saber que os seus raptores não consideram a França nem o seu povo como inimigos, pois, tanto quanto dizem, os seus adversários são os Estados Unidos da América e Israel. Porém, com a política francesa tão hostil aos muçulmanos, todos os franceses no Médio Oriente estarão em perigo de morte...

Nesse seu dramático documento, no qual nem por uma única vez fez qualquer concessão àqueles que o raptaram, Kauffmann, sóbrio e digno, apela por mais de uma vez aos seus colegas jornalistas para que não deixem morrer, na opinião pública, «o nosso caso». É preciso, diz, que se interpele o governo, que se saiba o que estão a fazer os responsáveis e que ninguém se deixe convencer por hipotéticos argumentos de que o barulho que se fizer à volta da sua situação pode prejudicar a libertação. «O silêncio será a nossa morte. O esquecimento será o fim» – declara então.

Kauffmann, na «extrema solidão», em que se encontra, sem saber nada da sua família, sente que a sua capacidade de resistência enfraquece. Dirigindo-se, comovido, à sua mulher, pede-lhe coragem, mas nada lhe oculta. Pela primeira vez fala da morte que, sente, está próxima.

Admite que não mais a verá e diz que a última notícia que teve da família foi a mensagem que recebeu no Natal. Confessa que sente medo pelos dois filhos (Gregório e Alexandra, de 13 e 11 anos), mas adianta que Joelle «tem que ser forte e terna neste momento», sobretudo para que eles «possam viver sem ódio e sem sentimentos de culpa». E termina, depois de referir as imagens boas que lhe ocupam a memória no seu cativeiro, dizendo que «cada dia que passa peço a Deus por vós três».

Em muitos dos jornalistas que, vindos de todos os cantos do mundo, assistiram a estas imagens dolorosas, havia lágrimas teimosas nos olhos brilhantes. Um camarada de profissão – é certo que um entre tantos – está detido há mais de 500 dias, pagando pelo único crime de ser francês e jornalista. Aquela «cassete» falava de Kauffmann, é certo, mas também e sobretudo dos riscos que correm todos os que escolheram esta apaixonante profissão e a exercem com dignidade.

Como Joelle e Kauffmann pediram, aqui está o meu testemunho solidário e uma sugestão: porque não escrevermos, todos os que se sentem de algum modo tocados por este testemunho impressionante, porque não escrevermos, todos, dizia, para a Embaixada francesa em Lisboa?

Ribeiro Cardoso

«A porta aberta» (the open door), 1 de Março de 1843, por William Henry Fox Talbot

Fotografia 2 — Figuras do Espanto

De uma certa ingenuidade do olhar

RUDOLF ARNHEIM, num texto publicado em 1981 por uma revista italiana, referia-se nestes termos à «peculiaridade fundamental do medium fotográfico: os próprios objectos físicos imprimem a sua imagem por meio da acção óptica e química da luz» (1). Tal afirmação, da qual não pretendemos contestar o carácter extremamente óbvio, tende a assumir hoje foros de banalidade. Dizer que ela é banal, no entanto, não significa declará-la falsa: visar-se-ia aqui outra coisa que não a sua falsidade, a saber, que pelo facto mesmo de parecer tão óbvia ela se afigura insuficientemente crítica e, logo, como inutilizável para um pensamento do fotográfico.

É próprio deste século que se encaminha para deixar de ser nosso o comprazer-se em passar atestados de incompetência ou de ingenuidade teóricas aos que vieram antes de nós sem que se tenha, as mais das vezes, a preocupação de reaver desses ditos os pensamentos. Esses atestados — ou atentados — visam antes do mais aparecer como a condição implícita da maturidade daquilo que, hoje, é possível dizer. Assim, é com grande número de discursos intelectualizantes sobre a fotografia condenados, para saírem do «bavardage», a reduzirem a conversa fiada os ditos dos outros, obrigados, para não serem eles mesmos tidos como ingénuos, a reduzirem à ingenuidade o pensar dos outros. Conversa fiada ingénua onde uma erudição que se recusa a um pensamento descomplexado do dispositivo fotográfico mergulha, de quando em quando, para recuperar algumas pérolas de cultura.

Fechamento redutor do discurso sobre o fotográfico que é particularmente sensível nos escritos de um Philippe Dubois que, numa operação que não poderíamos classificar senão como terraplanagem teórica, pretende fazer-nos aceitar o carácter primário dos discursos novecentistas sobre a fotografia, reduzidos por si à ingenuidade de um discurso da mimésis fotográfica. Segundo ele a fotografia, então entendida como espelho do real, veria «o seu efeito de realidade... primeiramente... atribuído à semelhança entre a foto e o seu referente. A fotografia, no início, não é percebida pelo *olho ingénuo* senão como um analogon objectivo do real... trata-se aqui do discurso primeiro (e primário) sobre a fotografia» (2).

O que pode estar em jogo nestas duras palavras? Em primeiro lugar, sublinhar a não ingenuidade daquele que as profere e, no mesmo movimento, colocar o seu saber mais um degrau acima de qualquer suspeita... Mas, também e sobretudo, ocultar algo para deixar intacto o território ao qual hoje, pensando, se pretende chamar seu. Conquistar, no discurso e para o seu próprio discurso, uma especificidade que se quer diferença. Diferença esta que nem o discurso da mimésis fotográfica nem a subsequente desconstrução desconfiada das suas manipulações teriam sabido assumir, reclamar para si: a de constituir a fotografia, no seu estatuto indicial, como a marca que atesta a com-parência à emulsão sensível de um referente do qual ela decorre casualmente enquanto emanação física fixada por processos químicos. Facto este apresentado aqui como essencial, confirmando ele mesmo o primado da referência como ordem fundadora da fotografia, independentemente dos aleas dos reenvios miméticos, apesar das tropelias dos/com os códigos. Talvez se compreenda ainda melhor o que está aqui em jogo, nesta autêntica profissão de fé da mais recente crítica fotográfica, se se entender que a «conjuntura referencialista» que marcou os inícios dos anos oitenta tende, nas suas expressões mais radicais, a colocar a recusa da mimésis como *destino específico* das práticas fotográficas que se pretendem estéticas. Se nos demarcarmos energicamente deste ponto de vista é porque pensamos que este projecto, a ser seguido, rapidamente cairia na limitação de um formalismo negativo ainda mais insustentável do que uma pretensa «servidão das semelhanças». Tais «preceitos» críticos podem talvez, na sua negação da semelhança na fotografia, enformar um projecto histórico na estética fotográfica. Duas coisas, no entanto, não devem deixar de ser ditas: uma, é que essa queda para a não figuração é ela mesma complexada por uma referência nostálgica à pintura, que precisamente a fotografia empurrou para o abstracto, a tal ponto que este projecto pode bem vir a constituir um pictorialismo às avessas: outra, que essa delimitação ascética dos horizontes da estética fotográfica estaria muito longe de deixar o espaço que exige uma autêntica *experiência dos limites da fotografia*.

Não que sejamos «ecologistas da fotografia», apregoando o nosso apego ao fotógrafo-artesão, ao «faz-tudo da fotografia», mas o século XIX interessa-nos pelas ricas declarações que então se produziram sobre a fotografia, ricas de um espanto ainda não domado pela cultura, naquele tempo em que a fotografia ainda não tinha levado à instituição do fotográfico. Nesses tempos, ênfase dada à mimésis fotográfica é falseada se reduzirmos a uma submissão cega às categorias estéticas que delimitavam os usos veristas da pintura e do desenho: é que, devido à precariedade dos meios instrumentais, devido ao carácter rudimentar do dispositivo fotográfico, cada fotografia era então um combate pela restituição mecânica de uma aparência, luta afanosa com o tempo e o clima e, no retrato, com a própria Humanidade movente do modelo.

Na realidade, independentemente desta *conquista dos aspectos*, as figuras novecentistas do espanto estiveram longe de se cingirem à constatação exagerada da capacidade mimética do novo medium. Afirmá-lo, é precisamente passar ao lado de algumas das mais belas que então se produziram. É verdade que se falava em desenho, e que se sublinhava enfaticamente a *estranha exactidão* desse desenho, mas é preciso pensar que tudo isso participava nesse tempo do «nunca visto». Porém, o que por agora nos interessa é que esse desenho era referido *à magia natural* de uma imagem que se fazia sozinha ou, como em 39 o dizia William-Henry Fox Talbot em termos não muito distantes dos utilizados por Arnheim cento e quarenta anos depois, ao «processo pelo qual os objectos podem ser levados a delinearem-se a si mesmos sem a ajuda do lápis do artista» (3). Do mesmo modo que aquilo que está implícito na mimésis fotográfica, no século XIX, exige de nós o salto que permite tornar esse implícito pensável, também aquilo que hoje é para nós banal era, então, espantoso...

Pedro Miguel Frade

Notas

(1) Rudolf Arnheim, On the nature of Photography, in **Rivista di Storia e Critica della Fotografia,** Fevereiro 1981 (Ano II/n.º 2), Ivrea, Italia, p. 12.

(2) Philippe Dubois, **L'Acte Photographique,** Labor, Bruxelas 1982 pp. 20-21.

(3) Título do «paper» que Fox Talbot apresentou em 31 de Janeiro de 1839 à Royal Society de Londres, em que dava conta das suas pesquisas concernentes ao **desenho fotogénico.**

Na quinta-feira

Ler e Escrever

Depois da Etiópia, Moçambique?

Joaquim Chissano

- A guerra já terá feito 300.000 vítimas e um número igual de refugiados
- 50 por cento das crianças morrem antes de atingirem os cinco anos de idade
- 40 por cento da população não dispõe de meios suficientes para se alimentar
- A ajuda exterior chega dificilmente ao destino devido ao bloqueamento dos transportes

O drama de Moçambique pode resumir-se em alguns números: 40 por cento da população não dispõe de meios suficientespara se alimentar; 50 por cento das crianças morrem antes de atingirem os 5 anos; 1 300 000 moçambicanos foram expulsos dos seus lugares de residência, 300.000 dos quais para fora do país, por uma guerra que já fez 300.000 vítimas. Os quatro anos de seca foram seguidos pelas inundações de Fevereiro de 1985. Uma descrição que ilustra a imensidade das necessidades deste país, cujas desgraças são geralmente pouco conhecidas.

Depois da Etiópia, Moçambique?

E este o sentimento de um responsável da UNICEF, para o qual Moçambique é o país cujas deficiências alimentares são mais importantes, em todo o continente africano. O novo presidente da República, Joaquim Chissano, admite que a fome se generalizou, e as autoridades reconhecem que os meses que se aproximam vão ser meses difíceis.

A UNICEF calculou que 60 por cento das necessidades alimentares dos 5,5 milhões de habitantes vítimas de subnutrição poderão ser satisfeitas. Não parece necessário lançar uma nova campanha, porque numerosas organizações humanitárias estão já implantadas no terreno. A ajuda chega, portanto, tendo à cabeça a americana (178 000 toneladas de alimentos entregues até agora). Mas esta ajuda chega com dificuldade aos seus destinos, devido à paralisia de transportes provocada pela guerra.

Este conflito esquecido, que corrói o país desde 1975, ano da sua independência, está a entrar actualmente numa fase decisiva.

As tropas regulares passaram à contra-ofensiva no Norte para empurrarem, de preferência para fora das fronteiras, os rebeldes da Resistência Nacional Moçambicana que invadiram o território no fim de Setembro, em proveniência do Malawi. Nenhuma informação é filtrada sobre a importância dos combates, que se desenvolvem essencialmente na província mais rica do país, a província do Zambeze. A saída desta batalha arrisca-se a pesar forte no futuro do regime. Se o adversário não for desalojado, a RNM poderá pretender controlar uma parte do território e criar um governo provisório, intenção que já lhe é atribuída.

O presidente Chissano, para tentar fazer a balança inclinar-se a seu favor, foi reclamar, no início de Dezembro, a ajuda do presidente tanzaniano Ali Hassan Mwinly. Este último prometeu pôr à sua disposição um contingente militar, o que consagraria a internacionalização do conflito moçambicano. Há já oito mil soldados do Zimbabwe no terreno, e indica-se de boa fonte, que esse contingente acaba de ser reforçado.

O corredor da Beira

Pouco a pouco, o que originalmente não passava de acções de guerrilha transforma-se numa guerra regional. Moçambique tornou-se no abcesso que fixa as tensões austrais, porque o país ilustra para os Estados vizinhos, o exemplo da desestabilização conduzida por Pretória, que é acusada de apoiar activamente a RNM.

Moçambique constitui igualmente, para os seus vizinhos, uma saída natural para o mar, quer dizer, um modo de reduzirem a sua dependência em relação à África do Sul. O que está em questão é portanto importante, porque o «reforço» do corredor da Beira privaria o governo de Botha de um meio de pressão significativo.

Em, a longo prazo, a dimensão verdadeira desta batalha, vital para o presidente Chissano. A sobrevivência da FRELIMO depende igualmente dela. Daí esse pedido de ajuda em todas as direcções, cujo objectivo é, não apenas alcançar a vitória militar, mas igualmente voltar a pôr de pé uma economia em ruínas. Neste domínio as prioridades são restabelecer e melhorar as vias de comunicação e aumentar a capacidade dos portos.

Há trabalhos em curso no Norte, no porto de Nacala, e foi adpotado um projecto de 185 milhões de dólares para a reabilitação do corredor da Beira. Este «cordão umbilical» de 300 quilómetros liga Mutare, no Zimbabwe, ao porto moçambicano da Beira, e inclui uma via férrea, uma estrada e um pipe-line. O exército do Zimbabwe tenta protegê-lo das sabotagens da RNM. A comunidade europeia tomou a seu cargo a reconstrução do porto, por um preço avaliado em 40 milhões de dólares. A primeira fase desse trabalho poderia estar terminada em Março de 1987, e faria passar a capacidade portuária da Beira para 2 milhões de toneladas. A segunda fase, prevista para durar 3 anos, deveria permitir atingir 3,5 milhões de toneladas, dando assim à Zâmbia e ao Zimbabwe a possibilidade de fazer transitar por ali uma boa parte do seu comércio exterior.

Mas trata-se de um empreendimento recheado de dificuldades, como anota um diplomata: «Como imaginar que a RNM e a África do Sul permitirão aos países da Linha da Frente escaparam através do corredor da Beira?»

O porto é a segunda cidade moçambicana — cidade sinistrada desde Agosto passado. Privada de água e de electricidade, vive com a maior das lentidões, invadida por refugiados. A sua população terá passado de 200.000 para 300.000 habitantes.

Crianças famintas

À noite, é pouco aconselhável tomar qualquer estrada. Em Maputo, a capital, acontece ouvirem-se tiros nos arredores. A maior parte do país está desorganizada, e o sistema escolar deixou de poder funcionar normalmente. Quinhentas escolas foram destruídas e 300.000 crianças já não estão escolarizadas (73 por cento da população adulta é analfabeta).

Os programas de vacinação não podem ser realizados. Segundo o Ministério do Comércio, entre 15 a 25 por cento das crianças, em seis das dez províncias, são vítimas de atrasos de crescimento devido à mánutrição. A gigantesca central eléctrica de Cahora-Bassa, no Zambeze, funciona a um por cento da sua capacidade! O tráfego de mercadorias, no porto de Maputo, passou de 6,8 milhões de toneladas em 1973 para 0,9 milhões de toneladas em 1985.

Moçambique asfixia sob a tripla conjunção das calamidades naturais, da guerra e dos erros do regime marxista-leninista, como o presidente Chissano reconhece, nos seguintes termos «É fazendo coisas que se aprende a fazê-las...»

Primeiro objectivo: garantir a segurança no país, sem a qual nenhum progresso económico é possível. O primeiro-ministro, Mário Machungo, reconhece que 50 por cento do Orçamento do Estado são consagrados à luta contra a RNM. Medidas de austeridade serão adoptadas muito proximamente para desenvolver o esforço de guerra. «Sacrifícios patrióticos» estes, sobre os quais se pergunta como vai o povo moçambicano poder suportá-los.

O sector público poderia ser reduzido, o dinheiro desvalorizado e o sector privado encorajado. Um programa económico está a ser elaborado pelo Fundo Monetário Internacional. A desvalorização do metical, moeda nacional, é considerada inevitável. A paridade oficial está excessivamente longe da realidade: 40 meticais por um dólar, enquanto no mercado negro o dólar sobe para 1.200 ou 1.300 meticais...

A tarefa do presidente Chissano, neste país onde a auto-suficiência alimentar é largamente possível, é imensa. A fome continua a ser a principal preocupação, depois da guerra, apesar de não haver fotografias de crianças moçambicanas esfomeadas espalhadas pelos jornais de todo o mundo.

As que nos mostram representam camponeses vestidos de sacos de cereais fornecidos pela ajuda internacional, refugiados cujos narizes e orelhas foram cortados pelos rebeldes da RNM...

Michel Bole-Richard

enviado especial de «Le Monde»

Cabora Bassa funciona a 1 por cento da sua capacidade

Reféns libertados pela RENAMO (RNM) — uma guerra «regional»

Agenda de um teatreiro em Paris

Entre Vitez e Deschamps, os caminhos que o teatro percorre

Antoine Vitez, um dos grandes do teatro francês, é sabido, encenador, professor, director do Chaillot (duas salas), um dos mais grandiosos espaços de criação teatral de Paris, carregado com as tradições tão fortes do T.N.P. de Jean Vilar, embora alterado, ex-militante do PCF, provavelmente o único francês vivo que dirigiu um espectáculo em Moscovo (uma peça de Molière); Antoine Vitez com um texto de um dos grandes senhores da escrita dramatúrgica europeia do século XX, Paul Claudel, uma das suas raras peças conhecidas em Portugal, **L'Échange** *(«A Troca»), espectáculo do Teatro do Mundo («DL«/20-8-84). Este espectáculo surge como uma espécie de prólogo, de preparação à próxima criação de Vitez, com um outro texto de Claudel, nada mais nada menos do que* **Le Soulier de Satin,** *(que Manoel de Oliveira transformou num filme, como se sabe), cujas datas de estreia já foram anunciadas, quase a um ano de distância, respectivamente no Festival d'Avignon, em Julho, e no próprio Chaillot, em Outubro.*

Deschamps, Jérôme, nome menos conhecido, ao menos fora de França, dramaturgo, encenador, actor, personalidade que se coloca numa certa marginalidade, embora participe com os seus espectáculos em grandes festivais, como o de Avinhão ou este de Outono, em Paris. Vimos há anos um espectáculo dele, **En Avant,** *precisamente num Festival d'Automne — foi amor à primeira vista.*

Dois criadores, duas maneiras de fazer teatro.

06.11.86 Se nos fosse colocada a questão elementar de ser, ou não ser, **L'Échange** um grande espectáculo — a resposta não poderia deixar de ser afirmativa. A grandeza do espaço e a beleza do cenário, a qualidade, apetece dizer, insuperável, da iluminação, o trabalho parcial dos intérpretes — tudo isto não podia deixar de constituir, para um espectador português habituado a medidas mais modestas, um prazer de excepção.

«A Troca» — França e Portugal

Mas... claro, mas... De facto, esperávamos mais deste espectáculo talvez porque, conhecendo o texto preferíssemos uma leitura menos grandiloquente, menos exuberante e, porque não dizê-lo, menos exibicionista. É talvez uma heresia, mas aí vai: apreciámos mais, sentimos mais fortes emoções com o espectáculo do Teatro do Mundo, encenado por Jean Pierre Tailhade no belo e íntimo espaço da Igreja N.ª Sr.ª da Conceição dos Cardais. Até porque não encontrámos quem conseguisse atingir o trabalho sublime de Manuela de Freitas na interpretação de Lechy Elbernon, a actriz inventada por Claudel, isto apesar dos nomes sonantes dos intérpretes dirigidos por Vitez.

Portanto, noite de estreia no Chaillot, noite grande para o chamado «tout-Paris». Experiência que não recomendamos a corações fracos. Apesar da vastidão do espaço de «foyer», das escadarias, etc., do Chaillot, centenas (ou milhares?) de pessoas acumulavam-se para obter o papelinho mágico. Como tínhamos conseguido convites, lá me dirigi o «contrôle» onde senhoras e senhores (chiquérrimos, como se calcula) se acotovelavam, sem qualquer respeito pela respectiva ordem. Quando chegou a minha vez, um balde de água fria: não era naquele «contrôle», mas no da Imprensa! Estes franceses com a mania dos «contrôles»... Lá fomos para o outro lado: repetição da cena. Nunca pensei que houvesse tantos críticos e jornalistas em Paris, aliás, na sua grande maioria do sexo feminino!

Com os papelinhos na mão, lá fomos à procura dos lugares, o que no Chaillot é coisa relativamente complicada. Entretanto, procurávamos um crítico e ensaísta francês, Georges Banu, que não conhecíamos pessoalmente, colaborador da companhia do Chaillot (é chefe da redacção da revista «L'Art du Théâtre»), mas no meio daquela confusão, e apesar do apoio de Alain Combrecque, actual director do Festival d'Avignon, não consegui ir nesse dia à fala com Banu. Para não saírmos desta zona social, citemos alguns nomes que ilustravam a «soirée» (não era assim que se dizia?), entre eles Bernard Dort, entusiasmado, Delphine Seig (aquele sorriso!), e, gordíssima, a bergmaniana Liv Ullman, que Antoine Vitez foi especialmente cumprimentar.

Houve também o espectáculo, claro. Ilumina-se o palco, que parece não acabar, e começa por ser o deslumbramento. O espaço representa uma praia, com o chão levantando-se, ao fundo, como uma pista de ciclismo. Ao centro, uma árvore espantosamente natural e espantosamente teatral. Ao longo do espectáculo, o espaço vai-se modificando graças às subtilíssimas gradações de luz, de cores quase imperceptíveis exprimindo as evoluções não só do tempo expetior (a acção da peça dura um dia) como do tempo interior. A árvore serve de esconderijo, de refúgio, duas personagens sobem por ela, apoiam-se nela, símbolo da vida.

Claudel escreveu uma primeira versão de *L'Échange* em Nova Iorque, em 1593/94, tinha 25 anos. A estreia desta versão realizou-se em Janeiro de 1914 no Vieux-Colombier numa encenação de Jacques Capeau; três anos depois foi Georges Pitoëff que a encenou em Genebra, fazendo uma nova encenação já em Paris, em 1937. Em 1951, Claudel apresentou uma segunda versão da obra que foi encenada por Jean-Louis Barrault; em 1960, Hubert Gignoux retomou a primeira versão, na Comédie de L'Est, e em 1976, Anne Delbée, no Théâtre de la Ville, encenou uma nova versão em que misturar a primeira e a segunda versões do original, apresentada posteriormente pela Comédie de Saint-Étienne.

Na sua bem documentada crítica («Le Monde«/9-11-86), Michel Cournot manifesta a opinião de que a segunda versão da peça de Claudel foi muito influenciada pelo violento caso de amor que o escritor vivera com uma mulher casada que, dele, teve um filho, embora já separada. Para aquele crítico, quando, ainda jovem, Claudel escreveu pela primeira vez *L'Échange*, praticamente não conhecia as mulheres, o que o teria levado a falsear a concepção das personagens femininas; já a segunda versão reflecte a experiência dramática do escritor não só no amor como no conhecimento das actrizes que trabalharam nas suas peças. Desse modo, ao escolher apresentar a primeira versão, Vitez teria optado por um texto mais esquemático, talvez teatralmente menos interessante, o que teria prejudicado o espectáculo.

Permito-me transcrever parte do que escrevi sobre a peça quando do espectáculo do Teatro do Mundo.

A Troca é uma peça sobre o amor mas é também uma peça sobre o teatro. E ainda sobre a mercadoria. Luís Laine é um jovem americano de ascendência índia que raptou Marta, camponesa francesa, que com ele foi para os Estados Unidos. Aí conhecem um outro casal, Tomás Pollock Nageoire e Mechy Elbernon, um negociante rico e uma actriz. Para o milionário, a troca consiste em comprar Marta que o fascina pelas suas qualidades, subornando para isso o marido. Entretanto, a actriz e Luís apaixonam-se e Lechy quer passar a viver com ele. Como Luís prefere partir com o dinheiro, Lechy previne Marta estar na disposição de o matar. O que faz além de lançar fogo à casa onde Tomás tinha todo o seu dinheiro.

Palavras de Jerôme Deschamps

Jerôme Deschamps, autor, encenador, intérprete num espectáculo de 1981

«ACHO incrível a representação teatral. É quase anormal. É de uma beleza extraordinária sair de casa, chegar ao teatro e representar perante pessoas que não conhecemos. Não posso cansar-me desta comunhão. Não se pode acreditar que as pessoas escrevem na sua agenda: «Em tal dia, irei ver **La Veillé** (anterior espectáculo de Deschamps). Poderia dizer-me que é normal, que há dez anos que crio espectáculos, mas não. O milagre da criação teatral continua a impressionar-me (...)

«As refeições familiares pareciam-me terríveis, com coisas que me impressionavam. Em especial, a relação dos convivas com os objectos. Nesses jantares, percebia como eram compostas as relações humanas. Tudo o que se dizia me interessava. Por fim, gostava dessas refeições porque descobria momentos de que ninguém mais se apercebia. Se se quiser, posso dizer que faço teatro porque um dia tive consciência desses momentos, momentos que geralmente não interessam ao teatro. Posso dizer ainda que faço teatro porque me sinto intrigado pela comunicação entre as pessoas, que passa plenamente pelos objectos, por aquilo que elas dizem ou não (...)

«São os outros que dizem que tenho um universo. Por mim, pretendo que as coisas que são mais comoventes não passam forçosamente pelo teatro. A aposta consiste em levar tudo para o palco. Colocar bancos em cna é teatro (...)

A falta de jeito! Os objectos! Acidentes, derrocadas, choros, surpresas. A tosse, as lágrimas. Os lugares onde essas coisas decorrem... e o acordeão (...)

«Tenho um ou dois pontos de apoio. Defino os sinais. Organizo as condições para que a expressão seja possível. É depois disso que tudo acontece. Escolhemos determinadas direcções, metemos por atalhos.

«Por exemplo, se penso na música demasiado espalhafatosa da volta à França em Bicicleta, isso pode dar-me a ideia para produzir um espectáculo. Depois, milagre. Tudo o que combinei com a invenção dos actores, com uma u duas ideias, de repente articula-se! Participo numa satelização. Liberta-se uma autonomia. Surgem regras (...)

«Os objectos que utilizo parecem recuperados. Isso quer dizer que as personagens não têm meios de escolher e portanto os objectos prestam-se a outras utilizações. Levar a acreditar que um aparelho atrás de um contraplacado é um elevador, é maravilhoso. A economia de meios em relação aos efeitos produzidos encanta-me. Procuro sempre comover o público com a recordação desta ou daquela lembrança de ruído, como o leite que transborda... com nada. A falta de jeito não é escrita mas sim construída. Não há nada de mais importante do que a falta de jeito de cada um. Quando vejo, na vida, alguém desastrado, que alegria! Reproduzir alguma coisa que não é feita de propósito apaixona-me. No fim dos ensaios, os actores são bombas! (...)

«Tenho horror dos actores!!! Acho abominável alguém apresentar-se perante o público como manipulador da vida! (...) Não podemos ser marionetas. É uma imagem terrível. O que os meus actores fazem, são autênticos actores, é púdico. A sua maneira de se mostrarem ao público comove-me. Os meus actores são como pessoas? Sim, mas não vou à rua buscar uma pessoa para a pôr a representar. Não considero os actores imbecis (...)

«Habitualmente, os meus espectáculos decorrem num palco nu. Quando definimos as coisas, estamos a restringi-las. Não seria capaz de reconstruir no palco um bairro de lata para reconstituir um bairro de lata. Totalizar a imagem, não é o meu objectivo. O que é belo é o equilíbrio na sugestão. De facto não desejo que se saiba o que são os espaços dos meus espectáculos. Tenho para o equilíbrio entre o que os actores fazem, entre a música que surge e depois uma explosão, o fumo, uma coisa que cai, choros, gritos, tosse...»

(De uma entrevista publicada na revista Acte 1-n.º 2-Outubro 1985).

Entre Vitez e Deschamps

Embora pareça incrível, passa por este texto um leve vento brechtiano. «avant la lettre»: «Se tem velhos sapatos para vender, traga-mos. Tudo tem o seu preço. Não dê o que quer que seja sem recompensa. Pois tudo tem um peso e uma medida. Tudo vale X. Tudo o que pode ser possuído, pode ser cedido a um outro preço. Tantos dólares.» Esta aproximação de Brecht e Claudel não é tão fortuita como isso se tivermos em conta um ensaio de Françoise Hache («Europe«/635» em que é sugerida a hipótese de *A Troca* ter incidências marxistas ou paramarxistas, casuais ou não.»

Ora, na criação de Vitez essa relação dialéctica do texto claudeliano parece ter sido menorizada ou, pelo menos, insuficientemente sublinhada: o que de facto domina o espectáculo é, não o poder, a energia, a poética claudelianos mas a sua visualização: o espaço, a luz, a marcação engolem o texto, no entanto, dotado de tão grande força dramática. E os elementos cenográficos de que Antoine Vitez se serviu (em especial, a árvore que domina a cena, e a inesperada figura de um cavalo branco, morto, que desce lentamente da teia), esses elementos sobrepõem-se e adquirem um estatuto estetizante, um carácter quase gratuito que não é habitual em Vitez.

Mas foi do lado dos intérpretes que o espectáculo nos pareceu aquém do texto, sobretudo no que diz respeito ao trabalho de Andrzej Seweryn, actor polaco a viver em Paris, intérprete de Thomas Pollock Nageoire, personagem que surge demasiado monolítica, desprovida das tensões várias e contraditórias que a atravessam. Claude Degliame, no papel da actriz Lechy Elbernon, pareceu-me trair a própria teatralidade la personagem (ao contrário de Manuela de Freitas que fez da sua interpretação desta personagem uma criação genial), do mesmo modo que Dominique Raymond, em Marthe, com uma propositada voz nasalada incomodativa, dir-se-ia muito menos vibrátil, sensível do que Fernanda Neves. Uma personagem extremamente curiosa é Louis Laine a que Jean-Yves Dubois emprestou eficazmente o lado terra-a-terra que a define. Antoine Vitez chama a atenção, num texto de apoio, para o facto de Claude ter escrito a primeira versão da sua peça, com esta personagem, por alturas da matança dos índios em Wounded Knee, o que não deixa de ser significativo em relação à possível carga política desta peça, como assinalámos.

Neste espectáculo do Chaillot, foi o trabalho do cenógrafo Yannis Kokkos, colaborador habitual de Vitez e aliás um dos melhores cenógrafos franceses, e de Patrice Trottier, que nos disseram ser um dos melhores luminotécnicos europeus, que especialmente se distinguiram. Isto, claro, tendo em consideração o facto de que um texto como este de Claudel e o trabalho de um encenador como Antoine Vitez se colocam a um nível de indiscutível grandeza.

Valerá a pena assinalar o programa para esta temporada do Chaillot, excluindo os espectáculos do Festival d'Automne e de outras áreas de criação. Depois de **L'Echange** seguir-se-ão **Le Mariage de Figaro,** de Beaumarchais, encenação de Jean-Pierre Vincent (5-2/4-4 1987); **Titus Andronicus,** de Shakespeare, encenação de Michel Dubois (14-30/5); **La Clé,** Labiche, encenação de Jacques Lassalle (25-9/18-10); **Le Cyclope,** de Eurípedes, encenação de Bernard Sobel (27-11/17-12); **Les Désossés,** de Louis-Charles Sirjacq, encenação de Sophie Loucachevsky (22-1/14-1); **L'Ecole des Femmes,** encenação de Pierre Debauche (15-3/4-4); **Capitaine Bada,** de Jean Vauthier, encenação de Marcel Maréchal (14-5/5-6). Alguns destes espectáculos são apresentados por outras companhias, em especial da província.

Christinne Pignet, a antivedeta

Uma outra espécie de grandeza

07.11.86

Passar do Chaillot ao Thâtre des Bouffes du Nord é quase mudar de planeta. Até pelos locais em que estão situados: o primeiro numa zona monumental e turística por excelência, o segundo numa zona pobre, de grande emigração, pouco interessante para os turistas. Além disso, a sala imensa do Trocadéro, equipada com a técnica mais sofisticada, não tem nada a ver com a pequena sala de um velho teatro em degradação que Petro Brook, há anos, transformou, sem lhe mexer a não ser no indispensável (o palco desapareceu, por exemplo), num dos mais admiráveis espaços de criação de Paris.

Foi aí que Jérôme Deschamps apresentou o seu novo espectáculo, integrado no Festival d'Automne e que se estreara no Féstival d'Avignon. **Les Petits Pas** é o seu título, título que uma primeira cena, que funciona como prólogo, explica: um negro, que se integrou na equipa de Deschamps quando duma viagem do grupo por Africa, percorre várias vezes o palco numa espécie de dança em passos miúdos, abrindo caminho a uma série de cenas marcadas por um burlesco estupendo e original.

Deschamps sinaliza, em França, aquilo a que poderemos chamar a **diferença** (não só ele, claro). Como definir essa diferença? Talvez o mais evidente seja o seu relacionamento com os actores, a começar pela escolha destes. Neste espectáculo, Deschamps não actuava, no entanto, funcionava como se estivesse presente.

Há em **Les Petits Pas** dois espectáculos que surgem, ao mesmo tempo, separados e unidos numa mesma proposta de teatro cómico.

O palco está vazio. Grades com garrafas rodeiam um velho armário. Uma cadeira; barras de madeira; um velho banco; uma gaiola pequena sobre uma tábua em equilíbrio. Tudo isto encostado à parede. Dois velhos conversam ao som de um acordeão.

Num primeiro plano; assitimos ao que parece ser a festa de uma associação recreativa suburbana com velhos cantores e daçarinos, velhas actrizes e cantoras a apresentar os seus números que o público recebe como se fosse o próprio público da sala de festas. Num segundo plano; e num tom totalmente diferente, assistimos às aventuras ruidosas de um espantoso casal (talvez uma porteira e o marido) que surgem em palco como que metidos numa envolvência de ruídos que eles próprios provocam ou de que são vítimas e que por vezes se tornam quase insuportáveis. Um cão que ladra, garrafas que se partem, volumes que são arrastados, berros, etc., tudo isto funciona como contraponto á outra cena.

Um movimento que pontua esta sequência do espectáculo e a caracteriza é o seguinte: a mulher ou o homem passam junto de uma grade de garrafas vazias, agarra uma e atira-a contra a parede. A repetição do gesto, torna-se numa quase obsessão que adquire um carácter inquietante, para além do burlesco que o marca. No final, todo o cenário — o velho armário, as grades das garrafas, as cadeiras caem por um alçapão que se abre no meio de um barulho pavoroso. Há nesta parte do espectáculo de Deschamps sinais do cinema burlesco norte-americano, incluindo naturalmente Jerry Lewis (a preparação de um bolo de aniversário e a sua destruição são bem cinematográficas). As relações entre os dois «espectáculos» surgem espontaneamente quando um dos músicos, incomodado com o barulho, resolve chamar a Polícia o que provoca uma cena de grande hilariedade (o polícia fechado no armário com a imensa mulher sempre muito séria, como aliás o marido; a fingir que não sabe o que se passa é absolutamente impagável). Mas essas relações estreitam-se mais quando as personagens «populares» confraternizam com os artistas de «music-hall».

O que há de surpreendente neste espectáculo é o que tem de aparentemente caricatural sob o ponto de vista de criação artística. Se os artistas idosos comovem mais pelas suas debilidades do que pelas suas capacidades artísticas, os intérpretes das outras personagens não têm nada a ver com a imagem tradicional do artista de teatro. Jérôme Deschamps jogou neste espectáculo um jogo perigoso, o de optar por artistas que parecem não-profissionais, alguns velhos reformados, e que representam (cantam e dançam) à beira da pura caricatura, da pura paródia. Um deles foi duplo do conhecido cantor Luís Mariano, outro foi contabilista nas Folies Bergère, duas são antigas artistas de variedades.

No entanto; o espectáculo manteve-se sempre nessa zona arriscada mas não caiu nunca, nunca fazia rir a não ser pelo que tinha de cómico, pelos espantosos «gags» inventados por Deschamps, não pelo ridículo dos intérpretes. Na verdade não há qualquer resquício de ridículo na dignidade que marca estes velhos artistas que o público aplaudiu frequentemente com o mesmo carinho. E essa a grande vitória do autor e encenador num espectáculo que revela uma sensibilidade, uma ternura, e que ao mesmo tempo contém uma graça que não podem deixar de evocar Chaplin e Jacques Tati. E além destes um outro cineasta, Fellini, claro, mas sem a crueldade, o carácter exibicionista, no bom sentido, que os filmes de Fellini por vezes exprimem.

Acrescentemos a isto intervenções musicais ao vivo, de um acordeonista «off», e de um conjunto de câmara em luta com os ruídos da outra sequência para ajudar a entender a força comunicativa deste espectáculo. Aliás, a participação do pianista, com uma máscara gorbacheviana incrível, bastava para dar a este espectáculo uma carga de cómico sem paralelo; de referir ainda a recuperação de velhas canções como essa espantosa «Plaisir d'Amour» cantada com uma emoção e uma graça inesquecíveis.

Todos os elementos do espectáculo parecem fazer parte da mesma família, que parece trabalhar para a felicidade do público como demos a entender, embora de forma muito vaga e insuficiente.

Falámos de família. E que os grupos que Jérôme Deschamps forma são autênticas famílias ou transformam-se em tal. Aliás, não é por acaso que sua mulher, Macha Hakeleff, é a sua principal colaboradora. O actual grupo não é o mesmo que vimos actuar em 1981. No entanto, o mesmo espírito familiar parece ajudar a criar a incomparável atmostera que se respirava neste espectáculo.

Um crítico francês escreveu: «E a vida, caramba, quando a sonhamos em grande e que se escapa entre os dedos. A vida Deschamps.» E isso: é a vida. Mas é principalmente o teatro.

Depois do espectáculo procuramos Deschamps para lhe agradecer aquela lição maravilhosa e para lhe colocar uma pergunta muito simples: NÃO QUER IR A Portugal, um dia destes, fazer um seminário sobre o seu teatro? Com a mesma simplicidade Jérôme Deschamps respondeu-me: Vamos a isso. Devo explicar que o recado não era pessoal. Trata-se de um velho projecto da actriz Júlia Correia: espero que desta vez possa concretizar-se. Vamos a isso.

Sentado à minha esquerda estava um senhor, à esquerda desse senhor estava um outro. Enquanto o espectáculo não começou este senhor conversou com outro que estava atrás dele sobre os espectáculos em cena e em especial sobre o Brecht de Strehler. Vi-os gozarem com uma cena provocada por uma jovem que, atrasadíssima, protestava pelo facto do seu lugar e do lugar da amiga estarem ocupados. Depois do espectáculo ouvi o senhor que estava quase a meu lado despedir-se do amigo dizendo este: Au revoir, Georges. Só pode ser ele, pensei, Georges Banu, que em vão procurara na véspera na imensidão do Chaillot. Era.

(Estamos a chegar ao fim desta agenda, mas ainda nos esperam emoções tremendas: para a próxima vez, calcule-se, **L'Opéra des Quat'Sous** de Brecht/Weill, na encenação de Giorgio Strehler.)

Carlos Porto

Mensagens Pessoais

Aviso aos leitores

ALGUNS leitores, comprensivelmente interessados em aproveitar a oportunidade que lhes é oferecida por esta secção de anúncios gratuitos do «Sete Ponto Sete», enviam-nos regularmente — em certos casos semenalmente — o mesmo texto para publicação. Trata-se, sobretudo, de pessoas que assim pretendem publicitar a sua actividade comercial ou industrial. Casos houve, recentemente, em que a renovação de pedidos de publicação do mesmo anúncio foram acompanhados pelo envio de cheques com diferentes quantias.

Estes factos levam-nos a recordar o seguinte:

«Mensagens Pessoais» é uma secção **gratuita,** não devendo os leitores enviar-nos qualquer importância acompanhando o pedido de publicação de anúncios.

A secção foi criada para permitir a todos a divulgação de informações curtas — compra, venda ou troca de objectos pessoais, propostas de viagens ou de actividades em comum. Não se destina a servir aqueles que, detentores de um pequeno comércio ou de outra actividade lucrativa e regular, desejam publicitá-la.

Por outro lado, é-nos impossível, geralmente, satisfazer segundos ou terceiros pedidos de publicação do mesmo anúncio sem prejudicar primeiras publicações de novos leitores que pretendem aproveitar o serviço que lhes oferecemos.

Somos, assim, obrigados a pedir a todos aqueles que repetem frequentemente o envio do mesmo anúncio que se abstenham de o fazer. O mesmo pedido dirigimos àqueles que pretendem divulgar a sua actividade comercial ou industrial.

Tintin

Compro os primeiros dezanove volumes do Tintin. Preço a combinar. Contactar: Nuno Fernandes — R. Combatentes G. Guerra, 83 — 3800 Aveiro.

«DN-Magazine»

Compro n.º 1 do «DN-Magazine» de 5-Out.-86. Agradeço contacto pelo telefone 084-24546.

TV preto e branco

Preto e branco Grundig Electronic 52 cm 2 canais. Bom estado, registada. Telefone 332565. 7000$00.

Fortunato de Almeida

História de Portugal (encadernada) e/ou História da Igreja (brochada), de Fortunato de Almeida, intactas. Ainda por abrir. Vende-se. Telef. 641414.

Explicações

Estudante universitária dá explicações. Preço acessível. Contacte: 883689.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o «Sete Ponto Sete» publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o «Sete Ponto Sete» nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», «Sete Ponto Sete», «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.